



O VERBO E A CARNE

DUAS ANÁLISES DO ROUSTANGUISMO

JÚLIO ABREU FILHO

J. HERCULANO PIRES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Herculano Pires

e

Júlio Abreu Filho

O Verbo e a Carne
(Duas Análises do Roustanguismo)



Theodore Rousseau - A Pesca



Conteúdo resumido

No presente volume, J. Herculano Pires faz uma minuciosa análise crítica da mistifidadora obra *Os Quatro Evangelhos*, de J. B. Roustaing. Essa obra, que foi denominada “A revelação da revelação” é um extenso e emaranhado conjunto de dissertações, algumas copiadas das obras de Kardec e outras propondo teorias estranhas sobre a personalidade de Jesus, além de outras afirmações duvidosas e contraditórias.

As teorias do Roustanguismo acabaram influenciando os próprios dirigentes da Federação Espírita Brasileira, em cujo estatuto foi determinado que para participar da diretoria dessa instituição era obrigatória a confissão de aceitação das teorias roustainguistas.

Herculano demonstra, enfim, a fragilidade do movimento espírita brasileiro, cujo excesso de religiosismo leva muitos adeptos à aceitação, sem uma análise racional, de todo tipo de “novidade” doutrinária.

Sumário

O Verbo e a Carne.....	4
Parte I – José Herculano Pires	6
1 – O Roustanguismo à Luz dos Textos	7
2 – O Prefácio de Roustaing	10
3 – As Premissas do Roustanguismo	14
4 – Os Textos Mediúnicos	17
5 – O Fatalismo Roustanguista	20
6 – O Corpo Fluídico de Jesus	22
7 – Infância Mágica de Jesus	26
8 – Repetições e Retrocesso.....	30
9 – Reencarnação e Escala dos Mundos	33
10 – A Metempsicose de Roustaing.....	37
11 – Os Dez Mandamentos	42
12 – Razão de Ser do Roustanguismo	50
13 – O Roustanguismo no Brasil	55
14 – O Caso Guerra Junqueiro.....	60

Parte II – Júlio Abreu Filho	74
Advertência	75
1 – Erros Doutrinários (O Sentido do Roustainguismo)	76
2 – Roustaing como Encarregado da Fé	88
3 – Médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier.....	99
4 – Jesus: Homem ou Agênere?.....	109
5 – As Três Revelações.....	121
6 – “Elos Doutrinários”	130
7 – O Sentido Oculto do Roustainguismo.....	142
Indicações de leitura que fazem análise das obras de Roustaing	156

O Verbo e a Carne

“O verbo se fez carne e habitou entre nós...”
(João, 1:14).

No seu leito de libertação, pouco antes de abandonar o casulo do corpo e voar para o Além, Júlio Abreu Filho conversava comigo e Jorge Rizzini sobre questões doutrinárias. Surgindo o problema do Roustainguismo, lembrei o seu trabalho a respeito e a necessidade de reeditá-lo. Júlio entusiasmou-se com a idéia e incumbiu-me de tratar do assunto. Estava presente uma de suas filhas, a Sra. Ceres Nogueira Abreu Sacchetta, esposa de meu amigo e colega de imprensa Hermínio Sacchetta.

Falei a Júlio da necessidade de uma revisão do texto e acréscimo de notas explicativas. Ele me autorizou a fazer o que fosse necessário, pois compreendia a exigência de atualização. Mas ao reler o trabalho de Júlio vi que era necessário fazer um pouco mais. Esse trabalho é polêmico e seguiu os rumos determinados pelas circunstâncias. Embora muito valioso, particularmente pelos dados que o informam, devia ser amparado por um esforço de análise metódica. Pensei numa introdução, mas o assunto exigiu mais do que eu pensava. Fui levado a escrever um pequeno livro, que é uma introdução analítica ao livro de Júlio. Assim, achei melhor que ambos figurassem num volume único, sob um título geral.

A escolha do título **“O Verbo e a Carne”** foi determinada pelo profundo significado do versículo 14, capítulo I do Evangelho de João: **“O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”**. Na polêmica entre kardecistas e roustainguitas esse versículo é pacífico, pois o Roustainguismo também aceita a encarnação do Verbo, embora condicionando-a ao dogma da **encarnação fluidica**. Assim, o **título evangélico** não implicava nenhuma afirmação a priori, nenhuma antecipação de conclusões.

Por outro lado, a relação entre o Verbo e a Carne envolve questões fundamentais do Cristianismo, amplamente desenvolvidas pelo Espiritismo. Este volume não trata especificamente dessas questões, mas são elas, sem dúvida, o ponto central dos dois trabalhos, o meu e o de Júlio. Nenhum título os unificaria melhor. Muita gente pensa que a questão do Roustainguismo deve ser posta de lado. Essa é uma atitude cômoda, mas não corresponde às exigências da boa compreensão doutrinária. Espero que o nosso trabalho – o meu e o de Júlio Abreu Filho – concorra para melhor entendimento do problema.

São Paulo, 21 de novembro de 1972.

José Herculano Pires

Parte I

José Herculano Pires

* * *

À memória dos amigos e companheiros
Eng. **Júlio Abreu Filho**
Dr. **Manuel de Paula Cerdeira**
Dr. **Carlos Imbassahy**

que corajosamente lutaram nas trevas do
mundo para que a luz da razão
prevalecesse entre os homens.

* * *

1

O Roustainguismo à Luz dos Textos

Quem foi Roustaing e o que é o Roustainguismo? Essas duas perguntas são muito comuns no meio espírita. Como acontece em todos os movimentos doutrinários – religiosos, políticos, sociais etc. –, o Espiritismo é conhecido apenas superficialmente pela maioria dos espíritas. A obra de Roustaing, **Revelação da Revelação – Os Quatro Evangelhos**, é muito extensa e complicada, abrangendo quatro volumes de 500 páginas, em média, cada um. Os artigos sobre essa obra, divulgados quase exclusivamente pela revista *O Reformador*, da FEB - Federação Espírita Brasileira, são em geral longos e confusos, além de apaixonados. Os artigos de crítica, raramente publicados num ou noutro órgão da imprensa espírita, limitam-se quase sempre a refutar aqueles.

O leitor espírita vê-se diante do problema de Roustaing como diante de uma muralha intransponível. A obra maciça o espanta e as discussões agitadas o perturbam. Isso o leva a tomar posições de segunda mão, ficando com a opinião do círculo a que pertence. O resultado é vermos o movimento espírita dividido em áreas kardecistas e áreas roustainguistas. O grupo roustainguista da Federação Espírita Brasileira, tradicional e apoiado em dispositivos estatutários da “casa máter”, sustenta o princípio de que Roustaing é o complemento necessário de Kardec. É “a revelação da revelação”.

O prestígio da FEB e a sua insistência na divulgação e sustentação do Roustainguismo dá certo vigor a este, particularmente no centro e norte do país. Mas, ao mesmo tempo, a repulsa a Roustaing é maciça em São Paulo, cuja tradição kardecista se estende a todo o sul, com exceção de um grupo numeroso em território gaúcho, compensado, no outro extremo, pela firme posição kardecista do Estado do Rio. Entretanto, mesmo na Guanabara, em toda a região fluminense e no norte e nordeste não se pode falar de um maciço Roustainguismo,¹ pois há numerosos grupos de vigorosas instituições que repelem a “revelação da revelação”.

Vemos assim que o problema é grave e exige um esforço de esclarecimento. Durante certo tempo o slogan “o corpo de Jesus não interessa, o que interessa é o seu espírito” conseguiu refrear as divergências. Por outro lado, o chamado “pacto áureo”, lavrado oficialmente entre a FEB e a USE paulista (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo) fez cair uma cortina de silêncio sobre a questão. Mas em fins de 1971 e princípios de 1972 a própria FEB se incumbiu de rasgar a cortina, iniciando pela *Reformador* uma campanha de revivescência do Roustainguismo e lançando nova edição da semi-esquecida obra mediúnica **Os Quatro Evangelhos**. Verificou-se então um fato curioso: as novas gerações de espíritas foram surpreendidas pela “novidade” roustainguista, o que mostra como fora longo o silêncio sobre o assunto. E alguns pequenos grupos entusiasmados com a “novidade” apareceram aqui e ali, agitando de novo o tranqüilo movimento espírita sulino.

Esse fato mostrou a necessidade de um exame mais atento e desapassionado da obra de Roustaing. Essa a razão de ser deste trabalho. Entendemos que, nesta fase de expansão do movimento espírita e de amadurecimento da cultura espírita no Brasil, questões desta ordem não podem ser encaradas com negligência nem recolocadas em termos de simples polêmica. O Roustainguismo está arvorado em nosso território como bandeira de renovação. Essa bandeira permanece hasteada no edifício tradicional da FEB. Grandes e nobres vultos do movimento espírita brasileiro foram roustainguistas ou são apontados como tal. Temos de examinar a obra de Roustaing de maneira objetiva e determinar com segurança o seu valor em face da obra fundamental de Kardec.

Seria lógico revisarmos de início o problema da implantação do Roustainguismo no Brasil e analisarmos o sentido da sua doutrina. Mas esses problemas – o histórico e o teórico – dependem do conhecimento objetivo dos textos. Sem sabermos o que é o Roustainguismo não podemos compreender o fenômeno da sua implantação nem examinar o seu significado, do qual deriva naturalmente o seu sentido. Por isso, temos de inverter os termos da proposição e começar pelo exame objetivo dos textos de

Roustaing. Vamos colocar as teses fundamentais do Roustainguismo na lâmina do nosso microscópio e submetê-las ao exame histológico. É isso o que Kardec chamava “**passar pelo crivo da razão**”.²

Não temos a pretensão do absoluto. Queremos apenas chegar aos resultados da análise e oferecê-los aos que debatem o problema sem disporem desses elementos indispensáveis. Conseguídos esses elementos, cada qual procederá de acordo com as regras do bom senso e dará o seu próprio veredicto. Essa é a nossa intenção ao iniciar este trabalho.

2

O Prefácio de Roustaing

Começa assim o prefácio: “Submeto ao exame e à meditação de meus irmãos **Os Quatro Evangelhos** e, em seguida, **Os Mandamentos explicados em espírito e verdade**”. A essa nobre intenção o autor acrescenta um relato da sua vida trabalhosa e dos seus estudos, de uma grave enfermidade porque passou e da qual, ao sair, foi informado por um clínico “da possibilidade de comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual”. Essa notícia, recebida com ceticismo, levou-o depois a pesquisar o assunto. Leu **O Livro dos Espíritos** e em seguida **O Livro dos Médiuns**, chegando à conclusão de que: “O mundo espiritual era bem o reflexo do mundo corporal”.

De posse desse dado consultou a História, compulsou os livros de filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas, vendo que as verdades contidas naqueles livros se confirmavam. Leu ainda o Velho e o Novo Testamento, que também lhe deram a mesma confirmação. Mas notou uma falta: “...tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável... no tocante à revelação referente à origem e à natureza espirituais de Jesus, sobre a sua **posição espírita** em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus poderes e a sua autoridade”. Também permaneciam inexplicáveis as palavras de Jesus: “Deixo a vida para retomá-la; ninguém ma tira, sou eu que a deixo por mim mesmo”, e “Tenho o poder de deixar a vida e tenho o poder de a retomar”.³

A essas dúvidas se juntaram as referentes ao desaparecimento do corpo de Jesus do sepulcro, estando selada a pedra que lhe fechava a entrada à sua ressurreição e às suas aparições, bem como “à sua ascensão às regiões etéreas, com as suas palavras proféticas acerca do futuro do nosso planeta e dos acontecimentos que hão de preceder ao seu segundo advento...” E sentiu desde então “a necessidade de uma revelação nova, de uma Revelação da Revelação”.

Essa convicção o levou a isto:

“Na véspera do dia 24 de junho de 1861 eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao espírito de João Batista manifestar-se por um médium que se achava em minha companhia e com o qual diariamente me consagrava a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do espírito de meu pai e do meu guia protetor. Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. O espírito do apóstolo Pedro manifestou-se a 30 de junho, de modo inesperado tanto para mim quanto para o médium”.

Depois dessas manifestações Roustaing travou conhecimento com Madame Collignon. E com essa médium, oito dias mais tarde, começaria o trabalho de recepção de **Os Quatro Evangelhos**. Mateus, Marcos, Lucas e João, “assistidos pelos apóstolos”, deram-lhe extensa comunicação sobre a missão que lhe cabia, de receber a Revelação. Em maio de 1865 todo o trabalho estava realizado, preparando “a unidade de crenças e a fraternidade humana pela efetivação das promessas do Mestre e, por fim, o Reino de Deus na Terra”. Roustaing termina o prefácio com estas palavras: “Ficai certos, como eu, meus irmãos, de que eles atingirão a meta”.

Como se vê, Roustaing começa o prefácio oferecendo a obra ao exame e à meditação dos espíritas, mas conclui afirmando a sua validade. Estende-se em considerações sobre o valor da razão e das ciências, mas acaba ordenando “Ficai certos, como eu”, o que exclui o raciocínio dos leitores.

Refere seus estudos, seus trabalhos, suas pesquisas como elementos que devem provar o valor de suas conclusões, mas não vai além da referência, não oferece dados nem qualquer elemento para a avaliação do seu esforço. Tudo repousa apenas na sua palavra, no seu auto-julgamento. Entusiasmou-se com **O Livro dos Espíritos** e **O Livro dos Médiuns**, mas não percebeu nesses livros os seguintes pontos:

- 1º) Que a origem e a natureza espirituais de Jesus são as mesmas de todos nós, o que o próprio Jesus explicou ao

ensinar que somos todos filhos do mesmo pai que é Deus, “o meu pai e vosso pai”, como disse a Madalena.

- 2º) Que a posição espírita de Jesus em relação a Deus é a de um Espírito Superior, da qual decorrem os seus poderes e a sua autoridade, dos quais por sua vez decorre o sentido espírita das palavras que lhe pareceram inexplicáveis.
- 3º) Que o desaparecimento do corpo de Jesus do túmulo não se deu com a pedra selada, mas depois do afastamento da pedra, e que a ressurreição, as aparições e a ascensão de Jesus, bem como as suas profecias, explicam-se pelos poderes mediúnicos.
- 4º) Que a necessidade de uma revelação nova, ou revelação da revelação, não passava de falta de compreensão dos livros que lera.
- 5º) Que o seu desejo de receber uma nova revelação e a sua evocação dos espíritos pelo médium, com o qual vinha trabalhando, já estava condenada n’**O Livro dos Médiuns** como uma temeridade.
- 6º) Que o simples fato de não haver ele comunicado ao médium essas evocações não justifica a sua afirmação de que as manifestações foram espontâneas – e de que as manifestações posteriores de Pedro e outras apóstolos seriam simples consequência da sua temeridade.

A análise desse prefácio nos mostra que Roustaing procedeu como um neófito do Espiritismo, deixando que entusiasmo inicial o levasse a uma posição perigosa no trato com os médiuns e os espíritos. As advertências de Kardec a respeito não foram consideradas por Roustaing, como ainda hoje não o são por muitas pessoas demasiado entusiastas e ansiosas de “novas revelações”.

Faltou a Roustaing a compreensão do método kardecista para a realização de experiências espíritas.⁴ Essa deficiência fundamental, declarada explicitamente por Roustaing no seu prefácio, impede-nos de considerar a sua obra como espírita e de aceitar as revelações que lhe foram feitas como válidas.

A situação emocional de Roustaing, por ele mesmo confessada, mal saído de uma grave moléstia, e as atitudes que assumiu no trato da mediunidade – sem levar em consideração a exigência básica do **consenso universal** – são mais do que suficientes para configurarem a sua obra como suspeita.

Vejamos agora se a análise dos textos posteriores confirma essa suspeita ou se a invalida. No caso de a invalidar teremos pelo menos uma razão para aceitar a possibilidade de que a obra de Roustaing seja válida, segundo as exigências doutrinárias. Essa razão única não será suficiente doutrinariamente, mas poderá justificar a atitude dos que a aceitam e propagam.

3

As Premissas do Roustanguismo

O Roustanguismo é uma tese. Como tese ele se desenvolve segundo as regras do silogismo.⁵ As suas premissas são colocadas no início do prefácio de **Os Quatro Evangelhos**. Deixamos esse aspecto do prefácio para analisá-lo em separado, objetivando maior clareza na sua apreciação, e também pela sua importância prática no tocante à aceitação da tese pelos espíritas.

Toda tese apresenta duas espécies de verdade ou falsidade: a *formal* e a *substancial*, que se tornam evidentes na análise do silogismo. Assim, o silogismo, ou processo de raciocínio, pode ser *formalmente verdadeiro*, quando a sua estrutura segue rigorosamente as regras lógicas. Vamos a um exemplo simples:

- 1) “Os Espíritos Superiores se manifestam para revelar a Verdade.”
- 2) “A Revelação da Revelação foi ditada por Espíritos Superiores.”
- 3) “Logo, Os Quatro Evangelhos são a Verdade.”

Este é o silogismo que leva os roustanguistas a aceitar e defender **Os Quatro Evangelhos**. Ele oferece, de fato, uma *verdade formal*. Sua estrutura lógica é perfeita. A conclusão deriva com precisão da premissa maior e da premissa menor. Mas não basta a forma perfeita para nos dar a verdade. Precisamos também e principalmente da substância legítima, que nos dá a *verdade substancial*.

Como encontrar a *verdade substancial* desse silogismo? Ela está sempre na premissa menor. A verdade é modesta, esconde-se no meio do silogismo. A premissa maior enuncia um princípio geral, sobre o qual não há dúvida: “Os Espíritos Superiores se manifestam para revelar a Verdade”. A premissa menor tira uma conseqüência que pode ser verdadeira ou falsa: “A Revelação da Revelação foi ditada por Espíritos Superiores”.

A premissa menor é a chave do silogismo, mas o silogismo, por si mesmo, não pode provar a sua legitimidade. É então que

temos de recorrer à pesquisa, à análise, ao exame kardeciano dessa hipótese. Nesse caso temos de nos servir do método de Kardec para testar os Espíritos. Se não provarmos que eles realmente são superiores o silogismo é falso e a tese é substancialmente falsa.

Mas vejamos agora o silogismo de Roustaing. Ele é colocado, com *perfeição formal*, no início do prefácio de Os Quatro Evangelhos. O seu esquema nos oferece todo o processo de raciocínio que levou Roustaing a aceitar a obra e a oferecê-la ao mundo como uma nova revelação. Vejamo-lo nas próprias palavras de Roustaing, segundo a tradução primorosa de Guillon Ribeiro:

- 1) “Emana esta obra daqueles que prepararam o advento da missão terrena de Jesus, participaram do desempenho dessa missão e escreveram esses livros (os Evangelhos)”;
- 2) “Depois de haverem, nos limites da missão terrena que cumpriram, dado testemunho de Jesus, eles, despojando da letra o espírito”;
- 3) “Vêm clarear o que parecia trevas e do que era considerado mentira extrair a verdade”.

Coloquemos agora, para maior clareza, esse longo silogismo em termos de lógica formal. Sua estrutura lógica é esta:

- 1) Os Quatro Evangelhos são obra dos precursores, dos evangelistas e dos apóstolos;
- 2) Eles agora apresentam os Evangelhos sem o véu da letra;
- 3) Logo, Os Quatro Evangelhos são a Verdade.

Segundo a lógica formal, também chamada lógica menor, este silogismo nos leva apenas à *verdade formal*. Mas para chegarmos à *verdade substancial* temos de recorrer à lógica maior, que exige o exame das premissas. Ao contrário do silogismo que demos como exemplo inicial, este silogismo de Roustaing não parte de uma premissa formada por um princípio geral, mas por um pressuposto particular. Roustaing admitiu a legitimidade dos autores espirituais da obra, mas o seu veredicto pessoal não tem validade universal.

Temos assim de analisar as duas premissas. Se a primeira se mostrar *substancialmente falsa*, ou seja, se obtivermos a prova de que os espíritos que ditaram a obra não são o que Roustaing supõe, todo o raciocínio estará prejudicado. A segunda premissa será falsa, pois seu fundamento é a primeira. E a conclusão, resultante lógica de duas premissas falsas, não exprimirá a verdade mas a mentira. Todo o nosso empenho, portanto, terá de ser posto no exame do texto, pois somente o texto poderá nos revelar a natureza real dos espíritos autores.

4

Os Textos Mediúnicos

As matérias que se seguem a esse prefácio de Roustaing são várias e constituem complementos do mesmo. Sua finalidade é demonstrar a concordância da teoria roustainguista com as pesquisas científicas dos fenômenos espíritas e refutar a crítica de Kardec a **Os Quatro Evangelhos**. Constituem assim um anteparo do texto. O que nos interessa não são os argumentos polêmicos, mas a obra em si. Faremos um exame de amostragem, colhendo os trechos mais significativos dos textos mediúnicos, aqueles em que falaram os Espíritos ou autores espirituais. Não seria possível um exame total e minucioso da obra, o que exigiria uma obra ainda mais vasta que a de Roustaing.

Entremos, pois, na apreciação dos seguintes trechos:

“Os evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados, mas dentro dos liames da humanidade, guardando, em face da aptidão mediúnica, a independência da natureza que lhes era peculiar. Assim, escrevendo, recebiam a intuição que os auxiliava na revelação”.

“A intuição lhes vinha da inspiração divina por intermédio de espíritos superiores que desempenhavam o papel de ministros de Deus, agindo sobre a natureza humana, livre e falível, de cada um deles”.

“As palavras dos apóstolos passaram de boca em boca durante muito tempo antes que fossem escritas, o que deu lugar, de certo modo, às diferenças que se notam nas narrativas. Levando em conta o que nas relações mediúnicas há de humano e por isso de molde a embarçá-las, ter-se-á desvendado o segredo dessas diferenças, aliás pouco importantes em si mesmas”.

“Não podendo deixar de ser assim, os evangelistas, em certos casos que vos serão assinalados, ficaram privados da inspiração, entregues ao próprio critério, nalguns pontos da narrativa oriundos da voz pública e que, ao tempo da nova

revelação, da revelação da revelação, teriam de ser explicados e compreendidos”.

(Tomo I, cap. I – “Os Evangelhos”)

Nos dois primeiros trechos vemos os evangelistas classificados como “médiuns historiadores inspirados”. Recebiam a inspiração de espíritos considerados como “ministros de Deus”. Mas no trecho último vemos que eles, em certos casos, “ficaram privados da inspiração”.

A experiência mostra, desde o tempo de Kardec até hoje, que os médiuns inspirados, mormente quando a serviço de causas elevadas, não ficam jamais entregues a si mesmos. Os “ministros de Deus”, nesse caso, teriam falhado no cumprimento da sua missão. Como admitir isso?

No trecho intermediário temos uma tentativa de justificação. A demora na fixação escrita das “palavras dos apóstolos” explicaria “de certo modo” as diferenças entre os textos evangélicos.

Acontece que essas diferenças são explicadas muito mais simples e objetivamente por esta verificação das pesquisas históricas: os evangelistas escreveram seus relatos em épocas e locais diferentes, distanciados uns dos outros. Os “ministros de Deus” ignoravam esse fato?

Quanto à transmissão oral das “palavras dos apóstolos”, temos de considerar a existência das *logia*, anotações escritas de trechos de sermões de Jesus pelos apóstolos. O proto-evangelho de Marcos, também designado pela expressão alemã *Urmarcus*, é considerado como o ditado pessoal das lembranças do apóstolo Pedro ao seu discípulo Marcos, ainda na língua aramaica. Também esses fatos eram ignorados pelos “ministros de Deus”?

O Evangelho de Marcos, na forma que conhecemos, foi escrito no ano 45, em grego, provavelmente em Roma. O de Mateus foi escrito entre os anos 55 e 60, provavelmente na Síria, em hebraico. O de Lucas entre os anos 70 e 80, em grego literário de fino labor, possivelmente na Europa ou na Ásia. O de João nos anos 80, em grego e na cidade de Éfeso. Renan, no passado, e Charles Guignebert, no presente, são os dois grandes pesquisadores históricos, ambos franceses, que conseguiram melhor estabe-

lecer esses dados. Ambos concordam em que os primeiros escritos que deram origem aos Evangelhos foram feitos muito cedo, ainda durante a vida de Jesus.

Os dados históricos baseiam-se em documentos antigos longamente examinados e confrontados. Se os próprios evangelistas ditaram mediunicamente os trechos acima a Roustaing é estranho que se esquecessem dos motivos reais das diferenças de relatos entre os Evangelhos.

A nova revelação, ou “revelação da revelação”, não devia tratar desse grave problema de maneira mais precisa? Ou haverá algum motivo “não revelado” para que o assunto seja apenas afluído nessa linguagem vaga, lançando sobre os textos evangélicos maior volume de dúvidas do que realmente existe?

Temos ainda de considerar, no exame desses trechos do texto mediúnico de **Os Quatro Evangelhos**, o problema da linguagem dos espíritos, que é um dos pontos fundamentais da Doutrina para a identificação dos comunicantes. Como se verá nos trechos que ainda vamos transcrever, a linguagem da obra é sempre a mesma: vulgar, com evidente dificuldade de expressão em vários trechos, com aplicação de expressões impróprias como “dentro dos liames da humanidade” e ainda com utilização de certos jogos de palavras que revelam segunda intenção. É o que iremos vendo através de exemplos do próprio texto. E é bom lembrar que a tradução brasileira é considerada mais clara que o original.

5

O Fatalismo Roustainguista

O nascimento de João Batista, relatado no Evangelho de Lucas, dá lugar a longos comentários no tomo primeiro de **Os Quatro Evangelhos**. Os espíritos comunicantes aproveitam o fato para minuciosos ensinamentos sobre fertilidade e esterilidade humanas. O que mais ressalta desses ensinamentos é o fatalismo islâmico⁶ que preside à vida do homem na Terra. Vejamos um trecho:

“Zacarias era inconsciente, médium, como bem compreendeis: vidente, intuitivo, pela consciência que tinha da sua visão, e audiente. Assim se explica que tenha visto o espírito e lhe tenha falado”.

“Foi condenado ao silêncio, não por haver duvidado, porquanto é avisado o homem que se põe em guarda contra o desconhecido, mas para que aquela enfermidade momentânea corroborasse as predições que lhe vinham de ser feitas”.

“... Insistimos nas palavras do anjo a Zacarias a respeito de Elias, palavras essas repetidas e confirmadas mais tarde pela opinião e pela voz públicas. Sim. Elias seria João e João fora Elias”.

(Tomo I, cap. I – Aparição do anjo Zacarias)

Nesse pequeno trecho há várias contradições. Zacarias era inconscientemente médium (expressão que se repete nos textos) mas “era vidente, intuitivo, pela consciência que tinha da sua visão, e audiente”. Afinal, era médium consciente ou inconsciente? E o que quer dizer “inconscientemente médium”? Todo médium que tem consciência de ver, intuir, ouvir etc. não é nem pode ser inconscientemente médium.

A seguir vemos uma contradição com o texto evangélico: Zacarias não foi condenado ao silêncio por haver duvidado do anjo, mas para que “corroborasse as predições que lhe vinham de ser feitas”.⁷ Nessas previsões se inclui a reencarnação de Elias em João Batista. Emenda tardia e desnecessária ao texto evangélico

tradicional, pois a prova dessa reencarnação é dada pela autoridade maior que é Jesus. Qual, pois a razão dessa emenda que não pode ser verificada quanto à sua verdade ou falsidade?

Nos longos comentários sobre fertilidade e esterilidade os espíritos criam uma teoria de assimilação e repulsão de fluídos pelo organismo humano, mas ao mesmo tempo se referem a espíritos incumbidos de controlar esses fluídos para que as provas de esterilidade durem o tempo predeterminado. Não se sabe, assim, se a prova se cumpre de maneira mecânica, segundo as leis naturais, ou pela vigilância dos espíritos. A esterilidade de Isabel era uma prova escolhida por ela e Zacarias. Este suplicava um filho em suas preces. Mas não foram as preces que lhe deram o filho, pois: “Tendo soado a hora da concepção e do nascimento, nasceu João”.

Os autores espirituais de **Os Quatro Evangelhos** tratam este problema nos termos e na linha de pensamento de Kardec. Nada dizem de novo, nada revelam. Mas há uma novidade: a confusão que estabelecem nos seus comentários, dando a impressão de que o fatalismo preside a vida humana na Terra. Apercebendo-se disso, passam então a fazer advertências contra a interpretação errônea do que afirmam: “Não vejais, nestes pontos de vista, nenhuma fatalidade...”. E esse aviso só serve para mais confundir o problema.

A “revelação da revelação” nada revela nesse assunto, como se pode ver no texto. Limita-se a repetir princípios doutrinários que Roustaing já havia aprendido ao ler **O Livro dos Espíritos** e **O Livro dos Médiuns**. Mas ajunta à repetição algumas hipóteses absurdas e improváveis, que os discípulos e seguidores do “mestre” acreditam ser “verdades reveladas”. Entre essas a de que a mudez de Zacarias foi produzida pelo anjo, que impregnou a sua língua de fluidos magnéticos, tornando-a pesada...

6

O Corpo Fluídico de Jesus

A teoria central do Roustainguismo é a do corpo fluídico de Jesus, que não possuiu corpo carnal como nós. Vejamos como se explica nos textos a formação desse corpo:

“Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluídos ambientes necessários, constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanção de seus fluidos perispiríticos, os fluidos ambientes necessários à constituição daquele perispírito”.

“Dessa maneira se tinha que verificar a sua cooperação, mas de forma para ela inconsciente, porquanto o estado de encarnação humana lhe não permitia lembrar-se. Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez aos olhos dos homens, ela, inconscientemente, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou espírito superior que lhe fora enviado, estabeleceu, pela emanção dos fluídos do seu perispírito, uma irradiação simpática que atraiu os fluídos necessários à formação do corpo fluídico de Jesus”.

“Nenhum efeito, entretanto, teria produzido a ação inconsciente de Maria, sem a intervenção da vontade daquele que ia descer ao vosso mundo. Jesus, pois, constituiu, ele próprio, pela ação da sua vontade, o perispírito tangível e quase material que se tornou, tendo-se em vista o planeta que habitais, um corpo relativamente semelhante ao vosso”.

(Tomo I – cap. I – Anunciação)

Este pequeno trecho revela uma ingenuidade assustadora. O que fez Maria nesse episódio? Encarnou-se na Terra para fingir de mãe, esqueceu-se do papel que ia desempenhar – pois era médium inconsciente... – mas agiu inconscientemente atraindo

os fluídos na esperança de representá-lo. Entretanto, no momento decisivo, Jesus teve de intervir e constituir ele mesmo o seu corpo fluídico, pois só ele podia fazer tal coisa. Só restou a Maria, em todo o drama, uma “pontinha” à Hollywood para a entrada em cena da falsa gravidez.

No ponto culminante da revelação, o que nos é revelado é o papel de tola desempenhado pela falsa mãe do Messias. Tem-se a impressão de um artista piedoso admitindo uma jovem inexperiente ao seu lado para não desgostá-la. O artista não precisava da jovem, mas aceitou o seu pretense concurso e acabou fazendo tudo por si mesmo. O público não percebeu nada. E a jovem muito menos. Mais adiante a veremos sendo lograda pelo nenozinho esperto que lhe suga o seio sem sugá-lo.

Poderíamos encerrar aqui a nossa análise. Não há mais o que analisar. A revelação da revelação abortou nesse episódio lírico-burlesco, ainda nas primeiras páginas do primeiro tomo da obra roustainguista de duas mil páginas. Mas acontece que o Roustainguismo é uma crença e os seus adeptos não aceitarão a nossa conclusão. Precisamos de paciência e coragem. Iremos além...

Por sinal que além desse ato lírico-burlesco só nos resta, no trecho acima, constatar o decalque da teoria do perispírito que Roustaing absorveu na leitura de **O Livro dos Espíritos**, de Kardec. Lemos acima que o perispírito é um corpo fluídico tangível. A expressão corpo fluídico é de Kardec. Mas Kardec mostra que esse corpo fluídico pode tornar-se tangível no fenómeno das aparições tangíveis. Roustaing misturou as coisas e formou “aparentemente” essa nova expressão.

Outro aspecto curioso de utilização das teorias kardecianas é o do trecho médio da transcrição acima, quando Roustaing (ou seja, os espíritos que ditaram a obra) dizem que Maria produziu uma irradiação simpática do seu perispírito para atrair os fluidos necessários. É essa a teoria explicativa das manifestações mediúnicas. O espírito comunicante produz irradiações do seu perispírito que afetam o perispírito do médium, provocando o fenómeno semelhante em forma de reação. A mistura dos fluidos espirituais do espírito com os fluidos materializados do médium

produz o elemento necessário, semimaterial, que permite a ação do espírito no plano material.

Estamos praticamente diante de um ato de apropriação indébita. Não há nada de novo em tudo isso, a não ser o falso emprego da teoria.

Mas vamos a outro trecho básico, relativo à gravidez de Maria. E juntemos a ele o trecho referente ao parto. Vejamo-los:

“A gravidez de Maria foi obra do Espírito Santo, porque foi obra dos Espíritos do Senhor, e, como tal, aparente e fluídica, de maneira a produzir ilusão, a fazer crer numa gravidez real”.

“Os espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na Terra reuniram em torno de Maria fluidos apropriados que lhe operaram a distensão do abdômen e o intumescerem. Ainda pela ação dos fluídos empregados o mês-truo parou durante o tempo preciso de uma gestação, contribuindo esse fato para a aparência da gravidez, pela intumescência e pelos incômodos causados. Maria, sob a inspiração do seu guia e diante desses resultados, que para ela eram o cumprimento da anunciação que lhe fizera o anjo ou espírito enviado, acreditou na realidade do seu estado”.

“Seu parto foi igualmente obra do Espírito Santo, porque também foi obra dos Espíritos do Senhor, e só se deu na aparência, tal como a gravidez, por isso mesmo que resultava desta, que fora simplesmente aparente. Tanto quanto da gravidez, Maria teve a ilusão do parto, na medida do que era necessário, a fim de que acreditasse, como devia acontecer, num nascimento real”.

Aqui a intenção do ridículo se torna clara. O episódio lírico-burlesco perde todo o lirismo. A análise emperra diante do absurdo, pois o absurdo não pode ser analisado. Temos de saltar por cima do abismo e encarar o texto por outro ângulo. Os espíritos reveladores empregam neste momento os ingredientes da magia para fascinar o leitor. Estamos no plano do irracional. Mas não nos enganemos. Por trás dos bastidores estão estirados e ativos os cordéis da mágica teatral. O embuste é evidente. Não se

trata da magia natural, mas da artificial. Numa palavra: do ilusionismo mal intencionado. Não é à-toa que o texto inclui a expressão: “de maneira a produzir ilusão”. Os ilusionistas, seguros do efeito do seu truque, sentem-se à vontade para empregar as palavras certas.

Todos carregamos conosco os resíduos do animismo tribal, da magia primitiva que antecedeu a religião. A mágica de teatro excita em nós esses resíduos que sobem do inconsciente ao consciente e determinam a regressão psicológica. Voltamos à tribo, ao tabu,⁸ ao totemismo,⁹ ao animismo dos primórdios.¹⁰ Isso pode acontecer com o homem rude e simples ou com o homem ilustrado e ingênuo. E só essa regressão pode explicar a aceitação das teorias roustanguistas acima por criaturas que ostentam o verniz da civilização. É o mesmo caso dos resíduos mágicos das nossas religiões chamadas positivas. A fé ingênuo da selva desperta no coração do homem atual e o leva a aceitar, emocionado, os dogmas do absurdo.

Apesar dessa explicação, podemos perguntar como admitir-se a utilização desses truques ou passes de mágica por Espíritos Superiores. Como aceitar-se o papel de Jesus, sob a permissão, pelo menos, de Deus, nesse processo de trapaça espiritual em nome da verdade? Se Descartes já não houvesse aniquilado o Gênio Maligno nas suas reflexões do *Discurso do Método*, ainda poderíamos recorrer a ele. Mas nesta altura dos tempos já não nos sobra mais essa possibilidade.

Infância Mágica de Jesus

“Quando Maria, sendo Jesus na aparência pequenino, lhe dava o seio, o leite era desviado pelos espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo menino, que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica que se exercia sobre Maria, inconsciente dela”.

“Eis o que fez Jesus nos três dias que esteve em Jerusalém. Ao abrir-se o templo, entrava com a multidão e com a multidão saía quando o templo se fechava. Uma vez fora e longe dos olhares humanos, desaparecia, despojando-se do seu invólucro fluídico tangível e das vestes que o cobriam, as quais, confiadas à guarda dos espíritos prepostos a esse efeito, eram transportadas para longe das vistas e do alcance dos homens. Voltava para as regiões superiores onde pairava e paira ainda, nas alturas dos esplendores celestes, como espírito protetor e governador da Terra. Ao reabrir-se o templo, reaparecia entre os homens, retomando o perispírito tangível e as vestes que o faziam passar por um homem aos olhos dos humanos”.

(Tomo I, cap. 2.º – Jesus no Templo)

A infância mágica de Jesus, contada na obra de Roustaing, faz lembrar certos Evangelhos apócrifos que descreveram a vida do menino através de incríveis peripécias.¹¹ Nos trechos acima vemos a descrição anedótica da amamentação aparente de Jesus. Maria, mais uma vez, continuava iludida. O menino fingia mamar. A transformação do sangue em leite é um ato de magia, digno de figurar nas estórias para adolescentes.

A permanência de Jesus em Jerusalém, nos três dias em que esteve perdido para os pais, caberia num enredo de aventuras infantis. Os “ministros de Deus” que deram a nova revelação criaram uma nova categoria angélica: a dos anjos guarda-roupas. Seria difícil imaginar-se maneira mais adequada de ridicularizar o Espiritismo aos olhos das pessoas de bom senso. A aceitação

de uma obra como esta pelos espíritas e a sua divulgação só pode explicar-se pela falta de discernimento.

Roustaing é o anti-Kardec. Se Kardec é o bom senso, Roustaing é a falta de senso. A esta altura do exame dos textos já não se pode permanecer em atitude neutra diante dos absurdos que surgem a cada passo. Estamos em pleno mar da imaginação, flutuando ao sabor das ondas. Mas há uma intenção evidente – a de lançar o ridículo sobre o Espiritismo.¹²

Quando falamos de magia não estamos nos referindo à magia natural que decorre das funções mediúnicas, mas sim da magia primitiva ou anímica, bem definida por Malinowski,¹³ que tanto existe nas selvas como nos meios mais civilizados. É esse o tipo de magia que constitui a essência do Roustainguismo, na mesma linha do pensamento mitológico que gerou a teoria grega do corpo fluídico de Jesus na era apostólica, contra a qual se ergueram os apóstolos, como vemos nas epístolas de Pedro e João.

A anedota da amamentação de Jesus exemplifica bem esse tipo de magia. Jesus menino não aparece ali como um ser real, mas como um ser artificial, um deus mitológico que se disfarça numa criatura humana, como o faziam os deuses gregos e romanos para iludirem os homens e pregar-lhes as suas peças. Usando o poder mágico da transmutação (alquimia) ou transubstanciação (teologia) o menino mitológico (e, portanto, anticristão) mudava o leite materno em sangue e o devolvia à circulação no corpo de Maria. É uma adaptação ao Espiritismo do dogma católico da eucaristia.¹⁴

Pode-se alegar que isto seria possível por meio da ação mediúnica. O caso da transformação da água em vinho, citado no Evangelho, poderia justificar essa teoria. Mas não podemos esquecer as seguintes diferenças: quando Jesus operou a transformação da água, não o fez para iludir ninguém, mas para demonstrar os seus poderes e despertar a fé nos que deviam ouvi-lo; foi, portanto, uma ação moralmente lícita, como todas as suas ações; essa transmutação (química e não alquímica) não foi uma encenação, mas um fato real, ainda hoje constatável na atividade mediúnica. A transmutação do leite de Maria implica problemas morais inadmissíveis numa personalidade espiritual

elevada, tanto mais que por trás dela encontra-se todo o complexo fantasioso e absurdo do nascimento fingido. Estaríamos diante desta contradição que minaria os alicerces do Cristianismo e de todo conceito espiritual: a **Verdade revelada através da mentira.**

Não podemos separar os princípios éticos do contexto de nenhum problema espiritual. Alega-se também que Jesus ensinava em parábolas. Mas as parábolas não são mentiras, são formas alegóricas, simbólicas de transmissão da Verdade. A própria Psicologia materialista constatou essa necessidade de sermos verdadeiros no ensino das coisas mais corriqueiras, condenando as explicações fantasiosas do nascimento das crianças. Se a lenda ingênua da cegonha é um mal por ser mentirosa, que dizer do mito absurdo do nascimento fingido de Jesus? O uso da alegoria é válido e prepara o advento da verdade, mas o uso do fingimento é próprio dos mistificadores, dos embusteiros, das criaturas falsas e não de espíritos esclarecidos.

O mesmo se aplica ao episódio ridículo da permanência de Jesus menino em Jerusalém. O menino não era menino, mas um espírito adulto disfarçado em criança. Enganava os doutores da lei com suas respostas astuciosas e enganava o povo com suas fugas para o Céu, deixando as roupas em mãos dos anjos que o ajudavam na mistificação. E por que tudo isso? Porque em Jerusalém, justificam os “ministros de Deus” era difícil encontrar lugar para um menino permanecer três dias sozinho. Desculpa tola, como se vê, que só tem uma justificativa: **uma mentira puxa a outra.**

Bem precário seria o poder divino se estivesse submetido à condição de recorrer aos ardis humanos, às espertezas comuns dos passadores de conto do vigário, para poder trazer a Verdade à Terra. Não são os mestres espirituais que se utilizam dessas formas grosseiras de mistificação, mas os espíritos mistificadores, os embusteiros vulgares. Justifica-se, pois, o ardor de João, o evangelista, e de Pedro, o apóstolo, ao repelirem a teoria do corpo fluídico, bem como o ardor de Paulo ao nos advertir contra as fábulas que desfiguram a Doutrina do Cristo.¹⁵

A frase do último trecho acima citado: “Voltava para as regiões superiores onde pairava e paira ainda...” encerra uma malícia diabólica. Afirmando que Jesus retornava aos esplendores celestes, como espírito protetor e governador da Terra, ela pretende encobrir com essa declaração enfática o ridículo da esperteza do menino. Os corações ingênuos se comovem com essa falsa abnegação de um deus mitológico, obrigado a participar entre os homens de uma pantomima celeste, e o raciocínio enganado justifica o mito.

8

Repetições e Retrocesso

Esgotada a leitura do primeiro volume de **Os Quatro Evangelhos**, cai o leitor num verdadeiro redemoinho de repetições. Uma simples consulta aos índices de cada um dos quatro volumes da obra revela isso. As revelações e os comentários se repetem no ritmo de um moinho, sem cessar, lançando sempre o mesmo produto. Kardec advertiu, ao registrar o aparecimento da obra, que ela era demasiado vasta. Posteriormente assinalou, como vemos no próprio artigo de crítica publicado na *Revista Espírita*, número de junho de 1866,¹⁶ e reproduzido para contestação no primeiro volume da obra de Roustaing, que esta obra nada mais fez do que avançar além dos limites exigidos pelo bom senso, não se afastando – quando naqueles limites – da linha por ele traçada em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**.

O Codificador, sempre compreensivo e generoso, não quis aprofundar a análise do texto. Isso não o livrou da resposta agressiva que o advogado de Bordeaux lhe deu. Na verdade, Kardec poderia ter demonstrado que Os Quatro Evangelhos não passavam de uma repetição de todos os temas por ele já desenvolvidos nos livros da Codificação. E o que é pior: uma repetição desfigurada pela tentativa de renovação da tese docetista do corpo fluídico e complicada por um acréscimo excessivo de comentários vulgares, em tom dogmático e autoritário.

Apesar do seu espírito natural de tolerância, Kardec não deixou de assinalar a inocuidade dessa obra, o que exasperou Roustaing, como se vê na resposta que este lhe deu. Mas o tópico mais importante do artigo sereno de Kardec foi o seguinte, que mais duramente feriu os melindres do autor e dos seus seguidores:

“Convém considerar tais explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, mas que, em todo caso, precisam da sanção da concordância universal e até confirmação mais ampla

não devem ser tidas como parte integrante da Doutrina Espírita” (Ibid.).

Esse *kritérion*, que constitui uma das partes fundamentais do método kardeciano,¹⁷ jamais beneficiou a obra de Roustaing. O que nela se encontra, excluído naturalmente o decalque geral da obra de Kardec, é simples opinião pessoal dos espíritos reveladores, que se enfeitaram, como dizia Kardec, com os nomes veneráveis dos evangelistas, dos apóstolos e de Moisés. Esse enfeite, por si só, não oferece nenhuma garantia de legitimidade. Por outro lado, a vulgaridade da linguagem e das interpretações, e mais ainda o ridículo das passagens que já analisamos – e de muitas outras que qualquer leitor de bom senso encontrará em abundância nos textos – provam de sobejo contra a pretensão reveladora da obra.

A ingenuidade de Roustaing, que foi colhido na sua vaidade pelos espíritos enganadores, revela-se na própria publicação de um livro decalcado da obra de Kardec, na época tão em evidência na França e no Mundo. Uma pessoa da sua posição, dotada de um pouco mais de bom senso, não teria a coragem de lançar esse plágio evidente, que se denuncia em cada passagem do texto, disfarçado apenas com os acréscimos de imaginação, os quais não passam, também, de repetições cansativas de hipóteses combatidas no Cristianismo desde a era apostólica e condenadas nas epístolas do Novo Testamento.

Essa renovação do Docetismo,¹⁸ heresia do II século da era cristã, equivale a um retrocesso histórico. A revelação da revelação regride nada menos de dezoito séculos. E não obstante pretende provar que corresponde à era moderna, estando de perfeito acordo com as conquistas científicas. Roustaing refuta a acusação de docetismo que Kardec faz à sua obra alegando que os Docetas não conheciam a mecânica da gravidez aparente e do parto aparente. Entende que a sua doutrina é nova porque “explica” a encarnação fluídica do Messias. A verdade é que pouco importa essa mecânica imaginária.

A palavra Docetismo vem do grego (doceta) que quer dizer: crença numa aparência. Vejamos a definição que lhe dá o *Dictionnaire Encyclopédique Quillet*: “Heresia do segundo século

que consistia em pretender que o filho de Deus só tinha carne aparente, que só havia nascido, vivido e sofrido em aparência”. O Roustainguismo, por acaso, diz outra coisa?

Roustaing escuda-se num sofisma, afirmando: “O Espírito puro não pode aparecer em um mundo fluídico, imediatamente inferior às regiões dos fluidos puros que ele habita, senão por encarnação ou incorporação fluídica voluntária”.

A encarnação fluídica é explicada com o exemplo das materializações de Katie King por Crookes, com uma diferença: a de que Jesus se serviu, sem que disso realmente necessitasse, da mediunidade de Maria. Assim, seu corpo aparente não era carnal como o nosso, mas de uma carne refinada. Só a chamada **lógica do absurdo**, que é uma espécie de antilógica, poderia tornar aceitável esse jogo de palavras. E com isso procura safar-se da acusação de docetismo que Kardec lhe fez acertadamente.

O elemento fundamental desta doutrina incongruente é o preconceito sexual, a consideração das leis naturais da procriação como impuras. Teria Jesus esse preconceito? Ele, que se dizia filho do homem,¹⁹ que condenava e contrariava os preceitos desumanos da lei de pureza de Israel, teria exigido um privilégio para a sua encarnação entre os homens? Ele que se colocou em tudo ao nosso lado, chegando a afirmar que tudo o que fazia nós também podemos fazer – e até mais do que ele fazia –, teria se recusado a aceitar um nascimento natural? E o Espiritismo, que considera as leis naturais como leis de Deus, poderia endossar o docetismo sem cair em contradição com os seus princípios fundamentais?

São estes os problemas que escaparam à perspicácia do advogado de Bordeaux, à vaidosa ingenuidade de Roustaing e à simplória teologia dos seus adeptos atuais – porque a “revelação da revelação” se proclama, entre outras coisas, “a iniciadora da fase teológica”... Mais uma vez o advogado e seus seguidores, acompanhados pelos “ministros de Deus” se esquecem de que **O Livro dos Espíritos** começa pela definição de Deus. Essa definição iniciou, muito antes de Roustaing, os estudos teológicos no Espiritismo.

Reencarnação e Escala dos Mundos

A encarnação é necessária? perguntou-me um neo-roustainguista em França, após uma palestra doutrinária. Se não é – respondi – porque estamos encarnados? O confrade, que atravessava a fase de deslumbramento provocada pela “nova revelação” quis demonstrar-me que, segundo Roustaing, há espíritos que nunca se encarnaram e não têm necessidade da vida corpórea. A tese se encontra no cap. 14 do Tomo IV, referente ao capítulo 4º do Evangelho de João. Os “ministros de Deus” estudam nesse tópico a evolução da essência espiritual e repetem mais uma vez, de maneira necessariamente mais confusa, o ensino dos Espíritos a Kardec:

“Como não ignorais, a essência espiritual, para ir do seu ponto de origem ao período preparatório do estado espiritual de inteligência independente, livre e responsável, revestida de razão e livre arbítrio, tem que passar, conforme vos explicamos tratando da origem do espírito, pelas fases sucessivas e progressivas da materialização nos reinos mineral e vegetal e da encarnação no reino animal. Tem que passar depois por aquele período preparatório. Transposto esse período e uma vez de posse do livre arbítrio, ela se acha na condição de Espírito formado, mas em estado de simplicidade, de ignorância, de inocência, cumprindo-lhe passar pela fase da infância e da instrução e ser, pelos seus guias, colocada em situação de se servir do livre arbítrio”.

“Então, no gozo da sua independência e da sua liberdade, que de uma e outra decorrem, escolhe o Espírito o caminho que prefere tomar. Se se conserva puro no do progresso, dócil a seus guias, seguindo constantemente a estrada simples e reta que lhe é indicada, chegará à perfeição, tendo progredido no estado fluídico. Torna-se assim puro Espírito, Espírito que não faliu, de pureza perfeita e imaculada, tal como Jesus, protetor e governador do nosso planeta”.

Roustaing leu em **O Livro dos Espíritos** o tópico referente à progressão dos Espíritos. Ali encontrou os seguintes itens:

120 – “Todos os Espíritos passam pela feira do mal para chegar ao bem?”

R. – “Não pela feira do mal, mas pela da ignorância.”

121 – “Por que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?”

R. – “Não têm eles o livre arbítrio? Deus não criou Espíritos maus. Criou-os simples e ignorantes, ou seja, tão aptos para o bem como para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por sua vontade.”

Bastam esses itens para termos a prova da **origem misteriosa** da nova revelação. O decalque está claro. E os acréscimos são sempre desenvolvimentos imaginários. Neste caso, como em muitos outros, o acréscimo demonstra a falta de compreensão e assimilação do ensino espírita. Roustaing admite, ante a infalibilidade dos “ministros de Deus” sem nenhuma prova ou investigação a respeito, que Deus estabeleceu um privilégio absurdo para os Espíritos que seguiram o caminho do bem: eles “chegam à perfeição, tendo progredido no estado fluídico”. Isso vai levá-lo a aceitar também duas escalas de mundos: a feira dos mundos materiais e a feira dos mundos fluídicos.

Entretanto, Kardec explica o seguinte:

“Os Espíritos que seguem desde o princípio o caminho do bem nem por isso são perfeitos. Se não têm más tendências, não estão menos obrigados a adquirir a experiência e os conhecimentos necessários à perfeição”. (Comentário ao item 127.)

Por isso, a necessidade da encarnação **para todos os espíritos** está patente, à revelia de Roustaing, no texto roustainguista. Se os espíritos procedem do princípio inteligente, por desenvolvimentos sucessivos e progressivos através dos reinos da Natureza, como podem saltar repentinamente por cima das leis naturais e penetrar no plano dos espíritos perfeitos, onde a reencarnação não é mais necessária? Eles podem, graças ao livre arbítrio,

escolher entre o bem e o mal, mas acaso esse próprio discernimento não provém da experiência e do conhecimento? Como provam a sua capacidade de manter-se no caminho do bem se não forem submetidos às tentações e atrações da existência carnal, no prosseguimento natural da sua evolução?

Mas a tentação da novidade, o desejo de encontrar uma saída para o maravilhoso, a fascinação do imaginário, é um abismo permanentemente aberto aos pés do Roustainguismo. Os “ministros de Deus” não suportam a estreiteza lógica do raciocínio humano. Precisam do hipotético, do utópico, da fábula²⁰ de que falava o apóstolo Pedro, e escapam da realidade pela porta da fantasia. O espírito que lentamente se formou nos reinos naturais, pela progressiva individualização do princípio inteligente, mal chegou à condição – não humana, mas de entrar no reino hominal – já se atira com asas de Ícaro em direção ao Sol.

Adquirida a condição de entrar no reino hominal, o espírito está na condição da criança, como assinala Kardec, e terá de aprender na família, com os primeiros rudimentos da sociabilidade, e posteriormente na escola, depois ainda no trato social, no processo das relações humanas,²¹ as grandes lições da vida que o prepararão para os cursos superiores dos mundos mais adiantados. “Tudo se encadeia no Universo” – ensina **O Livro dos Espíritos** – e particularmente no item 540: “desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo”. Essa concepção monista do Universo, que corresponde ao monoteísmo, ligando numa estrutura única o conceito de Deus e o conceito de Criação, é a conquista superior do homem, que o Roustainguismo pretende devolver ao pluralismo antigo. Kant considerou a idéia de Deus como a mais elevada que o homem pode conceber, porque essa idéia é a síntese suprema, o mais alto grau da abstração mental. Mas o Roustainguismo esfarela tudo isso no seu delírio mágico, no seu desejo insano de retornar ao primitivo.

É o que vemos na sua teoria dos mundos fluídicos e materiais, desligados entre si como dois ramos antagônicos da Criação. Uma espécie de masdeísmo²² espírita, em que Deus e o Diabo dividem o Universo em dois reinos igualmente brutais: o do bem

e o do mal, pois nem o bem pode ser puro em face do mal permanente. Vejamos o texto:

“Mundos fluídicos – destinados à habitação de espíritos que, desde o estado de infância e de instrução, nunca faliram, e que, conservando-se sempre puros na senda do progresso, progridem no estado fluídico”.

“Mundos materiais – diversos mundos destinados à encarnação dos espíritos falidos e, como tais, sujeitos à encarnação humana”.

Os “ministros de Deus” não perceberam que não se trata de duas fieiras, de um processo descontínuo, mas de uma continuidade natural, em que os mundos fluídicos representam a fase superior de desenvolvimento dos mundos materiais. Como diz o provérbio: ouviram cantar o galo, mas não sabem onde.

Por sinal que Kardec adverte, no artigo refutado por Roustaing, que não havia possibilidade de interpretações discordantes no tocante às questões morais do Evangelho. As “muitas moradas da Casa do Pai” constituem um problema de evolução moral. Como era preciso discordar de qualquer maneira, para que a “nova revelação” fizesse jus ao nome de “revelação da revelação”, os “ministros de Deus” encontraram como sempre uma saída ilógica.

A Metempsicose de Roustaing

Mas há um aspecto do problema da reencarnação em Roustaing que merece tratamento especial. Como que tentando reajustar o sistema evolutivo de Kardec, admiravelmente harmonioso, coerente e portanto lógico, os “ministros de Deus” estabelecem uma estranha ligação entre os mundos fluídicos e os mundos materiais. Conseguem isso através de um expediente ridículo, determinando o retrocesso evolutivo dos espíritos altamente evoluídos, que nunca precisaram de encarnar-se. Esses espíritos angélicos repetem no Roustainguismo a façanha de Lúcifer, o anjo rebelado, mas de maneira deprimente, sem nenhum sinal da grandeza satânica da revolta bíblica.

Há três pontos que devemos considerar, no exame desse problema, com muita atenção:

- 1º) Roustaing é um decalque de Kardec, mas em sentido caricato. Sua doutrina é uma caricatura da Doutrina Espírita com todas as deformações intencionais destinadas a ridicularizar o Espiritismo.
- 2º) Roustaing – e com ele os “ministros de Deus” – não foi capaz de compreender o problema da evolução do espírito²³ em Kardec. O processo contínuo e seqüente da evolução foi quebrado pela teoria roustainguista, dando ocasião a um retrocesso que devolve a doutrina da reencarnação à metempsicose antiga.
- 3º) O restabelecimento da metempsicose não sendo mais possível, diante da lúcida argumentação kardeciana a respeito e da natural evolução da cultura, os pseudo-teóricos da “revelação da revelação” foram cair mais uma vez na armadilha do ilogismo, oferecendo-nos uma doutrina monstruosa da queda dos anjos, que só não apavora porque provoca riso.

Os leitores interessados no assunto não precisam perder muito tempo com a consulta aos quatro volumes da obra indigesta. É difícil agüentar essa leitura maçuda. Basta examinarem a teoria

roustainguista da reencarnação no primeiro volume de “Os Quatro Evangelhos”. É no exame dos capítulos de Mateus e Lucas sobre a genealogia de Jesus (vejam só!) que aparece, em meio do volume, páginas 300 e pouco da edição de 1942, a pergunta n.º 58 sobre as “substâncias humanas”. O livro foi tão mal feito que Guillon Ribeiro teve de reorganizá-lo para a edição brasileira. E assim mesmo não é fácil indicar os tópicos a serem examinados, em virtude da balbúrdia do texto. Experimente o leitor fazer uma citação dessas.

A referida pergunta 58, por sua vez, bastaria para nos mostrar o estado mental do pobre Roustaing, que depois de uma doença grave, ao sair do hospital, foi logo envolvido pela falange mistificadora. Vamos dar na íntegra a pergunta:

“Haveis dito que os espíritos destinados a ser humanizados, por terem errado muito gravemente, são lançados nas terras primitivas, virgens ainda do aparecimento do homem, do reino humano, mas preparadas e prontas para essas encarnações, e que aí encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de corpos, nas condições de macho e fêmea aptos para a procriação e para a reprodução. Quais as condições dessas substâncias humanas?”

Os espíritos reveladores haviam dito que a evolução espiritual se processa em duas linhas: a dos espíritos que no início se desviaram para o mal e portanto ficam sujeitos às reencarnações, e a dos espíritos que nunca se afastaram do bem e por isso evoluem através de mundos etéreos. Mas mesmo esses espíritos bons estão sujeitos a cometer um destes três pecados: o ciúme, a inveja e o ateísmo. Assim, quando um desses espíritos bons comete um desses pecados é obrigado a encarnar em “substâncias humanas”.

Vejamos os trechos principais da resposta dos espíritos reveladores ao pobre Roustaing sobre as “substâncias humanas”:

“São corpos rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado de esboço, como tudo o que se forma nas terras primitivas. O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos,

nem fortes, nem inteligentes. Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha. As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A providência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução”.

Notemos a absoluta incapacidade de Roustaing para compreender o que havia lido em Kardec sobre o desenvolvimento do princípio inteligente a partir dos reinos inferiores da Criação. Os espíritos reveladores, sempre matreiros, aproveitam-se disso e do precário estado mental e psíquico do advogado convalescente para elaborarem a mais ridícula teoria da reencarnação. E rematam essas explicações chocarreiras com esta afirmação:

“As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas se vão alongando e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam. Mas não é nossa tarefa traçar aqui a história da Criação. O espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta. Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõem se acham dispostos por maneira que o espírito os possa usar e aperfeiçoar. Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Podeis fazer idéia da criação humana estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São uma massa quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja ou antes desliza, tendo os membros, por assim dizer, em estado latente”.

Essa é a “revelação da revelação”. Roustaing copia e desfigura Kardec acrescentando aos seus ensinamentos os maiores absurdos. Note-se que essas criaturas estranhas, em forma de larvas e lesmas, são encarnações de espíritos humanos que haviam atingido alta evolução sem passar pela encarnação humana. Depois de desenvolverem a razão em alto grau e de haverem colaborado com Deus nos processos da Criação, chegando mesmo a orientar criaturas humanas, voltam à condição de “criptógamos carnudos”.

Mas por que falam os reveladores em “substâncias humanas”? Por que não simplificam as coisas, dizendo simplesmente que esses espíritos decaídos vão encarnar-se em lesmas? Porque é preciso enganar os espiritistas que aceitam Kardec e sabem que a evolução espiritual é irreversível, que o espírito humanizado não pode regredir ao plano animal. É o mesmo processo de sofisma, de tapeação, usado na questão do corpo “aparente” de Jesus, quando falam em encarnação fluídica para escaparem ao anátema de João contra os que dizem que o Cristo não veio em carne. As “substâncias humanas” dos “criptógamos carnudos” são uma invenção absurda e tola. E tanta gente a defender essas bobagens dentro do Espiritismo!

Mas o que são “criptógamos carnudos”? Por que esse nome estranho? Tudo tem a sua razão na máquina infernal do ilogismo roustainguista, embora seja sempre a anti-razão que entra em cena. Apreciemos o assunto à luz da razão para tentar esclarecê-lo.

A palavra criptógamo é empregada cientificamente para designar certas plantas cujos órgãos reprodutores não aparecem, são ocultos. A origem do termo é grega: *kryptos*, que quer dizer oculto, e *gamos* que quer dizer casamento, união. Assim, criptógamo é um exemplar de espécie vegetal que tem os seus órgãos reprodutores escondidos. Os “reveladores” roustainguistas acrescentaram a palavra *carnudo* para adaptar a designação ao reino animal. Assim, “criptógamo carnudo” seria uma espécie animal (mas não animal porque formado de substâncias humanas) em que se encarnam espíritos humanos que regrediram ao plano vegetal e animal.

Atenção para isto: quando dizemos que eles regrediram ao plano vegetal e animal não estamos forçando a interpretação. Cientificamente os animais semelhantes a plantas estão localizados na linha divisória dos reinos vegetal e animal, são desenvolvimentos de plantas. Se existissem esses “criptógamos carnudos” a Ciência os catalogaria como formas de passagem dos criptógamos vegetais para o reino animal.

Temos assim a teoria da Metempsicose, tão seguramente refutada pela lógica de Kardec, devolvida ao meio espírita pelo

ilogismo roustainguista. Bastaria esse triste episódio, colhido no caldeirão diabólico dos absurdos de **Os Quatro Evangelhos** para nos provar, sem a menor sombra de dúvida, que essa obra é de autoria das trevas e que a sua finalidade é confundir os espiritistas pouco habituados a passar as coisas pelo crivo da razão. Mais do que isso, porém, o objetivo evidente é o de ridicularizar o Espiritismo para dele afastar as pessoas de bom senso.

11

Os Dez Mandamentos

A apoteose da obra de Roustaing não é a Ressurreição mas o Decálogo. O ciclo obsessivo dos retornos periódicos tinha de fechar-se no retorno bíblico. **Os Quatro Evangelhos** são uma constante mistura de comentários que vão e vêm, como num redemoinho, entre o Velho e o Novo Testamento. É essa também uma técnica de fascinação. O leitor se sente aturdido, mas atraído para o torvelinho. Quanto mais se aturde, mais se afunda no bártro das idéias em conflito, das explicações mil vezes repetidas. Há mesmo um *leit-motiv* exasperante, no estilo do Bolero de Ravel, girando em parafuso para levar o leitor ao fundo de um poço. Mas lá não se encontra a Verdade em sua nudez lendária e sim o dragão²⁴ de boca chamejante.

Toda a força obsessiva de Roustaing, que primeiro o tragou para depois tragar os outros, está nesse processo alucinador. Veja-se este slogan repetido do primeiro ao quarto volume: “segundo a letra, sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre”. O leitor o lê e ouve pela primeira vez no prefácio. E dali por diante não deixa mais de vê-lo e ouvi-lo. É a técnica umbralina da obsessão, segundo o método hipnótico. Repetir, repetir e rodar sem parar. A mente adormece e o espírito se entrega.

Isso explica a recomendação dos pregoeiros do Roustainguismo: voltar à posição zero antes de iniciar a leitura da obra, desprevenir a mente, abandonar-se ao relax consciencial, abdicar do julgamento. Só assim o leitor se porá em condições de abrir o terceiro olho que enriqueceu Lobsang Rampa. E ao abrir esse olho demoníaco fechará para sempre os dois que Deus lhe deu para ver com clareza e precisão.

O tom místico da obra, não do **Misticismo elevado**²⁵ que leva ao êxtase, mas do misticismo fanático que arrasta à fascinação, pode ser facilmente exemplificado por este breve trecho em que a humildade e a arrogância, a ingenuidade e a esperteza, a reverência e a malícia se revezam na movimentação do circuito

obsessivo. Roustaing, o Revelador, o novo Messias, conta primeiro o que recebeu:

“Em maio de 1865 todos os materiais estavam preparados, tanto a respeito dos Evangelhos como dos Mandamentos. O aviso de dar a conhecer aos homens, de publicar a obra da revelação me foi espontânea e mediunicamente transmitido **em termos precisos**”.

E a seguir desencadeia as forças emocionais do caos, que vão num crescendo da humildade até à onipotência. Atrás dele estão Moisés, os evangelistas e os apóstolos:

“Mero instrumento, cumpri meu dever executando tal ordem, entregando à publicidade esta obra, que põe em foco a essência de tudo o que há de sublime na bondade e na paternidade de Deus; tudo o que há de devotamento, de abnegação e de sentimentos fraternais em Jesus, chamado o Cristo, que tão bem mereceu o título de salvador do mundo, de protetor da Terra”.

“A meus irmãos, quaisquer que eles sejam, quaisquer que sejam suas crenças, o culto exterior que professem, corre o dever de não se pronunciarem sobre esta obra senão depois de a terem lido integralmente e de terem seriamente meditado na explicação dos Evangelhos e dos Mandamentos. Indivisível no conjunto, suas diversas partes são solidárias e mutuamente se apóiam”.

Temos a impressão de ouvir, nesse ritmo solene, o próprio Moisés advertindo o povo ou Maomé proclamando a supremacia do Alcorão. Qual o espírito ingênuo e ansioso de superação de si mesmo, quem não se emocionará com esse tom de súplica e de ordenação ao mesmo tempo? As cabeças se curvam ante a vontade do Eterno. Os corações batem descompassados. É a hora em que as correntes de fluidos estrondam como trovões e arrebentam em raios no alto do Sinai, segundo a explicação final do livro. A hora em que a tábua das leis vai cair sobre Israel. A liberdade cristã é uma promessa distante, mas os espíritos crédulos a esperarão através de duas mil páginas, equivalentes aos

dois milênios do Cristianismo deformado pela dogmática dos clérigos.²⁶

No final da obra, esgotados os recursos da “nova revelação” os caminhantes exaustos encontrarão a montanha e Os Dez Mandamentos. Voltamos então ao panorama bíblico dos morticínios, das matanças a *fio de espada*²⁷ e das justificações divinas para todas as atrocidades. Para cada absurdo haverá uma explicação. Para cada crime a sua justificação. Para cada genocídio a sua razão secreta, oculta na mente divina mas arrancada do seu mistério pela vara mágica de Moisés.

Vejamus esta “obra prima” de raciocínio justificativo, que faz do Espiritismo um endosso a todos os genocídios, de Moisés a Hitler e a Truman.

O trecho bíblico escolhido é o do Êxodo; 32: 26 a 29. Transcrevemos apenas o trecho principal:

“Filhos de Levi, disse-lhes ele (Moisés): Eis o que diz o Senhor, o Deus de Israel. Ponha cada homem na cintura a sua espada; passai e repassai através do campo, de uma porta a outra, e que cada um mate seu irmão, seu amigo e aquele que lhe for mais chegado. Os filhos de Levi fizeram o que Moisés lhes ordenara e houve cerca de três mil mortos nesse dia. Então, Moisés lhes disse: Tendes, cada um de vós, consagrado vossas mãos ao Senhor, mesma matando vosso filho e vosso irmão, a fim de que a bênção de Deus vos seja dada”.

Agora a explicação piedosa dos “ministros de Deus”:

“Entre os encarnados da geração a que nos estamos referindo havia também uma categoria de Espíritos que tinham de expiar assassinios por eles cometidos (nessa época grosseira se praticavam tantos!) e que pediram aquela expiação para conseguirem, pela aplicação da lei de talião, depurar-se, reparar e progredir. Os que tomaram mortos aos golpes dos levitas tiveram uma sorte prevista e por eles pedida, porquanto uns pertenciam à categoria dos que haviam tomado por missão manter na Terra e popularizar a idéia da unidade de Deus e rogado que o curso da existência terrena lhes fos-

se detido, caso, faltassem aos seus compromissos. Pertencendo os outros à dos que, tendo de expiar assassinios por eles cometidos anteriormente, pediram aquela expiação e a enfrentaram. Foi assim que nenhum golpe se perdeu, porque, em circunstâncias tais, como deveis compreender, os Espíritos protetores, prepostos a vigiar as provas e expiações de cada um, para que elas se cumprissem, impelindo os culpados ou dirigindo as espadas dos que acutilavam, faziam que aqueles recebessem os golpes que os prostrariam”.

Os mandamentos, assim, explicados, tornam-se humanamente aceitáveis e a revelação espírita se engrandece na perícia com que os Espíritos protetores dirigiam os golpes assassinos. Entretanto, na tábua das leis estava gravado o mandamento: “*Não matarás*”.²⁸ Essa explicação está assinada por Moisés, Elias, João, Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos. O primeiro João é o Batista, o segundo o Evangelista. Todos eles se reuniram no endosso ao morticínio fratricida, certamente por solidariedade a Moisés. O que não deixa de ser um gesto de fraternidade...

A explicação do “*Não matarás*” é outra jóia de compreensão cristã das atrocidades antigas. Dizem os “ministros de Deus”:

“Este mandamento, muito vago em seu enunciado, tem um alcance maior do que o supondes e ultrapassa de muito os limites de vosso ser. Em cada uma das fases do seu passado a humanidade o interpretou segundo as suas necessidades. Em cada uma das fases do seu futuro o interpretará de maneira a lhe ampliar a inteligência e a aplicação”.

Pelo que vimos no caso de Moisés, é possível que no futuro esse mandamento possa ser aplicado num sentido mais amplo: “*não matarás à espada nem a tiros, mas a bombas de hidrogênio*”. Sim, porque é possível que a morte coletiva de milhões de pessoas se torne uma exigência cármica. E então os Espíritos protetores não terão o trabalho minucioso de dirigir as espadas, mas obterão o máximo resultado com o mínimo esforço, dirigindo apenas o lançamento da bomba.

Chegados a esta apoteose, que nos lembra os deuses homéricos participando da destruição de Tróia, parece-nos que o caso Roustaing não precisa de mais nenhuma tentativa de análise. Tivemos num *flash* a fotografia de corpo inteiro da “revelação da revelação”. Essa é a obra que vem sendo divulgada como complementação da obra de Kardec. Nova edição dos quatro alentados volumes de Roustaing está sendo anunciado para todo o Brasil. Artigos veementes são publicados em defesa e louvor dessa “última palavra” da Doutrina Espírita. E isso numa fase em que o Espiritismo entra, em nosso país, em perfeita conexão com o desenvolvimento nacional, num período de intenso crescimento cultural.

As novas gerações, particularmente as de estudantes universitários, que já podem fazer os seus cursos em Faculdades que prenunciam o breve aparecimento das Universidades Espíritas, pois fundadas e mantidas por instituições doutrinárias, poderão inteirar-se agora dos “novos ensinamentos” que nos chegam das esferas superiores. Moisés, os evangelistas e os apóstolos supriram com grande antecedência as nossas necessidades no campo da cultura.

Devemos estar, nesta hora do mundo, sob a ação de um peso carma* coletivo para termos assim de voltar ao exame de livros dessa natureza, editados e reeditados como espíritas. Paciência. Os “ministros de Deus” já nos explicaram como tudo acontece para o bem dos homens e a alegria dos anjos.

* * *

* [**Carma** – Este termo não deve ser utilizado dentro do Espiritismo, por não se encontrar em nenhuma das Obras de Allan Kardec. A palavra carma foi “introduzida” recentemente no Espiritismo através das chamadas obras subsidiárias, ou seja, os livros psicografados “escritos por espíritos através de um médium”, mas não é utilizado em nenhum momento nas obras de Kardec. A palavra carma (em sânscrito *karma* ou *karman* e em pali *kamma*) utilizada na Índia e por muitas correntes filosóficas religiosas, significa em primeira instância “ação”, “trabalho” ou “efeito”. No sentido secundário, o efeito de uma ação, ou se

preferirmos, a soma dos efeitos de ações (vidas) passadas se refletindo no presente.²⁹ Na concepção hindu, carma quer dizer “destino” (canga) determinado ou fixo, ou seja, aqueles cujos atos foram corretos, depois de mortos renascerão através de uma mulher brâmane (virtuosa), ao passo que aqueles cujos atos foram maus, renascerão de uma mulher pária (castas inferiores) e sofrerão muitas desgraças, acabando como simples escravos.³⁰ *Inclusive uma pessoa nascida numa casta impura (um varredor de ruas, um auxiliar de crematório, por exemplo) deve permanecer na profissão herdada. Cumprindo o melhor possível e de maneira ordenada a sua função, tornar-se-á um perfeito e virtuoso membro da sociedade. Por outro lado, ao interferir nas tarefas de outras pessoas, ele será culpado de perturbar a ordem sagrada. (...), mesmo a prostituta, que dentro da hierarquia da sociedade está aquém da virtuosa dona de casa, pode participar – caso cumpra com perfeição o código de sua desprezível profissão – do supra-humano e transindividual Poder Sagrado que se manifesta no cosmo. Ela pode até fazer milagres que desconsertam reis e santos.*³¹

Sabemos, por orientação dos Espíritos, que quando reencarnamos não escolhemos um destino e sim um gênero de prova que cabe a cada um enfrentar ou recuar.³² Desta forma, não devemos usar a palavra *Carma* dentro do Espiritismo e sim Causa e Efeito, porque os detalhes dos acontecimentos da vida estão na dependência das circunstâncias que o homem provoca, com os seus atos.³³ Se encararmos o carma como um fim total e irreduzível, teremos um problema sério quando falamos de existência e sofrimento.³⁴ O carma foi “inventado” pelos arianos, quando estes invadiram a Índia pelo rio Indo, trazendo consigo sua religiosidade e “criando” as castas para se diferenciarem dos párias e rebaixá-los a posições subalternas. Se pensarmos no carma como um fim último estagnamos o homem, da mesma forma quando aprovamos ou aceitamos a salvação apenas pela justificação da fé ou através da predestinação. O carma na época surgiu para os indianos como uma possibilidade de explicar e entender o mundo, o homem e sua existência. Se realmente existe os deuses ou um Deus bom, por que algumas pessoas

nascem gênios e outras idiotas? Como os deuses julgarão em um suposto juízo final os homens que não tiveram oportunidade de conhecê-los? Se Deus é onisciente e onipresente, então não possuímos livre-arbítrio, estamos encurralados em uma predestinação ou carma. Se não utiliza sua onisciência não pode ser Deus. Estas são perguntas simples que qualquer senso laico já se fez, ou ainda faz, de sua existência.

Foram estas e muitas outras perguntas muito mais elaboradas que o sistema carma veio “resolver” ou tentar explicar. *Explicar o mal e encontrar o meio de fazer que os homens o aceitem, se não com alegria, pelo menos com paz de espírito, têm sido a tarefa da maior parte das religiões.*³⁵ Para os ocidentais a palavra carma não deve ser levada ao pé da letra, mas de forma a entender que o indivíduo passa por situações difíceis e seu futuro é de sua responsabilidade. No Brasil poucas correntes filosóficas ou religiosas utilizam a palavra carma como os indianos, ou seja, *um fim em si mesmo*. Os esotéricos e os místicos, neste ponto, não se enquadram nos pensamentos esotéricos e místicos judeus, cristãos ou islâmicos, apesar de alguns filósofos destes pensamentos aceitarem ou discutirem a possibilidade da reencarnação. Os pensamentos cármicos estão mais próximos dos ensinamentos esotéricos e místicos por seguirem e utilizarem boa parte dos ensinamentos e da filosofia indiana, como é o caso do Shankya, do Vedanta, do Yoga e alguns outros, ou similares como é o caso dos pensamentos de Blavatsky que possui grande influência no meio esotérico e teosófico].

* * *

Criticando recentemente o livro *Eram os deuses astronautas?*, de Daniken, best-seller mundial, com grande venda no Brasil, o Prof. Anathol Rosenfeld assinalava o ridículo de todas as tentativas de combater as tolices dessa obra. Não obstante, escrevia ele, convinha expor-se ao riso das pessoas de bom senso para tentar esclarecer o assunto. O ridículo de certas concepções é às vezes tão grande que só merece o silêncio. O simples fato de quereremos chamar a atenção das criaturas de exagerada boa fé para o ridículo do Roustainguismo é também uma atitude risível. A esse ridículo nos expomos conscientemente neste trabalho.

Vale a pena enfrentar essa posição quixotesca pela só esperança de que alguém acorde do sono hipnótico ou alguém consiga evitar de cair nele.

Os Quatro Evangelhos é o cavalo de Tróia do Espiritismo. Nada mais ridículo do que os troianos recolhendo o engenho grego em sua cidadela, encantados apenas com a grandeza da obra. Ridículo também, por sua inutilidade, o vaticínio de Cassandra, pois o deus Apoio já o havia previamente anulado. Mas Cassandra tinha de fazê-lo por um dever moral. Os que não a ouviram pereceram e levaram o seu próprio reino à destruição total. Temos de enfrentar o ridículo com a coragem moral da profetisa troiana. Mormente agora, que o Cavalo de Tróia, trazendo no bojo os inimigos ferozes, está sendo de novo exibido aos basbaques do Espiritismo.

Razão de Ser do Roustainguismo

O processo histórico do Roustainguismo é demasiado simples e vulgar. O advogado Jean Baptista Roustaing de Bordeaux, leu **O Livro dos Espíritos** e **O Livro dos Médiuns**, depois de haver saído de uma grave moléstia, e impressionou-se com a possibilidade de receber dos espíritos algumas revelações. Isso é o próprio Roustaing quem nos conta no prefácio de sua obra, como vimos no início deste trabalho. Considerando-se apto a receber mensagens esclarecedoras sobre a natureza do Cristo e os fatos obscuros de sua vida na Terra, orou fervorosamente pedindo a Deus – na véspera de 24 de junho de 1861 – que lhe permitisse a manifestação do espírito de João Batista (santo do seu nome), do espírito do seu próprio pai e do seu espírito protetor.

Roustaing mesmo nos dá, no prefácio, esta informação valiosa:

“Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, com o que me provaram que a minha súplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo”.

A seguir Roustaing informa:

“O espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de junho, de modo inesperado tanto para mim quanto para o médium. Fui mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicar essas comunicações de tão alto interesse”.

Todo estudante de Espiritismo sabe que essas evocações pretensiosas acarretam mistificações. Kardec chegou a escrever: *“Evoca um rochedo e ele te responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra, sob qualquer pretexto”*.³⁶ A “imensa alegria” que as comunicações pedidas causaram a Roustaing mostra a sua ingenuidade de neófito. Aceitas as comunicações e aceita a incumbência de “servo de Deus”, Roustaing se entregava às mãos dos mistificadores.

Comparando essa facilidade com as reservas de Kardec ao iniciar a investigação dos fenômenos e ao receber as primeiras mensagens espirituais, vê-se logo a diferença entre os dois. Kardec é a modéstia e a prudência. Roustaing é a pretensão e a precipitação.

Kardec observa, estuda, pesa, analisa e entrega-se à profunda perquirição, à exaustiva experimentação. Roustaing se inflama e se atira sofregamente ao trabalho. Não traça um plano de trabalho, não medita sobre os problemas que vai enfrentar, não submete os espíritos comunicantes a nenhuma prova de identificação moral e espiritual. Descobriu o maravilhoso e nele se perde enlevado.

A gênese do Roustainguismo é, portanto, o anseio do maravilhoso. Tanto assim que enquanto Kardec, sensato e cauteloso, se recusa a falar em religião, atribuindo ao Espiritismo o caráter de Ciência e oferecendo-o às religiões como uma arma na luta contra o materialismo, Roustaing logo se proclama como o revelador, “instrumento útil” nas mãos de Deus para promover “a unidade de crenças e a fraternidade humana pela efetivação das promessas do Mestre e, por fim, do Reino de Deus na Terra”.

Deixemos que ele mesmo nos fale do seu estado de espírito, pois ninguém melhor para o explicar de maneira irrefutável:

“À medida que a revelação se adiantava, minha alma se ia encontrando cada vez mais presa de admiração ao descobrir todas aquelas verdades e eu dizia: – Disponde da vossa criatura, ó meu Deus! Sou vosso, pertencço-vos; meu coração, meu tempo, minha razão, eu os consagro ao vosso serviço; serei feliz, oh! soberano Mestre, se, mau grado à minha fraqueza, puder tornar-me nas vossas mãos um instrumento útil que vos conquistou o amor, o respeito, o coração das vossas criaturas”.

Enquanto em Kardec o estado de espírito era de observação, em Roustaing era de fascinação. Kardec ponderava, analisava, experimentava. Mas Roustaing se entregava aos espíritos, abdicando da própria **razão**. E não queria ser nada menos do que isto: “o instrumento que conquistasse o amor e o respeito das

criaturas para o Criador”, como se Deus necessitasse da ajuda falível de um homem para fazer-se amado e respeitado. Podem alegar que ele se dirigia a Deus, mas as preces orgulhosas não são recebidas por Deus e sim pelos espíritos obsessores. Não foi Deus quem o ouviu e atendeu.

Mas façamos um esquema cronológico do aparecimento do Roustainguismo para vermos a rapidez da sua eclosão:

Janeiro de 1861 – Roustaing se considera restabelecido de grave moléstia e um médico lhe fala “da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, da doutrina e da ciência espíritas como fruto dessa comunicação objetivando uma revelação geral”.

A seguir, Roustaing delibera informar-se do assunto e lê **O Livro dos Espíritos** e **O Livro dos Médiuns**. Depois, faz um passeio pela História e a Filosofia, mergulha na leitura dos livros religiosos, particularmente o Velho e o Novo Testamento. Defronta-se com dúvidas sobre a natureza do Cristo. Dedicase a práticas mediúnicas com médiuns de Bordeaux. Chama a isso de “obra de experimentação e de observação”, imitando Kardec. É fácil verificar-se que não houve tempo para as exaustivas leituras e consultas que alega haver realizado.

Junho de 1861, dia 24 – Roga a Deus a manifestação de João Batista e outros espíritos.

Dia 30 – Recebe uma comunicação do apóstolo Pedro.

Dezembro de 1861 – Atende a uma sugestão de conhecer Madame Collignon e lhe faz uma visita. Oito dias depois vai agradecer-lhe o acolhimento que lhe dispensara. Ao sair, a médium sente impulsos de escrever. A instâncias de Roustaing escreve: é uma mensagem de Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos, incumbindo-o da “revelação da revelação”.

(Temos assim, de janeiro a dezembro de 1861, um ano decorrido entre o interesse de Roustaing pelo assunto e a incumbência que os evangelistas e os apóstolos lhe dão. A obra se inicia imediatamente.)

Maio de 1865 – Escreve Roustaing: “...todos os materiais estavam preparados, tanto a respeito dos Evangelhos como dos Mandamentos. O aviso de dar a conhecer aos homens, de publicar a obra da revelação, me foi espontânea e mediunicamente transmitido em termos precisos”.

(Cerca de três anos e meio durou o trabalho de recepção da obra, o que denuncia uma rapidez excessiva, mormente para um trabalho dessa natureza.)

No total, o Roustaingismo levou apenas quatro anos e meio para se apresentar em seu texto completo. Durante a sua elaboração não houve nenhuma relação entre Kardec e Roustaing. O certo, em casos dessa natureza, é o discípulo procurar os conselhos do mestre, pois Roustaing aprendeu Espiritismo lendo Kardec, embora o tenha aprendido mal. Isso revela a auto-suficiência de Roustaing, confirmando o excesso de orgulho e vaidade que o levaram à mistificação.

Quem conhece a obra laboriosa de Kardec, o estudo paciente a que se entregou, o critério com que rejeitou todas as comunicações “maravilhosas” que lhe eram dadas, a recusa de comunicações assinadas por grandes nomes, cujos textos não justificassem a assinatura, a consulta incessante aos espíritos através de diversos médiuns, pode avaliar a temeridade a que Roustaing se entregou, levado pelo seu entusiasmo exagerado e a sua precipitação.

Historicamente, a razão de ser do Roustaingismo é apenas esta: a inquietação de um convalescente que se impressiona com a obra de Kardec e tem a pretensão de superá-la, esclarecendo pontos obscuros dos Evangelhos com a ajuda dos Espíritos Superiores, através de comunicações por alguns médiuns seus conhecidos e conterrâneos, que, por fim, são substituídos pela médium única, Madame Collignon, responsável mediúnica por todo o texto. O próprio Roustaing provoca a revelação evocando os espíritos, ao contrário de Kardec, que estuda os fenômenos e é surpreendido pela revelação em meio de seus trabalhos de experimentação mediúnica.

A posição científica de Kardec opõe-se à posição vulgar de Roustaing, um homem vaidoso que se deixa levar pelos espíritos mistificadores, aceitando as explicações mais ridículas e absurdas para o esclarecimento de problemas escriturísticos. O grande advogado não passava de um grande ingênuo.

O Roustainguismo no Brasil

Quais os motivos da penetração do Roustainguismo no Brasil? Como e por que ele conseguiu enraizar-se na chamada “casa mãe”? Por que nos defrontamos agora com uma recrudescência dessa pseudo-doutrina? Parece-nos que tudo se resume numa questão de formação religiosa, tendo por fundo a formação racial brasileira e o período medieval do nosso desenvolvimento nacional. O Roustainguismo chegou ao Brasil num momento crítico, quando a nossa cultura estava sendo abalada por várias infiltrações européias. Entre essas, o Espiritismo, que chegara da França e empolgara alguns espíritos cultos na segunda metade do século passado. O Roustainguismo se apresentava como integrado no Espiritismo e tocava de perto a sensibilidade mística de alguns ex-católicos.

A França era então o centro da Civilização e Paris o cérebro do mundo. A obra de Roustaing chegava amparada pelo prestígio da França e do Espiritismo. Trazia ainda a chancela de Roustaing, nome respeitado nos meios jurídicos de Bordeaux, e fora recebida mediunicamente por Madame Collignon, pertencente a prestigiosa família de juristas. Todo esse aparato impunha Roustaing à nossa inteligência. Mais do que isso, porém, a obra trazia um grande alívio aos espíritos místicos, quebrava a frieza racional da obra de Kardec e restituía ao Cristo a sua condição sobrenatural.

Para homens profundamente religiosos, como Bezerra de Menezes, que fora exemplo de católico praticante, Antônio Luiz Sayão, Bittencourt Sampaio e outros, cujos atos atestam o domínio do sentimento religioso à razão crítica, a obra de Roustaing surgia como tábua de salvação, livrando-os do racionalismo kardeciano. Roustaing era a volta ao maravilhoso, ao Cristo místico, divino no espírito e no corpo. Dessa maneira, Roustaing devolvia a essas criaturas as ilusões da religião lírica que as embalara desde a infância.

Não é fácil compreendermos hoje o clima religioso em que o Espiritismo se desenvolveu entre nós. Houve, naturalmente, a dissidência racionalista, constituída por elementos que tendiam para o aspecto racional da doutrina. Daí a divisão, acentuada por Canuto de Abreu, entre os espíritas místicos e científicos. Divisão que foi perdendo o seu sentido na proporção em que a obra Kardec era mais bem compreendida, revelando a sua essência religiosa e sobretudo a sua natureza de elo entre a Religião e a Ciência.

Como explicar-se a posição do Estado de São Paulo taticamente do Sul, rejeitando Roustaing desde o início? Figuras exponenciais como Batuíra e Cairbar Schutel revelaram desde o princípio acentuada tendência racional. Eram espíritos analíticos, amigos da era cartesiana, do espírito positivo, repelindo os exageros místicos. O desenvolvimento cultural de São Paulo contribuiu para a consolidação desse espírito em nosso meio doutrinário. Somente alguns espiritistas isolados deixaram-se levar pelo Roustainguismo, que jamais conseguiu predominar numa só instituição doutrinária. Pelo contrário, nos grupos e nas sociedades espíritas os poucos roustainguistas, mesmo quando se destacavam por seu prestígio pessoal, dissimulavam habilmente a sua posição, como o fazem ainda hoje, evitando atritos.

A vocação pioneira de São Paulo, o impulso para o futuro que o caracterizou desde a sua formação, parece ter influído nessa posição kardeciana. O Roustainguismo, como já vimos, é um impulso de retrocesso, uma volta ao passado. É uma forma de saudosismo. Toda tendência retrógrada, em qualquer campo das atividades humanas, sempre encontrou repulsa no clima mental e cultural paulista. E quando falamos desse clima não nos fechamos nas fronteiras do Estado, pois que ele abrange todo o Sul do Brasil.

Referimo-nos acima ao nosso período medieval. São Paulo também passou por esse período, que podemos figurar na fase da Civilização Caipira. Assim, os elementos básicos de nossa formação racial também estão presentes em São Paulo: o religiosismo português, o animismo indígena, o feiticismo do negro, mas sobre eles dominou o nacionalismo utilitarista do bandeiran-

te desbravador. Esse espírito de audácia, forjado com a matéria-prima de Sagres, espantou dos ares do Planalto os fantasmas aborígenes e africanos e os resíduos do teologismo medieval.

Encontramos num livro de Luciano Costa, *Kardec e não Roustaing*, editado pela Gráfica Mundo Espírita do Rio de Janeiro, em 1943, a mesma afirmação que sustentamos, referente ao sentido retrógrado do Roustaingismo. Não havíamos lido esse livro, que só agora nos chegou às mãos. Folheando-o, encontramos alguns trechos valiosos. Luciano Costa observa que o Roustaingismo nos devolve aos tempos do Cristianismo Primitivo, quando o ensino do Cristo não era ainda compreendido, e acentua:

“Em Roustaing impera, absoluto, sobre todos os seus ensinamentos, o sentimento religioso da Antigüidade. Em **Os Quatro Evangelhos** as verdades são sempre contrariadas pelas mentiras, o natural é prejudicado pelo absurdo e o belo é sempre desfigurado pelo horrível. Jesus é fluidificado, purificado e até endeusado; mas também é ironizado, ridicularizado, deturpado e estupidificado!”

Nos idos de 40, estávamos ainda na mocidade, havíamos nos tornado espírita há poucos anos e não tivéramos tempo de aprofundar o conhecimento da Doutrina. A FEB fazia então grande propaganda da obra de Roustaing, afirmando que se tratava da única interpretação total dos Evangelhos publicada em toda a Cristandade. Nessa época o Rev. Othoniel Motta publicou o seu livro *Temas Espirituais*, em que relata suas experiências espíritas positivas, reconhecendo a veracidade dos fenômenos, mas combatendo a doutrina como diabólica. Analisamo-lo, no ardor da juventude, num folheto intitulado “És Mestre...”, publicado na *Revista Internacional de Espiritismo*, de Matão, e feito em separata pela Editora *O Clarim*. Levado pelas informações da FEB citamos de passagem **Os Quatro Evangelhos**. E um espírita da Bahia escreveu-nos a respeito, felicitando-nos pelo trabalho, mas lamentando a citação infeliz. Fomos consultar a obra famosa e ficamos envergonhados. Graças a Deus Othoniel não recorreu a ela.

Caso semelhante aconteceu a Carlos Imbassahy, segundo nos relatou pessoalmente. Eurípedes Barsanulfo é também citado às vezes como roustanguista em virtude de engano produzido pela propaganda. Logo que acordou do engano, Barsanulfo repudiou Roustaing. Chico Xavier tem sido vítima de mentirosos envolvimentos e sua obra chegou a sofrer deturpações, mas a verdade é que ele nunca apoiou Roustaing. Outros companheiros – e entre eles nos parece que se encontra Bezerra de Menezes – acordam também em tempo, mas não quiseram provocar escândalos no meio doutrinário e preferiram silenciar.

Esses fatos mostram como é insistente e nefasta a propaganda dessa obra de mistificação em nosso meio, mormente por uma instituição tradicional e conceituada. Neste volume, Júlio Abreu Filho faz denúncias graves de desvirtuamento de obras mediúnicas pelo fanatismo roustanguista. Essas denúncias não são de agora, mas publicadas há vários anos. Apesar de tudo, a propaganda continua e a obra deturpadora vai semeando o seu joio na seara. O silêncio estabelecido pelo “Pacto Áureo” deu resultados negativos, pois toda uma geração espírita se formou nesse período e agora está sendo colhida de surpresa pela “novidade” do Roustanguismo. Por esses frutos podemos avaliar a árvore. Qual o bom fruto que o Roustanguismo produziu? Qual?

Por tudo isso – e pelas suas conseqüências desmoralizadoras – é necessário que os espíritas sinceros não se calem. É preciso dizer, em alto e bom som, nas palestras e conferências, nos artigos e nos livros, a verdade sobre a obra de Roustaing. A análise que acabamos de fazer tinha a pretensão de ser apenas análise – e acabou nos levando obrigatoriamente ao terreno da acusação. Porque não é possível calar diante da astúcia dos mistificadores e da fascinação dos que a aceitam e aplaudem.

É dever dos espíritas sinceros combater a mistificação roustanguista neste alvorecer da Era Espírita no Brasil. Ou arrancamos o joio da seara ou seremos coniventes na deturpação doutrinária que continua maliciosamente a ser feita. O Cristo agênere é a ridicularização do Espiritismo, que se transforma num processo de deturpação mitológica do Cristianismo. A doutrina do futuro nega-se a si mesma e mergulha nas trevas mentais do passado. O

homem-espírita, vanguardeiro e esclarecido, converte-se no homem da era anti-cristã, no crente simplório das velhas mitologias.

* * *

“Para o triunfo do mal, basta que os bons fiquem de braços cruzados.”

Edmund Burke

O Caso Guerra Junqueiro

Difícil encontrar-se um poeta mais controvertido, porque mais incompreendido do que Guerra Junqueiro. Considerado genial e até mesmo, à revelia dos camoneanos, “o poeta da raça” pelos contemporâneos, foi depois dissecado pela crítica e reduzido a um produto do conflito entre o panfletário e o lírico. Mas a própria crítica envereda por contradições às vezes insanáveis, encarando o poeta e sua poesia pelos ângulos mais diversos. O fato é que não se pode negar o vigor desse espírito que encarnou em Portugal o símbolo da fusão mística de Cristo e Prometeu (a fé e a razão) que ele mesmo tentou exprimir em “O Prometeu Libertado”.

Esse entrechoque dialético aturdiu a crítica. Poucos dos seus críticos foram capazes de ver, nas três fases clássicas da sua poesia, o desenvolvimento de um processo que terminaria na síntese. E está nisso a grandeza do poeta. Os contemporâneos tinham razão. Guerra Junqueiro foi um gênio da poesia portuguesa. Sua obra começa no melodrama, nascendo do povo em tom declamatório, como um tufão que se ergue da poeira para lançar-se na altura e varrer as nuvens e os astros. A voz do povo é o chicote que ele empunha no templo. Mas no final o tufão se amaina e volta ao chão para cantar “Os Simples” em modulações líricas, sem com isso perder o vigor natural dos titãs.

Na vida espiritual Guerra Junqueiro continua o mesmo. Os críticos de régua em punho encontrarão nesse fato um bom motivo para rejeitá-lo, livrando-se facilmente da preocupação com a imortalidade. Mas os que estudam, pesquisam e conhecem o problema das comunicações mediúnicas o identificam em seus vários aspectos, não contraditórios, mas complementares, necessários para nos dar a visão global da sua grandeza. É fácil olhar para uma montanha de minérios, como as que vemos em Minas Gerais, e dizer simplesmente: é estéril e feia, áspera e vulgar. Mas a atitude legítima, e por isso mesmo difícil, é vê-la na multiplicidade da sua grandeza, em que tanto encontramos a

aspereza das rochas como a doçura das flores e a riqueza mineral.

Nos poemas que ainda hoje nos envia do Além, essa multiplicidade de aspectos continua presente. Podemos ver isso em *Parnaso de Além-Túmulo*, de Francisco Cândido Xavier, como na *Antologia do Mais Além*, de Jorge Rizzini. Mas encontramos em *Os Funerais da Santa Sé*, de América Delgado, uma contradição violenta, ainda não analisada, que opõe o poeta positivo da vida terrena a um poeta utópico e até mesmo insensato da vida espiritual. O equilíbrio vigoroso do tufão se desfaz em rajadas desnorteantes de um vendaval rasteiro. A síntese da inspiração junqueirana se dissolve em imagens e apóstrofes vulgares de um misticismo de fundo místico, na condenação insensata das leis naturais. Guerra Junqueiro, o pensador, se deteriora numa insensatez mitológica de pura desagregação psíquica. Sua mente se degenera num processo de regressão, separando Jesus (a fé) de Prometeu (a razão) para restabelecer a dualidade por ele mesmo superada de natural e sobrenatural.

Crença e meio

Publicado em 1932, portanto há quarenta anos, o poema mediúnico *Os Funerais da Santa Sé*, graças ao prefácio de Guillon Ribeiro, foi aceito pacificamente pelo meio espírita. Mas hoje, quando os roustinguistas pretendem arvorá-lo em bandeira de luta, no vale-tudo em que se empenham para a defesa do absurdo, a análise mais superficial nos revela a sua fragilidade. O próprio Guerra Junqueiro silenciou a respeito durante todos esses anos. Não havia clima para um estudo sereno do problema e não convinha levar mais lenha à fogueira: Mas para tudo há um limite. Agora, através da mediunidade de Jorge Rizzini, ele nos explica o enigma e ao mesmo tempo desfaz a lenda do retrocesso mental.

Tudo se reduz a um drama de circunstâncias. América Delgado era um belo espírito, uma criatura sensível, mas infelizmente rendida às falanges roustinguistas, ou como diria Júlio Abreu Filho: à falange vaticânica. O condicionamento à crença no campo mediúnico foi percebido e denunciado por Richet, na

Metapsíquica, e é hoje objeto de estudos e pesquisas na Parapsicologia. Mas bem antes já havia sido assinalado por Kardec no Espiritismo, como vemos, por exemplo, nas explicações do item 443 de **O Livro dos Espíritos**.

Todos os que estudam Espiritismo sabem que a influência do meio, estudada em **O Livro dos Médiuns**, de Kardec, pode determinar – e geralmente determina – graves interferências na comunicação mediúnica. Crença e meio influem nos processos de recepção. América Delgado filiara-se à linha de pensamento roustainguista da FEB e estava naturalmente sujeita às influências nesse sentido. Não por sua culpa, mas, como nos explicou certa vez Frederico Figner, em comunicação que publicamos no jornal *Mundo Espírita* e deu muito pano para manga, por culpa da orientação errada da casa em que se iniciara no Espiritismo e na prática mediúnica.

Seria possível aplicar o mesmo argumento aos que não aceitam a teoria roustainguista. Mas acontece que a orientação kardecista não se funda na crença e sim na razão e na pesquisa. O método de Kardec é científico e por isso mesmo exclui os perigos do condicionamento à crença e da sujeição ao ambiente. Mas os que fizeram de Kardec um mito ao invés de um pesquisador, um visionário ao invés de um homem de bom senso, e deram ao seu grupo ou instituição um clima de misticismo cego estarão sujeitos aos mesmos riscos dos ambientes roustaingistas.

Não é esse o caso do médium Jorge Rizzini, que se atém ao bom senso de Kardec e procura conhecer as possibilidades e os limites da sua mediunidade. Por isso Guerra Junqueiro o utiliza para a transmissão de seus poemas e pode servir-se dele para desfazer o equívoco de *Os Funerais da Santa Sé*. E o faz com um equilíbrio inegável, ressaltando as condições espirituais da médium América Delgado e evitando agressões pessoais a Roustaing, que considera uma vítima. Seu azorrague é reservado apenas para a obra e para os mistificadores que a ditaram.

Esse equilíbrio restabelece aos nossos olhos o Guerra Junqueiro que o poema de quarenta anos atrás parecia desfigurar. Temos de novo o poeta impetuoso, vigoroso nas expressões mas

sereno no julgamento. A síntese de razão e fé, característica do Espiritismo, e da qual ele foi precursor, reaparece em sua perfeita integridade junqueira.

O corpo de Jesus

A revista *O Reformador*, órgão oficial da FEB, publicou em seu número de março deste ano, 1972, como uma das peças de defesa do Roustainguismo, o longo trecho de *Os Funerais da Santa Sé*, que vamos transcrever. É realmente uma peça digna de estudo, pois nela temos a demonstração da complexidade do processo de recepção mediúnica. O estilo de Guerra Junqueiro se reflete nele, mas a técnica do poeta é falha, contrastando com o seu rigor na prática do alexandrino, o verso mais difícil da poética antiga, e no qual Junqueiro se revelou verdadeiro virtuoso. Nenhum outro poeta empregou o alexandrino em nossa língua com tanta perícia e tamanha constância. Mas no trecho abaixo Junqueiro o utiliza como um principiante, um desconhecido das suas regras.

Além disso temos de considerar o problema de conteúdo. No começo o poeta critica os que “...querem esvoaçar além dos infinitos, para saber o que era o corpo de Jesus”. Ao mesmo tempo ridiculariza “alguns doutores que a Ciência já perscrutam”. Depois menospreza o laboratório para sustentar a tese agnóstica no tocante “aos problemas de Deus”. Começa aí a regressão psíquica de Junqueiro, que volta à fé dogmática e cega do clero que sempre combateu, deixando mesmo entender que Jesus era Deus. Nada dessa confusão condiz com o pensamento viril de Guerra Junqueiro em vida ou dele após a morte nos poemas do *Parnaso de Além-Túmulo*. E note-se que *Os Funerais da Santa Sé* apareciam precisamente em 1932, juntamente com o *Parnaso*, numa evidente manobra de reação.

A seguir, o Junqueiro retrógrado se utiliza do chavão roustainguista da “dor moral”: “O martírio real é o que retalha a alma”, como se a dor moral pudesse justificar a farsa imoral de uma tragédia grega encenada por entidades espirituais para enganar os homens. Ninguém ignora que o sofrimento moral é superior ao físico. Por isso todos compreendem o martírio do palhaço que

faz rir a multidão enquanto o coração lhe sangra no peito. Mas ninguém de bom senso pode admitir que uma criatura divina fizesse o contrário do palhaço, exibindo um sofrimento falso para sangrar o coração do público. E a inteligência lúcida de Guerra Junqueiro não percebeu esse contra-senso nem encontrou maneira mais lógica de sair da enrascada. Teve mesmo de servir-se da surrada e absurda explicação de Roustaing, sempre repetida pelos que o admitem.

Como se isso não bastasse, vemos o velho Junqueiro arcado ao peso fatal dos anos – como se ainda estivesse na carne perecível – endossar a mais tola de todas as teses roustaingistas: “Se o Cristo foi humano, que é da virgindade daquela que recebe, ainda imaculada, o verbo que ilumina...” O tabu da virgindade física misturado a um resíduo mitológico é aprovado ingenuamente pelo poeta de *A Velhice do Padre Eterno*. Esse velho esclerótico fala da Imaculada como se estivesse num convento da Idade Média. E como se isso não bastasse, esquecido do magnífico prefácio a *Os Simples*, em que definiu em vida e espiriticamente os princípios lógicos da sua fé, acrescenta: “Nós vemos em Jesus o Sobrenatural!”

A esses golpes de oratória sacra o poeta ajunta a seguir algumas estrofes contra a Igreja, o Cristo de barro e de madeira “talhado ainda à moda antiga”. E vem então a contradição flagrante do apelo: “Livres pensadores, uni-vos, batalhai, cumpri vosso dever!” Que livres pensadores serão esses que carregam a pesada canga dos dogmas mais absurdos? O velhote parece desmiolado. Perdeu todo o senso que o caracterizava. E grita como um alucinado: “...pois do céu é que baixa esta revelação”. Mas que revelação? A de um Jesus etéreo a engambelar os homens com seu corpo falso e seu fingido martírio? É isso que Guerra Junqueiro aceita e defende em nome da nova era?

Forma e conteúdo revelam nesses versos a mistificação herética que os evangelistas e os apóstolos condenaram. Na forma temos a imperícia poética dos mistificadores. No conteúdo as contradições e os resíduos do passado mitológico da humanidade. Nada disso pertence ao pensamento esclarecido de Guerra Junqueiro. A médium América Delgado, como Madame Collig-

non, ambas criaturas espiritualmente evoluídas mas ingênuas, foram colhidas na rede traiçoeira das trevas.

Guerra Junqueiro denuncia, no soneto transmitido por Jorge Rizzini, a falta de elisão nos alexandrinos e o pé quebrado. São versos mancos e imperfeitos que ele jamais faria. Segundo a regra poética, o alexandrino é um verso de doze sílabas que se compõe de dois versos de seis sílabas. Esses dois versos se fundem obrigatoriamente no meio pela elisão da sílaba final de um com a sílaba inicial do outro. Sem isso não temos alexandrino, mas apenas um arremedo. Nesse trecho de 119 versos temos nada menos de 20 sem elisão. E versos forçados, de mau gosto, como este: “...comprendemos nós Cristo – Essência Imaculada!” ou como este: “o produto que é bem fácil de explorar”.

Mas vamos ao texto completo que *O Reformador* publicou numa página inteira, para que o leitor veja o que se pode chamar um pasticho do Além, feito pelos espíritos mistificadores, pois é evidente que a médium América Delgado jamais cometeria esse crime:

Corpo de Jesus

Guerra Junqueiro

De fluidos é formado?... É feito de matéria?...
Matéria sublimada, ou simplesmente argila? ...
Um corpo como os mais, sujeito a vil miséria?
Fluido que nenhum mal polui ou aniquila?...

Há tanta confusão, oh! meu Jesus amado,
em torno deste assunto... E diz o mundo inteiro:
– “Seu corpo, como os mais, também era formado
do barro de que é feito o humano formigueiro.”

Alguns, já procurando investigar, vaidosos,
prometem do Saber nas altas ascensões,
por uma vez rasgar os véus tão misteriosos
do bisturi das autoconsiderações.. .

Por isso (é bom dizer), já tem havido atritos
entre os irmãos que buscam verdadeira luz
e querem esvoaçar além dos infinitos
para saber de que era o corpo de Jesus!

Alguns doutores que a Ciência já perscrutam,
que julgam separar o joio do bom grão,
escravos do envoltório, invictos exultam
e dão nesta resposta a sua conclusão:

– “Se o Cristo não possuiu um corpo perecível,
onde o merecimento ao seu martírio insano?
Na leve fluidez a alma é insensível
ao sofrimento que depura o ser humano.”

Doutores, um momento: a vossa crença é pura?!
Abandonais a letra e procurais a Luz?...
Pois escutai do Além a voz firme e segura;
fitemos o clarão do astro a olhos nus:

– Onde se encerra a vida, na Alma? no Envoltório?
Quem vibra, quem palpita – o Corpo ou o Clarão?
Se formos procurar nalgum laboratório,
dos problemas de Deus a vera solução,

Havemos de encontrar a esterilidade
da pobre sapiência, inerme e sem valor,
do acume da qual a triste Humanidade
às vezes nem contempla aos astros o fulgor.

O martírio real é o que retalha a Alma,
a ponta de um aleive, o fel da ingratidão!
Aquele que suporta, sem revolta, em calma,
o espicaçar da crua dilaceração é um herói.

As feridas que lá, intimamente brotam
como vulcões incendiando o ser,
– grilhões que prendem, ferem simultaneamente –
esfacelam a Alma para a engrandecer! ...

Se o Cristo foi humano, que é da virgindade
daquela que recebe, ainda imaculada,
o Verbo que ilumina toda a Humanidade,
fazendo-a palmilhar a verdadeira estrada?!

Jesus não foi jamais involucrado em lama!
– Essência divinal, que lá do Alto vem
os seres envolver na luz da mesma chama
a fim de orientá-los para o ovil do Bem.

Compreendemos nós Cristo – Essência Imaculada!
Nós vemos em Jesus o – Sobrenatural,
Enviado por Deus à Terra enodada,
para dela expulsar os histriões do Mal!

E quem mais se revolta e freme, e se enraivece,
Com essa teoria extremamente alvar,
a legião que sabe compreender na prece
O produto que é bem fácil de explorar.

Por isso, é natural que forje a santa igreja
Um Cristo de madeira, um bom Jesus de mola,
que sobre o altar-mor estorce-se, flameja,
e manda ministrar o Catecismo à Escola!

Esse Jesus talhado ainda à moda antiga,
com o azorrague pronto a castigar o mau,
devemo-lo expulsar lá de onde ele se abriga.
Vamos despedaçar o intrujão de pau,

Que tem ludibriado as multidões pacatas,
que acham natural um Deus pedir esmola
em vez de a dar! e vão, solícitas, incautas,
atrás dos histriões de solidéu e estola...

Oh! vamos libertar as trêfegas crianças,
que os monstros já procuram conduzir!.. . oh! Deus! ...
– Dá-nos na inspiração as invencíveis lanças
que façam baquear o trono aos fariseus!

Dá-nos na inspiração as armaduras de aço,
que possam resistir às duras estocadas,
sem que nenhum de nós se prostre de cansaço
ou se deixe abater no limo das estradas...

Os lobos se enfurecem, tentam reaver
aquilo que perderam. Livres-pensadores,
uni-vos! batalhai! cumpri vosso dever!
Manietai de todo a leva de impostores;

Seja o vosso protesto a sólida muralha
contra a qual se debatem ondas de maldade
em vão – porque uma força estranha vos emalha
e vos manda lutar em prol da Humanidade!

Uni-vos! Libertai o coração da infância;
chamai as criancinhas ao Porvir, à Luz!
bradai que – é toda essência divinal – Jesus...
Oh! ide arrebatat o manto aos cabotinos
que ensaiam contra vós a última investida,
prendendo ao Catecismo os seres pequeninos,
Alvoradas de Amor na escuridão da Vida! ...

E ide lhes dizer: – Estais à rédea solta?!
Intentais novamente acorrentar a Luz?!
Oh, vede: a idéia livre é hoje – onda revolta,
para a qual vem de Deus à inspiração a flux:...

Não temos medo, não, das vossas investidas;
já fomos tal sois vós – obstinados e maus
e vemos através das nossas próprias vidas
nossa alma vacilar na podridão, no caos...

Temos o nosso ser imune e iluminado
e não podeis transpor das trevas do Passado
para a Era de Luz que a Humanidade anseia!
Ora, do Pensamento a lúcida cadeia
vos prende e agrilhoa: resistis em vão,
pois do Céu é que baixa esta Revelação.

O vosso Cristo é barro, é vosso Cristo argila!...
E, sendo para nós – Essência, Luz, cintila,
– para vós se reduz apenas a um montão
de trapos, destinados à exploração!

Mas o absurdo que inda vem da lei antiga
havemos de o arrancar, e bem, pela raiz!
Jesus por sobre nós estende a mão amiga,
Jesus segue conosco a mesma diretriz! ...

A piedade do poeta

As razões que demos acima, para explicar o silêncio do poeta, devemos acrescentar agora a sua piedade. Porque ele no-la revela no soneto explicativo que transmitiu a Rizzini, diante da exumação desse trecho pela revista da FEB. Denunciar o pasticho seria expor a médium à crítica irreverente e feri-la moralmente. Guerra Junqueiro silenciou. Mas agora, que ela já não se encontra mais em foco, o esclarecimento se torna possível. Veja-se a forma piedosa pela qual o poeta explica o velho caso, na precisão silogística de um soneto alexandrino, acabando por um pedido de perdão ao leitor:

Funerais da Santa Sé (Uma explicação)

Espírito, GUERRA JUNQUEIRO
Médium, JORGE RIZZINI

Há tempos me invocou no norte do Brasil
Um médium escrevente a Deus tão devotado,
Que sua aura possuía a bela cor do anil
E tudo em torno dele esplendia azulado.

Quem era esse prodígio? Uma alma varonil
Em corpo feminino, a América Delgado,
Médium com quem eu fiz de janeiro a abril
Um livro endereçado ao papa e ao bispado.

Essa obra, porém, traiu o figurino;
Mostra-me às vezes mudo e o verso alexandrino
Não contém elisão ou traz quebrado o pé...

O filtro era imperfeito. E até meu pensamento
Sofreu deformações ou carregou-o o vento...
Perdoa-me, leitor, “Os Funerais da Sé”!

Rebate piedoso

Dada a explicação de maneira clara, sintética, serena, o poeta rebate a manobra das trevas com a veemência que o caracteriza, mas ainda de forma piedosa. Não acusa Roustaing, limitando-se a denunciar a sua fraqueza. Reconhece nele uma vítima das trevas. Mas ao referir-se à obra, volta à sua antiga rudeza e a fulmina sem piedade. Castiga o erro, mas não o pecador, que já pagou demais pelo seu orgulho. Pobre Roustaing, “pobre arlequin” vitimado pelas próprias ilusões!

O poema recebido por Rizzini é coerente na forma e no conteúdo. Quem estiver habituado à leitura de Guerra Junqueiro sentirá nesse poema o estilo e o pensamento do poeta. E sentirá principalmente a sua coerência. Não há contradições nesses versos. O que se percebe é um cuidado especial para não exagerar nos tropos, para manter o equilíbrio poético e atingir o objetivo do esclarecimento.

Os versos da quadra final são um apelo comovente aos que aceitaram a manobra das trevas para que voltem ao bom senso e peçam perdão a Deus, a Jesus e à sua divina Mãe pelo mau conceito que aceitaram e propagaram. Sente-se também, ao longo do poema, uma espécie de constrangimento do poeta, que preferia continuar em silêncio. O assunto não lhe agrada. Mas o seu amor à verdade o obriga a voltar aos homens e dizer-lhes que a verdade foi traída em seu nome, sem que ele pudesse esclarecer o caso, em virtude das criaturas boas que não desejava ofender.

Vamos ao rebate piedoso que as trevas provocaram:

“Os Quatro Evangelhos”

poema de GUERRA JUNQUEIRO
recebido pelo médium JORGE RIZZINI

No século passado existia na França
Um célebre jurista às Leis tanto leal,
Que ao ver a mendigar na praça uma criança
Mostrava-lhe, depressa, o Código Penal.

Na Corte Imperial era ele temido;
Temiam-no, até mesmo os grandes magistrados.
E o mestre do Direito impôs o seu partido
E, por fim, comandou a Ordem dos Advogados!

Mais realista que o rei, Jean Baptiste Roustaing
Pedia aos tribunais impiedade aos réus,
A Lei de Talião para os crimes de sangue,
E invocava Moisés e a Justiça dos Céus!

Certo dia, porém, uma antiga cliente,
Senhora piedosa afeita à Caridade,
Deu-lhe de Allan Kardec o livro mais recente,
Um livro que mostrava a Divina Verdade.

Essa obra continha um celeste tufão
Nas páginas de luz, em seus puros conceitos,
E varreu de Roustaing o fel do coração!
E varreu-lhe da mente os velhos preconceitos!

E, nessa mesma noite o pálido doutor
Leu-a mais uma vez em fundas reflexões,
E dizia, baixinho: “– Esta obra é um primor! !
Explica as Leis de Deus e explica as provações!”

E o arguto jurista em sua residência
Depressa organizou da fina sociedade
Um grupo de fiéis, mas sem experiência,
A fim de comprovar dos livros a verdade.

A médium Collignon então à luz das velas
Em transe revelou à vesga comitiva:
“– A partir de hoje sois de Cristo as sentinelas.
Quem vos fala é Moisés! Minha luz é ostensiva!

“Por ordem de Jesus iremos restaurar
O santo Evangelho, as verdades de Deus;
Roustaing, filho meu, ireis colaborar
Com Lucas e João, com Marcos e Mateus!

“Vós sois uma alma nobre e conheceis culturas
A ponto de pairar acima dos juristas;
Prometo que amanhã com as Novas Escrituras!
Nesta casa hão de estar os quatro Evangelistas!

Não procureis jamais uma outra sensitiva.
Madame Collignon reflete a nossa luz;
No Céu foi preparada, é humilde e ativa,
Capaz de receber até mesmo Jesus!

Trabalhai, trabalhai, que os tempos são chegados!
Que este grupo obedeça ao preposto Roustaing.
E defendei o Novo Evangelho, soldados!
E se preciso for até mesmo com sangue!”

Já percebe o leitor a mistificação
Que Roustaing não viu pela sua vaidade.
Preposto de Moisés! Que condecoração! ...
E gargalhava o Umbral daquela ingenuidade.

E em volta de Roustaing as almas ateístas
Que andavam a escrever as “Novas Escrituras”:
Um papa e cardeais – ao todo dez sofistas,
Com aplausos febris de esquálidas figuras!

No entanto quando vinha o sol pela manhã
Espiar de mansinho este pobre arlequim,
Inda estava ele a ler sentado em um divã
As mensagens do Além sem notar o estopim...

Brutal fascinação que não acabou cedo!
Emagreceu Roustaing; a clientela, adeus!
Que importa! Tinha em mãos do Evangelho o segredo,
E o mundo o chamaria “um profeta de Deus”!

E a fraudulenta obra em grossos, vários tomos,
Enfim mostrou Jesus e arrepiou Paris:
Nela o Cristo era igual a um desses gordos momos
Que ao povo fazem rir ao pé de um chafariz!

Cristo de picadeiro! Um Cristo teatral!
Vivera, sim, na Terra, e não veio em carne e osso:
Seu corpo era etéreo, ensina o denso Umbral,
Por isso, diz Roustaing, arriscava o pescoço...

Era a revelação do crístico segredo
Que Jesus, o malandro, ocultara aos patrícios;
Para ele a coroa era mero brinquedo!
Para ele era a cruz um dos bons exercícios!

Esse alegre fantasma, esse artista do Espaço
Representou na Terra a mais infame farsa;
No entanto (o livro diz) se não houve fracasso,
É que se deve muito à Maria, a comparsa.

A sua atuação superava a Bernhardt.
Sabia ser suave e tinha o olhar profundo...
Ao ver Cristo na cruz até faltou-lhe o ar!
Comoveu a platéia e fez chorar o mundo!

E esse livro indigno – excremento do Umbral,
Encontrou no Brasil ferozes defensores!
Eu explico a razão; dessa obra, afinal,
Eles foram no Além os vis expedidores!...

Ó almas, escutai! Esquecei o passado!
Libertai-vos do jugo e contemplai a Luz,
E humildes implorai perdão ao Pai Amado,
O perdão à Maria e o perdão a Jesus!

(São Paulo – 1972)

Parte II

Júlio Abreu Filho

* * *

Ao
Dr. Manoel Paula Cerdeira

em agradecimento
por seu conselho e por seu exemplo.

* * *

Converti-vos a mim, filhos apóstatas, diz o Senhor; ... E vos darei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com a ciência e com a doutrina.

(Jeremias, 3: 14 e 15).

* * *

Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas; ... nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.

Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.

(2 Pedro, 1: 16, 20 e 21).

* * *

Advertência³⁷

Pareceu-nos que os artigos publicados em “Aurora”, no correr do ano passado, deveriam escapar ao destino que, em geral, tem aquilo que se escreve em periódicos e jornais – a vida efêmera.

E por quê?

Apenas por isto: o esclarecimento levado aos espíritas de fala portuguesa, apresentando o verdadeiro sentido do Roustainguis-mo, levá-los-ia à recusa da falsificação; e essa cessaria, quando mais não fosse, pela falta de fregueses.

A recusa de obras adulteradas ou conducentes a uma deformação doutrinária seria uma campanha de não cooperação no erro, uma resistência passiva, uma greve serena, de braços cruzados.

Reunindo aqueles artigos em volume, visamos apenas oferecer aos nossos confrades um conhecimento exato do problema, porque os espíritas devem ter consciência de seus atos e, assim, não podem cooperar na deformação dos Evangelhos.

1

Erros Doutrinários (O Sentido do Roustainguismo)

A editora da FEB - Federação Espírita Brasileira acaba de lançar mais um livro de defesa do Roustainguismo, de autoria do Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado *Elos Doutrinários* e constituído, ao que nos parece, de uma série de **erros doutrinários**.

Tem o autor magníficas qualidades de escritor, posto abuse do cientificismo e de certas expressões, como em relação à voz “agênere” e “palavra cunhada”. A propósito, convém lembrar que se há uma casa da moeda, onde só cunham legítimos valores, lugares existem onde a cunhagem é suspeita... Como quer que seja, talvez para contornar as naturais dificuldades de quem assume a tarefa ingrata de defender uma tese indefensável, como é o Roustainguismo, s. s. comete alguns abusos, que reputamos falta de consideração para com o público, principalmente um público que, por força de sua orientação filosófica, se deve aplicar na busca da Verdade.

O primeiro abuso é a exibição de conhecimentos de Biologia, que nenhuma ligação tem com o tema em estudo. Na verdade, para sustentar que Jesus Cristo não foi homem, mas um agênere, isto é, um ser não gerado conforme as leis normais nas etapas mais altas da escala zoológica, aquele extenso alinhamento de nomes arrevesados do início da série animal e sua maneira de procriação, para aos mesmos comparar Jesus Cristo, é tão deslegante e pouco sensato, do ponto de vista científico, que só teríamos o direito de o esperar de um desses mocinhos que estão fazendo o curso de colégio ou a secção de ciências em faculdades de filosofia. Nunca em diretores da casa da Avenida Passos ou seus autorizados representantes.

Por tal processo s. s. só alcança o seguinte: que os espíritas de cultura lamentem e se sintam humilhados; que os faltos de cultura vão passando adiante, confiados, argumentos que diminuem o conceito em que deve ser tida a doutrina espírita; que os

adversários façam um péssimo juízo de uma doutrina cujos maiores se apresentam à luta tão mal aparelhados.

O segundo abuso de s. s. é a marcada preferência por edições recentes da Bíblia, “preparadas” pela Igreja Católica.

Quem aborda temas científicos procura as fontes insuspeitas; apóia-se em autores que, por sua grande autoridade ou por sua vetustez, sejam justamente respeitados.

Ao fazer sua obra, Allan Kardec apoiou-se, quanto à parte moral e bíblica, na versão de Saci, que têm o apoio da catolicidade de fala francesa. Por que não nos referirmos a ela? E se esta nos falta, ou desejamos reforçar a convicção, por que não recorrer, por exemplo, a notável Bíblia Inglesa revista em 1611, mais conhecida como a *King James Version* e que se mantém inalterável, até mesmo quanto à mutação gráfica sofrida pela língua inglesa? E as versões italianas de Diodati e de Luzzi, aquele vindo do último quartel do século XVI e com o título de professor de teologia na Universidade de Calvino, em Genebra, e este tendo por si toda a imensa e, por todos os títulos, respeitável tradição dos Valdenses? E por que não seguir, mesmo, as versões em língua portuguesa? A de João Ferreira de Almeida tem a preferência das várias denominações protestantes; a de Antônio Pereira de Figueiredo, usada por protestantes e católicos, tem como única diferença que os primeiros excluem sete livros, considerados não canônicos.

Mas não. O Sr. Gomes Braga se faz de muito moderno, despreza os arcaísmos e volta suas preferências para duas versões brasileiras recentíssimas: a de Humberto Rohden e a de Frei João José Pereira de Castro, O. F. M. e... (notável!) para a Bíblia em esperanto!

Será possível que s. s. ignore que os padres católicos andam “preparando” bíblias, alterando profundamente os textos, trocando palavras e até idéias e conceitos, ilaqueando a boa fé dos crentes e criando “bases” para o apoio dos dogmas da Santa Madre Igreja, principalmente o da Santíssima Trindade e o da Conceção Imaculada?

Ainda não tivemos oportunidade de examinar a citada versão de Frei João. Quanto à do Sr. Humberto Rohden, um dos padres mais cultos que temos conhecido, trata-se apenas do Novo Testamento notavelmente alterado. Nós a possuímos.

Quem está familiarizado com estes assuntos sabe que atualmente há duas correntes, duas tendências muito marcadas na Igreja Católica. Disso deram exemplo, nos últimos tempos, entre outras ordens regulares, os dominicanos. Quem não conhece as conferências do Pe. Ducatillon em Buenos Aires, no Rio e em São Paulo?

Rohden era outro exemplo. Seus livros indicam não só que aspirava, como pressentia e se preparava para uma transformação que arejasse e saneasse a fé católica. Mas seu espírito era demasiadamente grande para caber nas estreitezas dos dogmas. Afastou-se da Igreja sem a hostilizar, até porque sabe o perigo que corre um ex-padre de sua cultura e de sua estirpe.

Para se fazer uma idéia da sem-cerimônia a que chegaram os padres católicos, vai aqui um exemplo, entre muitos que poderemos aduzir.

O Pe. Matos Soares, português, “preparou” uma versão da Bíblia, publicada em quatro volumes, em 1946, no Porto, pela Tipografia Porto Médico Ltda. Também a temos em nossa coleção. Traz uma carta laudatória do então Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Pacelli, hoje Sua Santidade o Papa Pio XII. Pois no Evangelho de João (8:25), que diz, segundo a versão de Almeida:

Disseram-lhe pois: Quem és tu? Jesus lhes disse:

“Isso mesmo que já desde o princípio vos disse”.

A redação do Pe. Matos Soares é:

(Eu sou Deus), o princípio de todas as coisas, eu que vos falo.

Via de regra fazemos as citações com estrita fidelidade gráfica aos textos. Assim, normandos, parêntesis e outros sinais acham-se nos textos citados.

Há uma passagem em João, na qual Jesus Cristo fala de si mesmo na primeira pessoa e se diz homem. Pois as recentes Bíblias católicas estão “preparadas” de tal jeito que o vocábulo “homem” foi eliminado. Considerado isoladamente, o sentido será o mesmo. Mas como chega a servir a certos objetivos! É claro que os exemplos servem ao dogma da Santíssima Trindade. E os roustainguistas navegam nessas águas suspeitas porque a adulteração lhes convém, em apoio à teoria do corpo fluídico de Jesus.

Então o caso da Bíblia em esperanto é, como se costuma dizer agora, de amargar. Que valor probante pode ter uma Bíblia traduzida numa língua artificial?

O Sr. Gomes Braga deve saber que há muita gente que, mesmo sem ser espírita, conhece bem a Bíblia e acompanha o que dizem e escrevem os espíritas, roustainguistas ou não. O grande livro está muito estudado e é pena que seja muito mal conhecido dos espíritas. Sabem-se-lhe o número de capítulos, de versículos e de palavras; conhecem-se a sua geografia, a sua história, a sua filologia. Sabe-se como chegou até aos nossos dias, através de tremendas vicissitudes, de lutas, de perseguições, de crimes, de abnegação e de heroísmos. Está hoje traduzido em mais de um milhar de línguas e dialetos, no todo ou em parte. Tudo isto custou trabalhos penosos e sacrifícios inenarráveis. Haverá, assim de pronto, no mundo esperantista, alguém que reúna cultura, bondade, experiência, argúcia, intuição, isenção de ânimo e assistência espiritual suficientes para lhe conferir autoridade para fazer uma versão verdadeiramente digna da Bíblia?

Nossa dúvida apóia-se, principalmente, no emprego abusivo que os roustainguistas andam fazendo do esperanto, como veremos com mais vagar.

Para os legítimos estudiosos do grande livro, sua Versão em esperanto é demasiadamente artificial e sem vida, porque a língua de Zamenhoff não tem espírito nem amarras no tempo e no espaço.

O terceiro abuso do autor é o desprezo pela lógica, por aquilo que seus leitores em geral, e seus opositores em particular,

podem aprender e, principalmente, podem ter aprendido. Lembre-se s. s. que todo escritor precisa levar em conta o nível mental do público; que no seu caso particular de escritor espírita e da sua responsabilidade social, além de se comprometer como homem comum, está se comprometendo como espírita e comprometendo a própria doutrina a que pretende servir.

Tudo isso talvez seja fruto da empolgação de s. s. pela doutrina de Roustaing.

O certo é que lhe falta lógica e s. s. conta muito com a amnésia dos leitores.

Mas vamos ao livro.

Em cento e seis páginas do texto o Sr. Gomes Braga pretende provar muitas coisas, algumas das quais são:

- 1) que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores”;
- 2) que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;
- 3) que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus: apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito, a apóia;
- 4) que Jesus Cristo não era homem, mas simples agênera;
- 5) que a obra de Kardec era destinada aos crentes e a de Roustaing às pessoas de cultura;
- 6) que “as três Revelações – Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo – formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício”; a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;
- 7) que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria”;

- 8) que “está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo”;
- 9) que “negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias”;
- 10) que “quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírita”.

Eis o que há de mais importante, Então vamos às falas.

Aceitamos – e conosco os kardecistas, isto é, os Espíritas cristãos – como ponto de partida, as duas Revelações contidas na Bíblia. Apenas não aceitamos qualquer “Bíblia preparada”.

Nesta análise apoiar-nos-emos em versões insuspeitas, que têm prestígio mundial ou, ao menos, dentro do âmbito das próprias línguas. São elas, as versões portuguesas de Almeida (protestante) e de Figueiredo (católica), esta na respeitável Bíblia da Bahia, que traz as notas escritas pelo Cônego Delaunay para a versão francesa de Saci (a mesma que usou Kardec, notas que tiveram aprovação de Monsenhor Sibour, Arcebispo de Paris; a primeira edição brasileira, feita em 1863, pelo livreiro B. L. Garnier, do Rio, traz a autorização de Manoel, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil. Citaremos a 2ª edição, que possuímos, datada de 1881. Em língua francesa citaremos a versão de Louis Segond, feita de textos originais hebraicos e gregos e publicada em 1910; nossa cópia é uma reprodução fiel, impressa na Inglaterra em 1939. Em italiano transcreveremos textos da versão de Diodati, conforme uma reedição inglesa de 1946. Em inglês citaremos a *Read Letter Edition* da *Authorized King James Version*, impressa nos Estados Unidos em 1913. Ocasionalmente, se o Sr. Gomes Braga quiser melhores fontes, citarei os textos gregos, de acordo com a edição que possuímos, de autoria de Brooke Foss Westcott, D. D., e Fenton John Anthony Hort, D. D., publicada em 1947 por The Macmillan Company, U. S. A.

O assunto é de muita gravidade e exige que as fontes estejam acima de qualquer suspeita.

A matéria é longa e não se pode conter em dois ou três artigos. Há, pois, que ser apresentada com método. Antes, porém, de entrarmos na análise dos dez itens, e a fim de que os possíveis leitores destes artigos bem compreendam que nosso rigor, quanto às fontes bíblicas citadas, não é mero exibicionismo, devemos deixar bem claro que:

- a) a biblioteca da Federação Espírita Brasileira deve dispor de magníficos exemplares da Bíblia, dignos do maior acatamento, principalmente no caso vertente, porque publicados fora do ambiente espírita, anteriormente à questão Kardec-Roustaing e ao movimento católico de adulteração dos textos;
- b) porque de longa data vimos percebendo, nas publicações feitas pela editora da Federação Espírita Brasileira, enorme descaso pelas citações dos textos bíblicos, geralmente mutilados, estropiados e com a referência errada;
- c) porque, no caso particular da obra de Roustaing, a versão brasileira teve a sem-cerimônia de alterar alguns versículos, como teremos oportunidade de ver; com isso só conseguem atrair a repulsa ou, pelo menos, a suspeita para uma obra de que fazem tão grande praça;
- d) porque as edições brasileiras das obras de Allan Kardec andam sendo alteradas e mutiladas, como se pode verificar nos capítulos XX e XXI de **O Evangelho Segundo o Espiritismo** que, depois de ter tido uma tradução correta, que vinha dos tempos da velha guarda, em lugar de a reverem, se fosse o caso, os diretores da FEB mandaram o Sr. Antônio Lima fazer, em 1931, uma tradução baseada no 48º milheiro da edição francesa – justamente o adulterado e mutilado. Esta a fonte das versões brasileiras desde 1932.

Por estas razões, e por outras mais, que virão a seu tempo, a questão roustainguista levanta tremendas suspeitas e deve ser tratada com muito cuidado. Nós não nos inclinamos tanto assim em favor da santidade de propósito de uma corrente que não

recebeu uma tarefa específica, uma missão espiritual, mas que se apoderou da direção da chamada *Casa de Ismael* de maneira tão pouco cristã como a que relata antigo roustainguista, companheiro de jornada e diretor daquela casa – o Sr. Leopoldo Cirne, no seu *O Anticristo, Senhor do Mundo*, saído dos mesmos prelos da FEB.

É a lei do carma.

Nos seus *Elos Doutrinários*, o Sr. Gomes Braga cita pedacinhos de Kardec, supostamente em apoio à obra de Roustaing. Nós reptamos o autor a exhibir aqueles artigos do Codificador em cópia fotostática e na íntegra. As despesas correrão por nossa conta: basta que a FEB exhiba os originais, que ninguém lhes tira pedaço.

Em oposição à sua afirmação gratuita, queremos citar a de um contemporâneo de Roustaing e seu admirador. É o Sr. J. Malgras, autor de *Les Pionniers du Spiritisme en France*, Librairie des Sciences Psychologiques – 42, Rue Saint-Jacques, Paris 1906. Depois de algumas páginas de insopitado entusiasmo pelo Sr. Roustaing, diz ele, à página 39:

“La Théorie du cores fluidique de Jesus a été vivement combattue par un grand nombre de spirites, Allan Kardec en tête” etc.

Para as pessoas não afeitas à língua francesa, isso quer dizer: “A teoria do corpo fluídico de Jesus foi vivamente combatida por grande número de espíritas, à frente dos quais Allan Kardec”, etc.

Felizmente o Sr. Gomes Braga diz à página 24:

“Kardec crê no Evangelho e toma-o por livro sagrado da Segunda Revelação” etc.

E logo adiante:

“Portanto, o Espiritismo codificado por Allan Kardec é cristão, é a Revelação iniciada em Moisés, confirmada por Jesus e continuada hoje pelos Espíritos em numerosas obras”.

E à página 25 diz:

“... as três Revelações formam um todo solidário, pois, quem nega parte, está inconscientemente demolindo sua própria casa”, etc.

É uma felicidade que o próprio Sr. Gomes Braga ajude a nossa argumentação. Com efeito, à página 13, transcreve palavras de Kardec que vêm como se costuma dizer, a talho de foice:

“Ao lermos estas palavras tão claras, pronunciadas por Jesus, lembramo-nos das que Kardec escreveu em *Obras Póstumas* (IV – Palavras de Jesus depois de sua morte): ‘Que maior autoridade do que as próprias palavras de Jesus? Quando ele diz, categoricamente: eu sou, ou não sou tal coisa, quem tem o direito de desmenti-lo, ainda que seja para colocá-lo mais alto? Quem pode, razoavelmente, pretender, melhor do que ele, conhecer-lhe a natureza? Que interpretações podem prevalecer contra afirmações tão formais e tão numerosas, como estas?’ ”

O leitor preste bem atenção, releia estas citações e agora veja o que diz João, o Apóstolo predileto do Mestre, aquele que foi seu confidente, o depositário máximo do seu ensino: aquele que os estudiosos consideram como tendo tido a tarefa de revelar o Cristo e denunciar o anticristo; aquele que, tendo sido o mais jovem do grupo, foi o que teve vida mais longa e foi respeitado até pelos inimigos; aquele que se plantou como uma atalaia da doutrina cristã, deixou-nos o Evangelho filosófico e as tremendas profecias do Apocalipse, realizadas umas, em vias de realização, outras.

Vejamos João, VIII: 40, versão de Almeida:

“Mas agora procurais matar-me, a mim, homem que vos tenho dito a verdade que de Deus tenho ouvido; Abraão não fez isto”.

Em Figueiredo lê-se:

“... a mim que sou um homem”, etc.;

Em Diodati:

“... voi cercate d'ccider me, uomo che vi ho proposta la verità”, etc.;

Na versão inglesa:

“... to kill me, a man that hath told you the truth”, etc.;

por fim o texto grego:

...ἄνθρωπον ὅς τὴν ἀλήθειαν ἡ-
μῖν λελάλεκκα...

Mas para os roustainguistas... Há mais ainda. Nas Epístolas, definindo o anticristo, João é claríssimo. Assim, I João, 4: 1 a 3 e 6 lemos, na versão de Almeida:

“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus; todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouviste que há de vir, e eis que está já no mundo. – Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro”.

A versão de Figueiredo é idêntica. Em Diodati lemos:

“... ogni spirito che confessa Gesù Cristo venuto in è carne è da Dio; E, ogni spirito che non confessa Gesù Cristo venuto in carne, non é da Dio; quello è lo spirito d'anticristo”, etc...

Na versão francesa temos:

“...tout spirit qui confesse Jésus-Christ venu en chair est de Dieu; et tout esprit qui ne confesse pas Jésus n'est pas de Dieu, c'est celui de l'antéchrist”, etc.

Na versão inglesa encontramos:

“... Every spirit that confesseth that Jesus Christ is come in the flesh is of God, and every spirit that confesseth not that Jesus Christ is come in the flesh is not of God; and this is that spirit of antichrist”, etc.

Por fim diz o texto grego:

Πᾶν πνεῦμα ὃ ὁμολογεῖ Ἰησοῦν Χριστὸν
ἐν σαρκὶ ἐληλυθότα ἐκ τοῦ Θεοῦ ἐστίν,
καὶ πᾶν πνεῦμα ὃ μὴ ὁμολογεῖ τὸν Ἰη-
σοῦν ἐκ τοῦ Θεοῦ οὐκ ἐστίν· καὶ τοῦτο
ἐστὶν τὸ τοῦ ἀντιχρίστου.

Qual será o roustainguista com autoridade para contrariar aquelas palavras de Kardec e estes textos do iluminado de Patmos, que têm por si o prestígio universal de dezenove séculos?

Pois João não parou aí: numa pequena epístola, de apenas treze versículos, dirigida a uma senhora para combater heresias, faz a saudação inicial e as recomendações finais; mas num único versículo dá a boa doutrina.

Ei-la (2 João, 7), em Almeida:

“Porque já muitos enganadores entraram no mundo os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo”.

Em Figueiredo:

“Porque muitos impostores se têm levantado no mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é impostor e anticristo”.

Em Diodati:

“Conciossiachè sieno entrati nel mondo molti seduttori, i quali non confessano Gesù Cristo esser venuto in carne un tale è il seduttore e I’anticristo”.

Em Segond:

“Car plusieurs sont entres dans le monde, qui ne confessent point que Jesus-Christ est venu em chair. Celui qui est tel, c'est le séducteur et I’antéchrist”.

Na versão inglesa:

“For many deceivers are entered into the world, who confess not that Jesus Christ is come in the flesh. This is a deceiver and an antichrist”.

Finalmente em grego:

“Ὅτι πολλοὶ πλάνοι
εξῆλθαν εἰς τὸν κόσμον, οἱ μὴ ὁμολογοῦν-
τές Ἰησοῦν Χριστὸν ἐρχόμενον ἐν σαρκί·
οὗτός ἐστιν ὁ πλάγος καὶ ὁ ἀντίχριστος.

Eis o que são os roustanguistas, na definição lapidar do grande Apóstolo do Cristo. Bem razão tinha Kardec naquela passagem citada pelo próprio Sr. Gomes Braga.

Estamos vendo assim que, no fundo, a questão do Roustainguismo significa: falta de Evangelho na mente e no coração.

No Evangelho de Lucas, capítulo 20, há uma parábola dos lavradores maus. No final lemos este trecho:

“Que lhes fará pois o senhor da vinha?

“Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: não seja assim!

“Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça de esquina.

“Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó”.

Esta pedra é a doutrina de Jesus Cristo, tal qual legaram os seus discípulos. Tristes perspectivas para os seus falsificadores!

2

Roustaing como Encarregado da Fé

Vamos às teses. A primeira delas é:

“A missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, encarregado de organizar os trabalhos da fé, dando confirmação às revelações anteriores”.

Inicialmente, analisemos o caso Roustaing sob um aspecto mais geral, buscando saber se o grande advogado francês foi mesmo um missionário, e missionário da Terceira Revelação.

Conforme os ensinamentos da doutrina espírita, missionário na Terra é o Espírito que, na vida de além túmulo, ou escolheu ou aceitou uma tarefa importante a realizar entre os homens. Pela lógica, de que se não apartam os grandes Espíritos que nos trouxeram todo esse vasto acervo de materiais, que permitiram fossem os problemas do Espiritismo estudados sob critérios seguros e métodos realmente científicos, um Espírito missionário pode triunfar, como pode falir na sua missão, porque, apesar de desfrutar de livre arbítrio, suas forças entram em jogo com outras forças do meio social, as quais agem como modificadoras de seu impulso inicial, tanto em valor ou grandeza como em direção ou ponto de aplicação, de modo que se constata um puro fenômeno de mecânica social. Pode triunfar ou falir em consequência da lei de **Causa e Efeito**,³⁹ isto é, de seus antecedentes intelectuais, espirituais e, sobretudo, morais, cuja ação se haja refletido no passado meio social.⁴⁰ Pode ver-se rodeado de dificuldades insuperáveis, inerentes umas a seu próprio modo de ser, outras à ação de seus amigos e adversários de ambos os planos. Essas dificuldades podem ainda derivar-se da extemporaneidade de sua ação missionária, da sua inabilidade ou da inadequabilidade de seus métodos, ou mesmo da falta de um plano que, como no campo militar, reveste dois aspectos – um tático, outro estratégico.

Como quer que seja, a falência denota uma falha do Espírito que, com a derrota, deixa a prova para a qual não havia se preparado suficientemente, não tinha sabido cercar-se de companhei-

ros, de auxiliares, de coadjuvantes, encarnados ou desencarnados, para uma tarefa que, via de regra, nunca tem cunho exclusivista e pessoal, jamais é confiada a um indivíduo isolado: é como se procede nos estados-maiores, onde se faz trabalho de equipe. Dentro da lógica, sempre guardada por todos os bons Espíritos, atendo-nos à relação “causa-efeito”, o fracasso é sempre sinal de inferioridade, hipertrofia do *Eu*, orgulho e vaidade.⁴¹

Sabe-se pelo ensino dos Espíritos que egoísmo e orgulho⁴² constituem as duas maiores fontes de males e fracassos. Deu-nos Kardec um belo exemplo de haver operado estas debilidades, recusando terminantemente intitular-se autor ou inventor de uma escola filosófica, de uma doutrina. Honesto como quem mais o foi, não pode ser medido pela craveira daqueles que andam se escorando na adulteração do alheio pensamento para sustentar as próprias idéias. Esta falta se não a cometeu o próprio Roustaing cometeram-na os Espíritos inspiradores de sua obra; cometeram-na os seus partidários, tanto na França quanto no Brasil.

Ora – já o dissemos – não pode estar com a boa causa da Verdade quem procura esteá-la na mentira.

Assim sendo, podemos aceitar que Roustaing tivesse encarnado com uma certa missão: mas é fora de dúvida que faliu porque aceitou inverdades; porque não deu à sua obra aquela força moral – que se encontra na obra kardeciana – de propagar a Verdade e separar-se da mentira e do erro.

Por que teria falido?

Porque ainda tinha, em alta dose, os resquícios da vaidade e do orgulho.

Procurou ele aliar-se a Allan Kardec e trabalhar em paralelo ou em convergência de objetivos? Submeteu as mensagens de seus supostos evangelistas, apóstolos “et caterva” ao exame da crítica sensata de outros estudiosos, que os havia em abundância, contemporaneamente à missão de Allan Kardec?⁴³

Não; não o fez. Buscou o isolamento. Erigiu-se em flecha dessas catedrais góticas, que se espeta no céu, como que a dizer sempre: EU!

Kardec havia permitido na Sociedade Espírita de Paris a penetração dos roustinguistas. E, quando desencarnou o Codificador, os partidários do “Jesus, nem Deus, nem Homem” foram se apoderando dos postos-chave da Sociedade e não tiveram vergonha de adulterar a obra do mestre.

Que prova isto?

Um desespero de causa, a falência do missionário e uma obstinação, uma obsessão coletiva, que não podia deixar de ser, como de fato o é, obra do Anticristo.

É triste confessar, mas a verdade é que se Roustaing foi um missionário, foi sobretudo um fracassado na doutrina da Terceira Revelação, porque deformou a doutrina de Jesus Cristo.⁴⁴

* * *

Pretende o Sr. Gomes Braga que Roustaing tenha sido “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às revelações anteriores”.

Já vimos, pelo que ficou dito acima e pelo que dissemos no artigo anterior, que a ação de Roustaing e de seus prosélitos, no campo da doutrina, por seu caráter deformante dos textos bíblicos, foi e é anticristã, não podendo, por isso mesmo, ser tomada como de auxílio à missão de Kardec. Basta lembrar que foi justamente o Roustinguismo que levou o fracionamento e o divisionismo aos meios espíritas franceses, comprometendo a obra social que a Sociedade Espírita de Paris, fundada por Allan Kardec, já vinha realizando, a despeito da atenção deste estar voltada, principalmente, para os escritos doutrinários.⁴⁵

* * *

Estudada, assim, a primeira parte da primeira tese, vejamos a segunda parte: “**encarregado de organizar o trabalho da Fé**”.

Kardec considerou o Espiritismo sob três aspectos fundamentais: o científico, o filosófico e o religioso; mas nunca afirmou que o Espiritismo fosse uma religião.⁴⁶ Em escritos vários temos sustentado que segundo o conceito clássico de religião,⁴⁷ esta se acha condicionada às influências do meio social, e pode ser considerada sob dois aspectos: o de interioridade e o de exterioridade.

ridade. O primeiro se desenvolve pelo estudo, pela meditação, pelo conhecimento aplicados aos superiores objetivos da vida e não é percebido por sinais externos; o segundo é a moda, é o ritual, é a liturgia, é tudo aquilo que fala aos sentidos e que, pouco a pouco, transforma as práticas religiosas num automatismo psicológico. A primeira dá a compreensão e alarga os horizontes espirituais; a segunda limita a inteligência e cria o fanatismo.⁴⁸

Como quer que seja, este último aspecto é o que prevalece em todos os cultos, em todos os tempos, dado o comodismo e o interesse dos dirigentes religiosos.

Assim, o que caracteriza uma religião é, essencialmente, o seguinte:

- 1º) um conjunto de dogmas, impostos à razão e transformados em artigos da fé;
- 2º) um ritual mais ou menos aparatoso, a cuja origem podemos remontar e buscar a sua significação no sincretismo religioso e nos fenômenos de psiquismo coletivo, terrivelmente persistentes em todos os povos, embora variem ligeiramente as causas eficientes;
- 3º) uma hierarquia sacerdotal que dirige este segundo aspecto e guarda e amplia o primeiro.

Posto que, vez por outra, se encontre na obra de Kardec o vocábulo *dogma*, este aí aparece mais com o significado de *ponto inconcusso de doutrina*, estabelecido à luz dos fatos e das seqüências destes decorrentes, do que de *ponto inconcusso de fé*, estabelecida, ou antes, imposta, mesmo que choque a razão e não se apóie em argumentos lógicos. Por isso mesmo Kardec sistematicamente nos diz que o Espiritismo não é uma religião.⁴⁹

Com efeito, na obra **O que é o Espiritismo**, 9ª edição da FEB, ano de 1945, lemos à página 8:

“ Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as seqüências morais, que dimanam dessas mesmas relações.

“Podemos defini-lo assim:

“O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”.

Mais adiante, à página 74, reafirma:

“O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas conseqüências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se dirige, pois, àqueles que em nada crêm ou que de tudo duvidam, e o número desses não é pequeno, como muito bem sabeis; os que têm fé religiosa e a quem esta fé satisfaz, dele não têm necessidade”.

“Se hoje há luta entre a Igreja e o Espiritismo, nós temos consciência de não tê-la provocado”.

E à página 84, assim aborda a questão dos dogmas:

“O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não cuida de questões dogmáticas. Esta ciência tem conseqüências morais como todas as ciências filosóficas: essas conseqüências são boas ou más?

“É simples julgar-se pelos princípios gerais que acabo de expor”.

E já na página seguinte, repisa:

“Melhor observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões, até hoje insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião; e a prova disso é que ele conta, entre seus aderentes, homens de todas as crenças”, etc.

E, cinco linhas adiante:

“Ele repousa, por conseguinte, em princípios independentes das questões dogmáticas. Suas conseqüências morais são todas no sentido do Cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura; razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para compreendê-lo em sua verdadeira essência.

“Podemos exprobrá-lo por isso?

“Cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas; mas daí a constituir nova igreja, a distância é grande”.

Em perfeita concordância, lemos à página 102:

“Eis porque, sem ser uma religião, o Espiritismo prende-se essencialmente às idéias religiosas, desenvolve-as naqueles que não as possuem, fortifica-as nos que as têm incertas”.

“A religião encontra, pois, um apoio nele, não para as pessoas de vistas estreitas, que a vêem integralmente na doutrina do fogo eterno, na letra mais do que no espírito, mas para aqueles que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus”.

Parece que temos o suficiente.⁵⁰

Como é sabido que todas as religiões se arrogam a posse exclusiva da Verdade e o culto do verdadeiro Deus, nenhum elemento forneceram os Espíritos a Kardec para constituir o Espiritismo em religião, como se vê dos trechos citados. Ele é uma ciência na sua feição prática; e como versa os problemas gerais da evolução da vida universal, conduz-nos a generalizações máximas, isto é, a uma filosofia; e porque ciência e filosofia lidem com os problemas máximos do ser humano, os de sua origem, de suas vicissitudes, assim na matéria como fora dela, e porque nos aponta o destino irrefragável do Espírito, problema basilar de todas as religiões – mas insolúvel ou erradamente considerado em todas elas – é que o Espiritismo tem conseqüências religiosas, mas nunca será uma religião.

Seu papel é de esclarecer o homem; é de permitir fé pela razão e nunca por imposição dogmática. Por isso, fiel ao pensamento expresso dos Espíritos, não o converteu em religião nem tratou de a organizar: a fé não se sistematiza a não ser em foro íntimo e por ação pessoal. Conseqüentemente, desnecessário lhe era um visionário para a sinecura de “organizar o trabalho da fé”. Tudo quanto era essencial, neste particular, Kardec já havia apresentado em **O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e**

A Gênese, bem como em O Evangelho Segundo o Espiritismo e O Céu e o inferno.

Se Allan Kardec só se ocupou da obra de Roustaing para a combater na *Revue Spirite* (Revista Espírita), como dissemos no primeiro artigo, é que não reconheceu no advogado de Bordéus as qualidades de seu coadjutor.

Ora, sabe-se que Kardec agia sempre de acordo com os Espíritos missionários, de alta estirpe, que lhe davam conselhos, mensagens, idéias, sugestões; que por vezes desciam a minuciosa análise de problemas da atualidade ou traçavam os lineamentos de problemas porvindouros.

Seria crível que Allan Kardec se houvesse enganado quanto à tarefa colaboracionista de Roustaing? E, dado que se houvesse enganado, por que os Espíritos que o orientavam não esclareceram o seu equívoco? Admitindo, ainda, que esses Espíritos houvessem cochilado, por que, então, os tais evangelistas, apóstolos, Moisés & Cia., do Sr. Roustaing não usaram de sua autoridade, sua hierarquia espiritual junto aos guias de Kardec? Por que não os despertaram e fizeram corrigir o engano do Codificador, para que um missionário tivesse mais facilitados os meios de cumprir a missão que trouxera do plano espiritual?

Além disso, mesmo admitindo a necessidade que o Sr. Gomes Braga assina como tarefa de Roustaing, de “organizar a fé”, e considerando, ainda, que os roustanguistas brasileiros procuram dar o seu patrono como auxiliar de Kardec, força é convir que já veio tarde. Do ponto de vista espírita, considerando os assuntos gerais da doutrina, tal qual o consideraram Kardec e seus legítimos colaboradores, no tocante à fé o que é fundamental se acha em **O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e O Evangelho Segundo o Espiritismo**, todos organizados por Allan Kardec, publicados anteriormente à obra de Roustaing e contendo inúmeras passagens que, direta ou indiretamente, são contrárias à tese fundamental do Roustanguismo, isto é, a tese de que Jesus Cristo não foi homem.

Ao contrário disso, os guias de Roustaing andaram apenas, na França como no Brasil, levando o autor da obra anticristã e os

“aperfeiçoadores” a torcer e falsear os Evangelhos, a tirar ilógicas e falsas ilações de versículos destacados do Velho Testamento, no afã de encontrarem apoio à mais antiga das heresias surgidas no seio da Cristandade: a de que Jesus Cristo não foi homem.

Triste missão a do Sr. Roustaing e de seus partidários!

* * *

A terceira e última parte da tese que estamos discutindo diz que Roustaing veio dar “**confirmação às facções anteriores**”.

Como? Onde se apóia o Sr. Gomes Braga para externar um tal conceito?

A primeira revelação, o Velho Testamento, contém as leis de Deus, que os Judeus chamam Torá;⁵¹ profetizava a vinda do Messias; batia-se contra os desvios sacerdotais e predizia acontecimentos futuros naquele conjunto de livros chamados *Neblim*; estes abarcavam tanto os grandes como os menores profetas. Outros livros históricos e poéticos o completavam.⁵²

Nesses textos, onde há referências ao Messias, ele será um homem, um profeta, um rebento da Casa de David. Tudo isso se cumpriu no tempo certo, no lugar predito, nas condições previstas pelos grandes videntes. Jesus Cristo ensina a sua doutrina e seus apóstolos è discipulos a transmitem. São os escritos que constituem a Segunda Revelação.

De como se copiavam e se transmitiam esses livros sagrados diremos oportunamente. Basta, por hoje, dizer que havia regras rigorosíssimas para se lhes fazerem cópias, o que equivale quase a um trabalho impresso; conhecem-se o número de capítulos, de versículos, de palavras; sabe-se qual o capítulo mediano, qual a palavra central. Com um tal luxo de minúcias, difícil é fazer mutilações enxertos ou interpolações. Esses escritos estão representando de dezenove a trinta e dois séculos de tradições, de resistência, de força moral, de valor e respeito ao que é espiritual; suportaram tremendas vicissitudes, sucessivas destruições, cativo e perseguições, para resistir a tudo e se manterem em tal harmonia que hoje, quanto mais avança a Ciência, mais se confirma quanto neles está escrito.⁵³

Desses escritos há atualmente quatro grandes códigos que constituem preciosidades de um valor incalculável; são eles: o Sináítico, na Biblioteca de Moscou; o Vaticânico, em Roma; o Alexandrino, no Museu de Londres e o de Efrem, em Paris. Deles falaremos oportunamente com alguns detalhes. Por hoje limitamo-nos a dizer que o primeiro tira seu nome de um mosteiro de padres ortodoxos gregos, no Monte Sinai – o célebre Mosteiro de Santa Catarina: tem uma altíssima antigüidade e foi descoberto em 1844 por Tischendorf, professor da Universidade de Lípsia; o segundo remonta ao quarto século de nossa era e já em 1475 era citado no catálogo da Biblioteca do Vaticano; o terceiro, que se acha no Museu de Londres, procede da África e é tido como tendo pertencido a Santa Tecla, que foi abadessa de um convento em Alexandria; sua primeira referência é do ano de 1098 quando foi apresentado ao patriarca de Alexandria, de onde lhe vem o nome; por fim o último, também chamado *Codex Regius Parisienses*, encontra-se na Biblioteca de Paris; o nome de *Código de Efrem* se deve ao fato de um escriba o haver parcialmente estragado, para o utilizar como palimpsesto, aí copiando a obra de um sírio, pai da Igreja, chamado *Efrem* ou *Efracim*.

Todos são concordes; todo o mundo os respeita – menos a Igreja Católica e com ela os Espíritos que vieram inspirar o Sr. Roustaing.⁵⁴

Convenhamos que a maneira porque o fizeram está longe de “confirmar as revelações anteriores”. Ao contrário, a tese de Roustaing opõe-se a várias passagens que se acham nesses textos, os quais, mesmo para os incrédulos, devem ser sagrados. Estes não podem ser assim, levianamente, postos em dúvida ou apontados como inverídicos. Para tanto fora mister um estudo comparativo, uma refutação honesta, uma argumentação lógica, e isso só se consegue a custa de muito estudo sistemático e paciente, o que requer anos de devotamento para tentar provar possíveis inverdades em textos tão respeitáveis.

Mas não assim para os roustainguistas. Roustaing deixou-se contaminar pela moda da época, de conversar com os Espíritos; tomou gosto e quis tornar-se célebre, rivalizando ou superando Kardec. A vaidade foi a brecha por onde entraram os mistifica-

dores. O resultado aí está: os Espíritos clericais **fizeram um carnaval**; acabaram desorganizando na França o que Kardec paciente, humilde e sabiamente havia organizado.

Em relação ao caso no Brasil, os mesmos mistificadores encontraram o terreno fácil, mercê da incultura geral do povo, da falta de conhecimento sistematizado em assuntos religiosos nas camadas mais cultas e, principalmente, da grande falha do brasileiro no tocante ao conhecimento do livro singularíssimo que é a Bíblia. O sincretismo religioso encarregou-se do resto.

Já é tempo de destruir o equívoco representado pelo Roustanguismo.

“Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre a sua fumaça subirá; de geração em geração será assolada; pelos séculos dos séculos ninguém passará por ela. Mas o pelicano e o ouriço a possuirão; a coruja e o corvo nela habitarão; e ele estenderá sobre ela o cordel de confusão e o prumo de vaidade. Eles chamarão ao reino os seus nobres, mas nenhum haverá; e todos os seus príncipes não serão coisa nenhuma. E crescerão espinhos nos seus palácios, urtigas e cardos nas suas fortalezas; e será uma habitação de chacais, um sítio para avestruzes” (Isaías; 34: 10 a 13).

“Eis que todos são vaidade. As suas obras não são coisa alguma; as suas imagens de fundição são vento e coisa vã” (Isaías; 41: 29).

“Ninguém há que invoque a justiça com retidão, nem há quem pleiteie com verdade; confiam na vaidade e falam mentiras; concebem o mal e dão à luz a iniquidade” (Isaías, 59: 4).

“E disse-me o Senhor: Os profetas profetizam mentiras em meu nome; não os enviei, nem lhes dei ordem, nem lhes falei. Visão falsa, adivinhação, vaidade e o engano do seu coração é o que eles vos profetizam” (Jeremias; 14: 14).

“Viram vaidade e adivinhação mentirosa os que dizem: O Senhor diz; quando o Senhor não os enviou; e esperam que seja cumprida a palavra. Acaso não tivestes visão de vaidade, e não falastes adivinhação mentirosa, quando dissestes: O Senhor diz; sendo que eu tal não falei? Portanto assim diz o Senhor Deus:

Porque tendes falado vaidade, e visto mentiras, por isso eis que eu sou contra vós, diz o Senhor Deus. E a minha mão será contra os profetas que vêm vaidade e que adivinham mentira; não estarão no concílio do meu povo, nem nos registros da casa de Israel se escreverão, nem entrarão na terra de Israel; e sabereis que eu sou o Senhor Deus” (Ezequiel; 13: 6 a 9).

3

Médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier

Postas as coisas neste pé, prossigamos na análise. Podemos agrupar as seguintes teses:

- 1) que “a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier”;
- 2) que “Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus; apenas a pôs de quarentena: posteriormente, como espírito, a apóia”.

* * *

Contestamos, baseado no bom-senso, a afirmativa de que a obra da Sra. Collignon tenha hoje “caráter de universalidade, porque os Espíritos a confirmaram através de três médiuns”.

Quando uma coisa alcança um certo número de países, diz-se que é internacional; universal, pela própria etimologia, é aquilo que é peculiar ou relativo ao universo, isto é, à totalidade dos países do mundo. Ninguém sabia que um fato, ou a confirmação de um fato na Casa da Avenida Passos pudesse ter assim, e só por isso, um caráter universal. Até parece que esse “universal” é mera tradução da voz grega “*catholikos*” e que não estamos longe de ver a gente da ex-Casa de Ismael proclamá-la em Vaticano-mirim, como sede gestatória, beija-pés e andor para carregar o *pontifex-maximus*, à maneira dos cônsules romanos.

Se não bastar a inanidade do argumento do Sr. Ismael, bastará fazer algumas citações da obra de Kardec. É mesmo interessante seguir esta via, porque o Sr. Braga – e nisto estamos de acordo – não admite se mutile ou altere a obra de Allan Kardec.

Antes, porém, vejamos o caso dos três médiuns.

Francisco Cândido Xavier, é médium que está desempenhando notável tarefa no cenário espírita nacional e deve estar sendo metido levianamente em negócios escusos, pois escuso é usar o

prestígio por ele conquistado entre os espíritas, para valorizar uma teoria que a maioria dos profítes da doutrina impugna e sobre a qual os seus guias mantêm um discreto silêncio. Aquele médium está sendo pela FEB metido na questão roustainguista como Pilatos no Credo.⁵⁵

É possível que os espíritas recentes o ignorem: mas faz ainda muitos anos, o jornal *Mundo Espírita* denunciou, em artigos assinados por pessoa de grande estatura moral e de projeção social – o Sr. General Araripe de Faria – um caso escabroso de adulteração de livro psicografado por Francisco Cândido Xavier. É o caso de uma obra que se esgotou e, ao publicar a segunda edição, a FEB alterou certas passagens, afeiçoando-as aos princípios roustainguistas.

Tão grave e indefensável era a acusação, que a Federação Espírita Brasileira remeteu-se ao silêncio: apanhou sem tugar nem mugir. Mas nem se arrependeu nem corrigiu: antes seguiu o próloquio: “Cesteiro que faz cesto, faz um cento”.

Ora, os Espíritos que têm ditado livros a Francisco Cândido Xavier são criteriosos e equilibrados; não iriam dizer uma coisa hoje e outra amanhã, defender uma tese agora e atacá-la ou defender tese contrária mais tarde, que isto é privilégio de certos políticos; não iriam fazer alterações, corrigendas ou aditivos naquilo que disseram, e que deve ter passado pelo crivo de minuciosa análise. Admitindo mesmo que tivessem tido necessidade de o fazer, teriam tido aquele gesto de elementar elegância dos escritores probos e que sabem respeitar o seu público, para serem, também eles, respeitados; e, ou escreveriam um prefácio para a nova edição modificada, dando conta da alteração, ou poriam, no trecho alterado, uma nota em rodapé.

Fazê-lo de forma sub-reptícia é marcar de suspeição o seu trabalho, quiçá o próprio nome, porque deixam de *viver às claras*, como manda o belo lema positivista.

Já agora nova suspeita é levantada contra outra obra psicografada por Xavier. Contra o médium? Não: contra os editores, contra a FEB. Levanta-a o Dr. Henrique Andrade, nome presti-

gioso nos meios espíritas do país, em *Aurora*, n.º 191, de 1:º de abril do corrente ano.⁵⁶

É o caso de uma comunicação do espírito de Humberto de Campos, publicada em 1937 pela Federação Espírita Brasileira, no volume *Crônicas de Além Túmulo* e uma passagem do mesmo espírito, no seu livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* recebidas ambas por aquele médium e esta publicada em 1938, ou seja, apenas um ano após a primeira.

Na mensagem, Humberto de Campos cita os mais destacados nomes que seguiram o rastro de Kardec. São eles, pela ordem de citação, tanto vale dizer, de importância: Camille Flammarion, Gabriel Delanne e Léon Denis, versando a cosmologia e a filosofia sob o ângulo espírita e “inaugurando uma nova época para o pensamento religioso”.

Nem uma palavra sobre Roustaing! ...

Entretanto, um ano mais tarde, lá vem o mesmo Espírito, na segunda obra referida, dizer que a missão de Kardec “contaria com uma plêiade de auxiliares de sua obra, destacados particularmente para auxiliá-lo, nas individualidades de Baptista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé, etc.”...

Agora Roustaing passou a perna naqueles três grandes vultos. É incrível que o Espírito do ativo maranhense tivesse cochilado na primeira mensagem. Como poderia ignorar, como ignorou, a segunda figura do Espiritismo, conforme a sua classificação, e que a FEB hoje coloca ombro a ombro com Allan Kardec, se não pouco acima?

Remetemos o leitor para o citado artigo de *Aurora*.

Agora seja-nos lícito registrar uma impressão que colhemos há muito tempo: a semelhança de estilo entre André Luiz, Humberto de Campos e Emmanuel, de um lado, e as traduções da FEB, nestes últimos dez ou doze anos, do outro. Se se fizer um estudo metucioso, além da linguagem demasiado rebuscada, encontraremos muitos símiles nas páginas impressas e atribuídas àqueles Espíritos e a fraseologia dos dois mais “acreditados” tradutores da FEB nesta fase.

Há um preciosismo de linguagem que não se compadece com o nível cultural da massa espírita; há frases feitas e expressões de que fazem um emprego abusivo: dir-se-ia que são clichês. Em compensação as traduções contêm inúmeros lapsos, que denotam pouca segurança da língua original. Assim, por exemplo, expressões como estas: “Deus não tem pontos de trevas”, quando no original o *point* não é ponto mas segunda negação; quando pergunta se o Templo pode usar o dinheiro da prostituição, que a lei condena, e quando se diz que, na impossibilidade de recusa, seja tal dinheiro empregado na construção de sentinas, o tradutor verteu “garde-robe” por guarda-roupa, o que é terrível ironia, mas altera o pensamento fundamental.

De cincadas que tais está cheia a obra traduzida pela FEB. O pior é que em muitos casos dá-nos períodos absurdos ou sem sentido.

Por tudo isso não é possível aceitar a inclusão de Francisco Cândido Xavier entre os médiuns que receberam mensagens pró-Roustaing. Além disso, os Espíritos que lhe têm ditado obras sabem quanto é delicado o problema e esperavam que o escândalo viesse a rebentar mais dia menos dia. Dando mostras de sua longanimidade, ladearam o assunto, deixando que os homens o resolvessem. Entretanto, cada vez mais a FEB se afunda no erro imperdoável de torcer o pensamento de Kardec e até textos da Bíblia, não só para defender um ponto suspeitíssimo de doutrina, mas, já agora, para defender posições que foram tomadas de assalto.

Estamos convictos de que os diretores da ex-Casa de Ismael não conseguiriam, perante ampla comissão de elementos anti-roustainguistas e de neutros, com a presença de médiuns videntes de confiança, que Emmanuel, André Luís ou Humberto de Campos respondessem a um questionário apertado sobre a divergência Kardec-Roustaing.

Quanto aos outros dois médiuns, senhoras dignas de todo respeito, é preciso que, como médiuns, sejam consideradas independentemente de sexo, porque a mediunidade é dom do Espírito.

Terminantemente suas mensagens não podem ser aceitas ou, pelo menos, não podem ainda ser aceitas.

Valer-nos-emos das palavras de Allan Kardec em “O Evangelho segundo o Espiritismo” traduzido pelo Doutor Guillon Ribeiro, antigo presidente da FEB, e tem o volume de onde extraímos o trecho a indicação, de 3 edição de 1947. Falando da “universalidade dos ensinamentos dos Espíritos”, lemos, à página 19 e seguintes:

“Não é essa, porém, a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há negar, são um escolho; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal” ⁵⁷

“Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e pseudo-sábios que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas idéias; enfim, que só os Espíritos de categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das idéias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que **os Espíritos enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem**, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, **as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade**; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que **imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas**”.

“O primeiro exame comprobativo é, pois, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. **Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e**

com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juizes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? **Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta.** De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo”.

“A concordância no que ensinem os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência”.

“Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares”.

“Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um principio novo tem de ser enunciado, isso se dá espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo”. (Os negritos são nossos).

Como se vê, esta passagem de Kardec se ajusta como uma luva ao caso Roustaing: é a sua dissecação. Assim, é ainda o próprio Kardec quem responde ao Sr. Gomes Braga. Dois mé-

diuns da mesma casa, submetidos à mesma influência intelectual e espiritual, tanto de encarnados quanto de desencarnados, não podem pretender que suas afirmações, contrárias ao bom senso, à razão e à universalidade de um ensino que, baseado nos fatos, se tem continuado através de mais de vinte e cinco séculos, sejam levadas a sério, a não ser neste aspecto único: o grande mal feito à doutrina do Cristo e à Terceira Revelação, que a confirma.⁵⁸

Vejam agora a segunda tese.

Ela já está implicitamente combatida pelas palavras do Codificador, citadas acima. No entanto, vamos adicionar mais alguma coisa. Em **A Gênese**, de Allan Kardec, cap. XIV, item 36, páginas 338, e 339, na tradução de Antônio Lima, publicada pela FEB em 1935, lemos:

“Deve-se notar que as aparições tangíveis só têm aparências da matéria carnal, mas não as suas qualidades; em razão da sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque na realidade não é carne. Elas se formam instantaneamente, e do mesmo modo desaparecem ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que nestas condições se apresentam não nascem nem morrem como os outros; os vemos ou não; os vemos mais, sem se saber donde vêm, como vieram, nem para onde vão; não se poderia matá-los, prendê-los, nem encarcerá-los, porque eles não têm corpo carnal; os golpes que lhes déssemos cairiam no vácuo”.

“Tal é o caráter dos agêneres, com os quais se pode conversar sem se saber o que eles são, mas que não se demoram e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família”.

No mesmo livro, cap. XV, itens 65 a 67, páginas 400 a 402, temos:

“A vida de Jesus na terra apresenta dois períodos: o precedente e o seguinte à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até ao nascimento, tudo se passa, com sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo em seus atos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, **apre-**

senta os caracteres inequívocos da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica com ele produzidos são acidentais, e nada têm de anômalos por se explicarem pelas propriedades do perispírito; encontram-se em diferentes graus, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela um ser fluídico. A diferença entre os dois estados é por tal forma acentuada, que não é possível assimilá-los”.

“O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, e que diferem essencialmente da dos fluídos etéreos; a desorganização opera-se aí pela ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, param as suas funções e a morte sobrevém, isto é, a morte do corpo. Esta coesão não existe nos corpos fluídicos, a vida não repousa sobre o jogo de órgãos especiais, e não podem produzir-se desordens análogas às que se produzem no corpo; um instrumento cortante, ou qualquer outro, penetra nele como num vapor, sem ocasionar lesão alguma. Eis a razão porque essas espécies de corpo não podem morrer, e porque os seres fluídicos, designados por agêneres, não podem sofrer a morte”.

“Depois dos suplício de Jesus, o seu corpo lá ficou, sem vida; foi sepultado como os corpos comuns, e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Depois de sua ressurreição quando quis deixar a terra, não tornou a morrer; elevou-se, apagou-se e desapareceu, sem deixar vestígios algum – prova evidente de que esse corpo era de natureza diferente daquele que morrera na cruz, donde é preciso concluir, que se Jesus morreu, é porque tinha corpo carnal”.

“Em consequência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede de sensações e dores físicas, que se repercutem no centro sensitivo do Espírito. Não é o que sofre; é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado do Espírito a sensação é absolutamente nula pela mesma razão, o Espírito, que não tem corpo material, não pode sentir os sofrimentos resultantes da alteração da matéria, donde é preciso igual-

mente concluir que, se Jesus sofreu materialmente, como não se pode duvidar, é porque ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de qualquer pessoa”.

“66 – Aos fatos materiais juntamos considerações morais poderosíssimas.

“Se Jesus estivesse, durante a sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria sentido dor, nem nenhuma das necessidades corporais. Supor que assim foi é tirar-lhe todo o mérito da vida de privações e sofrimentos que escolheu para exemplo de resignação. Se tudo nele só era aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, a súplica a Deus para afastar de seus lábios o cálice, a sua paixão, a agonia, tudo, até seu último grito no momento de entregar o Espírito, não teria passado de um vão simulacro para enganar quanto à sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório de uma vida, uma simples comédia indigna de qualquer homem de bem, e com maior razão de um ser tão superior; em uma palavra, ele teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as conseqüências lógicas desse sistema, conseqüências que não são admissíveis, porque isso seria rebaixá-lo moralmente, em vez de elevá-lo”.

“Jesus teve, como toda a gente, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que atestam os fenômenos materiais e os fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a vida”.

“67 – Esta concepção sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, Apolinário de Laodicéia, chefe da seita dos Apolinaristas, pretendia que Jesus não tivesse possuído um corpo como o nosso, mas um corpo “impassível”, que descera do céu no seio da Santa Virgem, e não nascera dela; que, por essa forma Jesus não havia nascido nem sofrido, e que só morrera em aparência. Os Apolinaristas foram anatematizados no Concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381”.

“Os *Docetas* (do grego *dokein*, aparecer), seita numerosa dos Gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos, tinham a mesma crença”.

Diante de tal clareza de exposição, o Sr. Gomes Braga fica entre as farpas do seguinte dilema: ou s. s. não conhece a obra de Allan Kardec ou faz muito pouco caso do bom senso e da memória dos Espíritas. Numa, como na outra hipótese, s. s. revela-se como não estando à altura de um cargo na direção que, por todos os títulos, deveria ter o Espiritismo no Brasil.

Se Allan Kardec se houvesse manifestado aos diretores da FEB, a fim de se desdizer e apoiar a tese roustanguista, por certo não teria demonstrado degradação de seu caráter: aquela capacidade de minúcia, aquela precisão de análise tê-lo-iam levado a encarar altamente o assunto e, confessando seu voto, teria encarregado a direção da casa de fazer aquela revisão em sua obra que, há já cerca de sessenta anos, a influência roustanguista em vão tentou executar, para adaptá-la aos interesses roustanguistas, tanto vale dizer, para entregar a direção espiritual da doutrina ao anticristo.

É por tudo isto que continuamos pensando que a Verdade está na Bíblia e que os espíritas precisam aí encontrá-la; que as palavras do Cristo não passarão e, por isso, não lhe cairão nem um til nem um jota: finalmente, que o Roustanguismo é um equívoco, que precisa ser destruído quanto antes.⁵⁹

4

Jesus: Homem ou Agênere?

Consideremos agora as seguintes teses:

IV – que Jesus Cristo não era homem, mas um agênere;

VII – que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo fluídico de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria; e

X – que quem nega que Jesus tenha sido um agênere nega também a codificação kardeciana, não é espírita”.

Antes, porém, de entrarmos na análise destas três teses, seja-nos lícito fazer algumas considerações tendentes a dar a compreender a nossa atitude e, do mesmo passo, atenuar os temores de alguns confrades muito tíbios, que julgam que estamos fazendo escândalo.

Tais confrades têm um modo singular de entender a função evangelizadora: acham que não se devem atacar os erros, pois isto seria, a seu ver, uma prova de intolerância; mas não raciocinam que, com o silêncio, estão endossando os mesmos erros; não pensam que as altas fontes que despejam ensinados errados estão desviando criaturas do bom caminho; temem ofender aos “amigos” que confundem as próprias idéias, convicções e interesses com a Verdade e não temem ofender ao Mestre, que não se zanga e nem protesta, e cujo nome vive em suas bocas, mas cuja doutrina nem lhes encheu o cérebro nem lhes melhorou o coração.

Particularmente para os Espíritas, o que mais deve interessar é aquilo que repercute no Espírito, que é eterno. Então, nesta questão de falsificar versículos da Bíblia e adulterar as obras de Kardec pode não haver escândalo para os Espíritos revestidos na matéria e mais preocupados com as exterioridades, com as aparências, os proventos materiais e a importância das posições que ocupam, do que propriamente com a aquisição de conhecimentos e a sua utilização, no sentido de se melhorarem e ajuda-

rem os seus semelhantes a se melhorarem. Mas do outro lado, no plano espiritual, o escândalo rola há muitos anos.

Fosse alguém tentar discutir os mesmos pontos que estamos discutindo nas salas da Avenida Passos e seria convidado a não tocar no assunto, que é questão fechada; fosse uma sociedade adesa à Federação Espírita Brasileira abordar a matéria em família, talvez acabasse expulsa, como foi o caso da Federação Gaúcha – por algo menos que isso.

Os roustainguistas não querem a discussão, porque o Roustainguismo é uma fascinação, é uma obsessão coletiva, como obra do anticristo, que é. Por outro lado, a grande maioria dos dirigentes espíritas kardecistas ou anti-roustainguistas – perdoem-nos que lhes digamos – lêem bastante, mas não fizeram da doutrina um estudo sistemático, fichado, arrumado: parece que ignoram que ainda há muita coisa de Kardec que é desconhecida em nossa língua; que certos temas, esflorados por ele, indicam que tinha em mente obras outras que sua moléstia não permitiu concluir ou esboçar.⁶⁰

E até hoje – salvo os seus contemporâneos Flammarion, Léon Denis, Delanne e, sob certo aspecto, Bozzano – não surgiu um Espírita que estivesse à altura da tarefa de continuador, para a qual é necessário um perfeito conhecimento da obra do Codificador e um conhecimento igual, se não maior, da Bíblia, como elemento imprescindível ao completo desenvolvimento da parte moral da doutrina, enfim para fazer, segundo a expressão feliz de Osvaldo Melo, **não Evangelho segundo o Espiritismo, mas Espiritismo segundo o Evangelho.**

Ora, os dirigentes da FEB não estão compreendendo a responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros. Parece que ignoram que o Espiritismo não foi codificado para se converter numa religião – o que fora desconhecer a origem e a função das religiões no seu aspecto social – nem, muito menos ainda, para combater as religiões existentes, mas para dar elementos científicos, filosóficos e morais que despertem a fé nos incrédulos e a fortaleza nos que a têm tibia e vacilante, nos que a têm apoucada. Esses nossos estimáveis confrades que vivem, assim, temerosos do escândalo, estão ajudando o maior escândalo dentro das

hostes espíritas nacionais, pois é indiscutivelmente no Brasil que o Espiritismo tem tido o maior desenvolvimento na sua feição moral, quase diríamos religiosa, posto que aquilo que tem ganhado em extensão tenha perdido em profundidade.

A esses espíritas queremos lembrar o significado de escândalo. Assim o define o grande dicionário de Laudelino Freire: “Escândalo, S.M. Lat. *Scandalum*. Ocasão de erro ou pecado, especialmente quando produzida pelo mau exemplo. 2 Aquilo que pode induzir em erro ou pecado. 3 – Indignação suscitada por ação ou palavra indecorosa. 4 – Ofensa, injúria. 5 – Pessoa ou cousa que escandaliza. 6 Alvorço, tumulto ou agitação a que dá causa um fato repreensível”.

Diante disso, escândalo é a deformação de textos bíblicos para servir à restauração de uma heresia velha de dezenove séculos, já combatida por alguns dos apóstolos de Jesus Cristo, principalmente por João.

Como querem agora esses Espíritas, que se dizem seguidores da doutrina do Cristo, que pretendem conhecer os Evangelhos, que a eles fazem referências em artigos de jornais e em discursos nas suas sociedades, que se faça vista grossa “**àquilo que pode induzir em erro**”, como não sentem “**ofensa, injúria, coisa que escandaliza**” nessa liberdade que os roustainguistas estão tomando de falsificar um livro respeitabilíssimo como é a Bíblia, de adulterar o pensamento e a palavra escrita de Allan Kardec, de aceitar instrução de Espíritos mistificadores, que tomam o nome dos Apóstolos, dos Evangelistas e do Codificador, para sustentarem uma tese que este combateu vivamente, e que não pode ser aceita por quem tenha sólida cultura evangélica?

Concordem que o escândalo não é nosso. Lembrem-se de que também houve quem se escandalizasse com os ensinamentos de Jesus Cristo. Mas recordem as palavras do Nazareno em relação aos que viam escândalo no que dizia.⁶¹

* * *

Os dias que estamos vivendo mostram que a humanidade tende para uma fé raciocinada. É a incompreensão desse aspecto do problema religioso o que produz o despovoamento das religiões

dogmatizadoras e ritualísticas e o açodamento de seus sacerdotes, principalmente na Igreja Católica, contra a doutrina espírita.

É de lembrar que o Espiritismo brotou nos meios Protestantes, os quais, indiscutivelmente – apesar das reservas que lhes fazemos – estadeiam um padrão de moralidade pessoal e religiosa que não pede meças nem aos Católicos, nem aos Espíritas. Nota-se ainda que o estudo sistemático da Bíblia, aliado à observação, ao estudo e à análise dos fatos, está levando algumas denominações protestantes a se aproximarem do Espiritismo, renunciando um entendimento e, quiçá, uma fusão em próximo futuro. E tal fenômeno não é ainda mais acentuado porque, de um modo geral, os Espíritas revelam um lamentável desconhecimento da Bíblia.⁶²

O trabalho do clero católico – posto algumas confrarias já se dêem ao estudo experimental do Espiritismo – é no sentido de sua destruição. E nós sabemos, pelo conhecimento experimental, pelo lado prático, que os Espíritos levam para o outro plano da vida as idéias, os cacoetes e as idiosincrasias que os caracterizavam como homens. Não é, pois, de admirar que os Espíritos de padres católicos estejam empenhados nessa obra de mistificação e de desconhecimento da doutrina, para o que está concorrendo grandemente a teoria de Roustaing e a orientação prática que os magnatas do Roustanguismo estão imprimindo nos espíritas mais ou menos simplórios, que ainda mantêm um respeito religioso pela antiga Casa de Ismael, hoje transformada em Sinagoga de Satã, como se depreende dos dispositivos de seus estatutos, que barram os kardecistas na participação de sua diretoria e exigem a confissão expressa do credo roustanguista.

Os espíritas observadores têm encontrado inúmeras criaturas obsediadas por Espíritos e até por falanges de padres católicos; jamais as encontramos dominadas por Espíritos vindos dos meios protestantes. E porque? Porque em vida tais Espíritos aprenderam a letra da Bíblia e souberam, ao menos, viver dentro da lei, embora não tenham penetrado todo o conteúdo espiritual que as suas letras encerram.

Ainda agora, uma das figuras mais respeitáveis que conhecemos, o Reverendo Othoniel Motta, pastor protestante, notável

filólogo, espírito boníssimo e caráter adamantino, em artigo publicado na revista *Unitas*, de julho de 1948, diz o seguinte, que transcrevemos, data vênia:

“Diante disso, que disse eu? Disse que, se amanhã me provassem que, de fato, os desencarnados podem manifestar-se e pôr-se em contato com os encarnados, a minha religião não sofreria com isso coisa alguma. Meu Salvador continuaria a ser o mesmo, ainda que um anjo do Céu me viesse dizer o contrário”.

“Disse, mais, que estando a questão no pé em que no-la deixaram homens como Richet e Flournoy, é **imprudência, com idéias preconcebidas, afirmar que o espiritismo não passa de fraude ou satanismo**. Se amanhã se provar que um desencarnado se comunica, sem a menor dúvida, com este mundo, a Igreja sofrerá muitíssimo no seu prestígio, assumindo agora uma atitude negativa, a de intolerante, como aconteceu no caso de Galileu, que lhe foi, é e será um espinho atravessado na garganta”.

“Isso disse e continuo a dizer”.

“Ora bem. A imprensa publicou há pouco um telegrama de Londres, que me deixou surpreso e que morreu no silêncio, quando eu esperava certo reboliço. Até agora estou esperando um pouco mais de luzes sobre o laconismo daquela notícia”.

“Resumidamente, dizia o telegrama que, pela primeira vez, havia sido publicado o texto em que a Igreja reconhece que desencarnados possam ser agentes nos fenômenos psíquicos. Mais ou menos isto. Não dizia qual era a Igreja, mas quanto à palavra Igreja, mormente em nosso meio, não se ajunta nenhum adjetivo, subentende-se que se trata da Igreja Romana. Como porém, o telegrama vinha de Londres, é possível que se trate da Anglicana”.

“Seja como for, essa notícia me satisfaz, porque revela, segundo penso, uma sensata mudança de atitude numa corporação respeitável, que dessa forma, sem se comprometer com as doutrinas do espiritismo, esconde o flanco aos dar-

dos que lhe viriam implacáveis, se acaso ficasse um dia provado o que os espiritistas afirmam”.

“E se querem saber todo o meu pensamento, direi que saudaria com efusão de alma o dia em que ficasse provado que a sobrevivência dos mortos é um fato de todo incontestável. A apologética cristã, nesse dia, receberia, é claro, um poder tremendo para confusão da incredulidade. Num mundo cada vez mais céptico e grosseiramente materialista e ateu essa revelação seria água fria na fervura”.⁶³

Os Espíritas não se estarão preparando para os tempos que se aproximam, se não souberem superar suas próprias debilidades internas, assim individuais como coletivas, e das quais a maior é, por sem dúvida, a falta de conhecimento e conseqüente prática do Evangelho, para o que contribui a heresia docetista, hoje ressuscitada com o nome de Roustainguismo.

* * *

Mas vamos às teses.

Diz a quarta que **Jesus não era homem, mas um simples agênerre.**

Responderemos com a Bíblia. Assim lemos na chamada Bíblia da Bahia, a que nos reportamos no primeiro artigo:

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, como Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”. João; 1: 14.

“E visivelmente é grande o sacramento da piedade, com que Deus se manifestou em carne, foi justificado pelo espírito, foi visto dos anjos, tem sido pregado aos gentios, crido no mundo, recebido na glória”. 1 Timóteo; 3: 16.

“Porque também Cristo uma vez morreu pelos nossos pecados, o justo pelos injustos, para nos oferecer a Deus, sendo sim morto na carne, mas ressuscitado pelo Espírito”. I Pedro; 3: 18.

“Havendo, pois, Cristo padecido na carne, armai-vos também vós outros desta mesma consideração: que aquele que padeceu na carne cessou de pecados”. 1 Pedro; 4: 1.

“Nisto se conhece o espírito que é de Deus: todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus”. 1 João, 4: 2.

“E todo o espírito que não confessa a Jesus não é de Deus; mas este tal é o Anticristo, do qual vós tendes ouvido que vem, e ele agora está já no mundo”. 1 João, 4: 3.

“Porque muitos impostores se têm levantado no mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é impostor e Anticristo”. 2 João, 1:7.

As citações acima têm perfeita concordância com Bíblias respeitáveis em outras línguas, também referidas no primeiro artigo. Assim, transcrevendo na mesma ordem, apenas os trechos dos versículos onde aparece a palavra carne, lemos:

– Na King James Version (de 1611):

“And the Word was made flesh”; – ”God was manifest in the flesh”; – ”being put to death in the flesh”; – ”Forasmuch then as Christ hath suffered for us in the flesh”; – “Every spirit that confesseth that Jesus Christ is come in the flesh is of God”; – “And every spirit that confesseth not that Jesus Christ is come in the flesh is not of God”; – “... who confess not that Jesus Christ is come in the flesh”.

– A Vulgata Latina, que não havíamos citado anteriormente, porque não a possuíamos, assim concorda:

– ”Et Verbum carne factum est et habitavit in nobis”; – “quod manifestam est in carne, justificatum est in spiritu”; – “mortificatus quidem carne, vivificatus autem spiritu”; – “Christo igitur passo in carne”; – “omnis spiritus qui confitetur Jesus Christum in carne venisse ex Deo est”; – “et omnes spiritus qui solvit Jesum ex Deo non est”; – “qui non confitetur Jesum Christum in carnem”.

– A velha Bíblia italiana de Diodati, já anteriormente referida, diz:

– “E la Parola è stata fatta carne, ed è abitata fra noi”; – “é stato manifestato in carne, è stato giustificato in spirito”; – “essendo mortificato in carne, ma vivificato por lo Spirito”; – “che Christo ha sofferto per noi in carnes”; – “ogni spirito

che confessa Gesù Cristo venuto in carne, è da Dio”; – “E ogni Spirito che non confessa Gesù Cristo venuto in carne, non é da Dio”; – “molti seduttori, i quali non confessano Gesù Cristo esser venuto in carne”.

Agora, em língua francesa, em vez de citar a Bíblia de Segond, como havíamos feito anteriormente, transcreveremos as passagens da Bíblia da Lemaistre de Sacy, de 1936, conforme o texto da edição de 1759, a mesma que foi usada por Allan Kardec. E o fazemos graças à solicitude de um amigo e confrade que se interessou por nossos artigos. Eis as passagens, na mesma ordem:

– “Et le Verba a été fait chair, et il a habité parmi nous”; – “... qui s'est fait voir dans la chair, a été justifié par l'Esprit”; – “... étant mort en sa chair, mais étant ressuscité par l'Esprit”. – “...Jésus Christ a souffert la mort en sa chair”; – “Tout esprit qui confesse que Jesus Christ est venu dans une chair véritable, est de Dieu”; – “et tout esprit qui divise Jésus Christ n'est point de Dieu”; – “... qui ne confessent point que Jésus Christ est venu dans une chair véritable”.

Não se pode desejar melhor concordância; contudo, se nos reportamos aos textos gregos, ali encontraremos sempre a voz *σῆρξ* carne. Razão pois, tinha Allan Kardec para impugnar, como impugnou, que Jesus Cristo tivesse sido um agêner. E se o leitor interessado não tiver lido nosso artigo anterior, onde fizemos transcrições da opinião do Codificador sobre a matéria, lembramos-lhe as seguintes passagens: **O Evangelho Segundo o Espiritismo**,⁶⁴ páginas 18 e seguintes, onde **apóia a autoridade da doutrina espírita na universalidade de ensino dos Espíritos**; e **A Gênese**,⁶⁵ Capítulo XIV, item 36 e Capítulo XV, itens 65 a 67, onde Kardec estuda os agêneres e o corpo de Jesus, antes e depois de sua morte, para concluir com argumentos de ordem científica, baseado em trabalhos experimentais e, ainda, com argumentos ponderosos de ordem moral, que Jesus Cristo não foi um agêner.

O próprio Sr. Gomes Braga traduz um artigo de Allan Kardec, no qual há trechos de uma conversa do Codificador com o Espírito de São Luís, a propósito de bicorporeidade e de agêner.

res. Assim, no livro que estamos discutindo, lemos, à página 43 o seguinte:

“5. Raros ou não, basta que tais fatos ocorram para merecerem atenção. Que sucederia se, tomando um tal ser por um homem ordinário lhe fizessem um ferimento mortal? Seria morto? – R. Ele desapareceria subitamente como o jovem de Londres”. (Veja-se o número de dezembro de 1858, da *Revista Espírita* – “Fenômeno de bicorporeidade”).

Mais adiante, à página 46, temos:

“14. Se tivéssemos um desses seres em nosso interior, seria isso um bem ou um mal? – R. Seria antes um mal; demais, não se podem manter longas relações com esses seres. Nunca será demais repetir-vos que esses fatos são extremamente raros e nunca têm caráter de permanência. As aparições corporais instantâneas, como as de Bayonne, são muito menos raras”.

Repare o leitor que é um artigo de Allan Kardec, onde o autor reproduz um diálogo mantido com o Espírito de São Luís, que foi um dos instrutores para a obra de codificação da doutrina.

Ora, se Kardec houvesse posto o assunto de quarentena, não teria publicado esse artigo e, quiçá, outros mais; não teria escrito as passagens citadas pouco acima, principalmente a que se acha em **A Gênese**.

* * *

Assim, pois, a tese roustainguista está inquestionavelmente contra as afirmações do Novo Testamento e contra aquilo que, reiteradamente, sustentou Kardec. Entretanto nos *Elos Doutrinários* diz o Sr. Gomes Braga, à página 17, que “**as três Revelações – Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo – formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício**”.

Quer isto dizer, desde que não nos afastemos da lógica e levemos em conta quanto diz em várias passagens, entre as quais destacamos esta, que: “vários enviados (messias) desceram à

Terra, procuraram dois iniciados encarnados na França e lhes retransmitem o Evangelho de Jesus Cristo, restabelecendo-o, explicando-o, para duas obras que se completam, porém, cada uma destinada a um público, conforme prometido para a época da vinda do Consolador”:

- 1) realmente as três revelações se completam e “formam um todo inseparável e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício”;
- 2) Roustaing o abalou em uma dessas partes – o Novo Testamento – aceitando comunicações de Espíritos mistificadores, que afirmaram coisas em contrário àquela parte da Bíblia; mas,
- 3) as coisas do Novo Testamento, no seu contexto, confirmam passagens do Velho Testamento ou, por outras palavras, este profetiza e aquele confirma a profecia; assim sendo,
- 4) as alterações fundamentais, que o Roustainguismo introduz no Novo Testamento, abalam infirmando, ou indiretamente alterando o Velho Testamento;
- 5) a obra de Allan Kardec está em perfeita concordância com a Bíblia e, em conseqüência, não concorda com a de Roustaing.

Assim sendo, é Roustaing quem abala as três peças daquele monumento e, pelo visto, o Sr. Ismael Gomes Braga – e com ele os atuais dirigentes da Federação Espírita Brasileira – se acham metidos em tremenda contradição. Como o Sr. Gomes Braga não admite que se toque nesse monumento, sob pena de não ser considerado Espírita, nós agora concluímos: os **roustainguistas não são espíritas, porque não são cristãos.**

É uma pena que tanta gente bem intencionada esteja sendo empolgada pelo brilho de lantejoulas, por esse falso espiritismo que é o Roustainguismo – nem cristão, nem kardecista.

Passemos à tese seguinte.

A afirmação de que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo fluídico de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsis-

tiria” é de uma leviandade e de um atrevimento que custa a crer que a tivesse feito o distinto Sr. Gomes Braga.

Tanto no primeiro como neste artigo, fizemos citações relativas ao corpo de Jesus, extraídas de Bíblias autorizadíssimas. Inicialmente não citamos a Vulgata Latina e a Bíblia francesa de Saci porque não as possuíamos. Tão logo foi possível obtê-las, a elas nos reportamos. No entanto, queremos dizer aos que porventura tenham notado esta lacuna, que as edições atuais da Vulgata Latina andam um tanto “simplificadas”, sendo aconselhável muito cuidado no seu manuseio. Basta dizer que já não trazem as edições dos últimos tempos o prefácio de São Jerônimo, onde claramente reconhece o princípio reencarnacionista, que o Vaticano condenou como heresia.

Ora, todos os textos que citamos vêm de traduções diretas dos originais gregos, que reputamos os melhores. Em nenhuma dessas citações há a forma condicional, há a dependência de uma confirmação posterior, em nenhuma se pede o endosso futuro da doutrina espírita para que aquelas duas Revelações tenham validade.

* * *

Agora a última tese de hoje.

Diz ela que quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírita.

Tese absolutamente falsa. A codificação espírita é dita kardeciana porque seu coordenador foi Allan Kardec. Este não criou uma teoria: deduziu-a de milhares de mensagens, dadas a centenas de médiuns, em dezenas de lugares; utilizou o material onde havia concordância; médiuns da estatura de um Camille Flammarion, nome que dispensa adjetivos, e que recebeu boa parte das mensagens de **A Gênese**. Nesse livro, bem como em artigos da *Revue Spirite* (Revista Espírita, 12 volumes), combateu vivamente a tese de Roustaing, negando peremptoriamente que Jesus Cristo tenha sido um agênera. Em nenhuma das obras dos grandes vultos que colaboram naquela primeira fase do Espiritismo encontram-se referências à tese de Roustaing; nem em Flammarion, nem em Léon Denis, nem em Gabriel Delanne.

A própria Sra. Collignon, como bem o confirma o Sr. Ismael Gomes Braga, não aceitava como autênticas e legítimas, como verdadeiras, as mensagens saídas de sua própria pena.⁶⁶

Em resumo, segundo o *Ukase* do ilustrado Sr. Ismael Gomes Braga, nenhum desses nomes se inclui entre os espíritas; não eram espíritas – nem o próprio Allan Kardec!

Que tremenda confusão na mente dos roustanguistas!

Bem razão tínhamos de fechar o primeiro artigo com aquela parábola do Evangelho de Lucas, Capítulo 20. Ela tem uma réplica em Mateus, que diz, em 21: 43:

“que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos”.

Nas sociedades espíritas esta parábola dos lavradores maus precisa ser lida todos os dias, até que dela haja compenetração. Porque ninguém fugirá da lei; quanto mais dela nos afastarmos, mais a ela nos sentiremos presos. E os roustanguistas precisam tomar tento para que, mais tarde, como Espíritos, não tenham que verificar, no sofrimento e demasiadamente tarde, que bem razão tinha o grande iniciado florentino quando disse:

“Nessum maggior dolore
Che ricordarsi dal tempo felice
Nella miseria...”⁶⁷

As Três Revelações

Passemos a outros itens. Vejamos hoje os seguintes:

VI – que “as três Revelações – Velho Testamento, o Novo Testamento e Espiritismo – formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício”; a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

IX – que “negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias”.

A primeira parte da tese VI é justa; a parte final é falsa. E o é porque a obra de Roustaing não pode ser, a justo título, considerada como parte integrante da Doutrina Espírita: esta é cristã e a obra de Roustaing é anticristã; representa um transviamento, a restauração de uma heresia que já fora combatida desde o tempo dos Apóstolos, como se pode ver em inúmeras citações nas Epístolas de João, de Paulo, de Pedro; no Evangelho de João; nos Atos dos Apóstolos. Já dissemos, reiteradamente, que aquela obra procura abalar a solidez de um monumento monolítico, como é a Bíblia. O grande advogado deixou-se empolgar pela idéia de se notabilizar através da Doutrina Espírita. Mas o seu empolgamento não era por levar o conhecimento da Verdade um pouco mais além, como não era uma contribuição para o melhoramento da criatura humana: era fazer-se grande, celebre, mais célebre e maior que Kardec.⁶⁸

Não se depreenda daí que queremos fazer do codificador um semideus, nem que o tomemos como uma réplica de pretensa infalibilidade vaticânica. Mas é fora de dúvida a profunda contradição entre as duas figuras. Kardec fez obra impessoal: nada inventou; não criou uma escola – apenas reuniu uma casuística abundantíssima, de vários lugares e inúmeros médiuns, classificou os fatos, analisou os fenômenos à luz de critérios científicos, fez ciência experimental e de observação. E como de toda ciência é sempre possível, *a posteriori*, tirar uma filosofia, o Espiritismo, como ciência que é, permitiu os lineamentos de uma

verdadeira filosofia, tanto mais geral e profunda quanto mais é certo que os fenômenos espíritas alcançam as mais amplas e variadas manifestações da vida universal.

Não assim Roustaing.

Pretendeu, segundo o Prof. Gomes Braga, “**organizar o trabalho da fé**”, desorganizando, adulterando, desrespeitando o maior monumento da fé – a Bíblia. E este paradoxo foi lançado num meio culto como era o francês, e num período marcado por figuras brilhantes e excepcionais no terreno da Psicologia, da Filosofia, da Crítica Histórica, da Filologia, da Psiquiatria e da Neurologia, cujos trabalhos eram conduzidos à base de segura experimentação, do raciocínio claro, do criticismo rigoroso.

Kardec era médico, tinha cultura geral sólida, extensa e profunda. Enfrentou os seus opositores materialistas, positivistas, agnósticos, católicos, céticos e protestantes. A todos respondeu com argumentos irretorquíveis.⁶⁹

E Roustaing?

Nada provou. Sua obra, desnecessariamente extensa e fatigante, poderia ser perfeitamente reduzida à quinta parte. Parece que a extensão visou apenas a prender o leitor e desviar, através do cansaço, seu senso crítico. É o tipo da obra de rábulas⁷⁰ solertes que visam, acima de tudo, **ganhar a questão** e para os quais todos os sofismas e embustes são bons, desde que não se vejam descobertos. Ela prima pela falta de método, pela ausência de critérios científicos. Tanto que a tradução brasileira feita pela FEB procurou **tapar os buracos e dourar a pílula**, para o que chegou ao cúmulo de adulterar versículos da Bíblia, no vão esforço de dar uma aparência de lógica ao raciocínio canhestro.

Todos os Espíritas – kardecistas ou não – nos devemos capacitar de que o Espiritismo está chamando a atenção do mundo culto pelos fenômenos; estes são susceptíveis de generalizações tais que conduzam o homem **à fé pela razão**. Por outro lado, quanto mais as ciências progridem, mais se confirmam os postulados da Bíblia. E ninguém, com uma dose regular de bom senso, terá a ousadia de alterar os seus textos, torcer passagens ou

adulterar velhas fontes. Exceção única: padres católicos de fala portuguesa e os roustanguistas do Brasil.

No mundo atual o Cristianismo puro está chamado cada vez mais a tomar o lugar que estava ocupado pelo formalismo religioso, porque é ao Cristianismo que cabe resolver os problemas humanos, em âmbito interno como em plano social. É que, no dizer de Stanley Jones, no seu magnífico *Christ and the Present World Issues*:

“nós não podemos ser religiosos como seres individuais se não o formos como seres sociais, porque a vida é una. Ela é vascular: onde quer que seja cortada, sangrará”.

E mais adiante acrescenta:

“Por isso a Igreja parece confusa e temerosa. Suas velhas razões de ser já não são adequadas. Ela terá que ser devocional num sentido mais largo, ou não o ser absolutamente. Se ela deve salvar-se da acusação de que a religião é ópio – a envenenar a criatura com a devoção e a emoção – deverá então ajustar suas devoções aos largos problemas do bem-estar humano e erigir os seus santuários no coração dos problemas humanos”.

O Reverendo Stanley Jones, atualmente a mais nobre figura do protestantismo mundial, o grande missionário da Índia, dá-nos, nestas poucas linhas as tarefas da Doutrina Espírita Cristã.

Nós precisamos tudo fazer para nos tornarmos dignos depositários, ou herdeiros, dessa imensa e nobre tarefa. E só o seremos com um estrito, um absoluto apego à verdade e um inquestionável respeito ao grande livro que é a Bíblia. Essa deformação consciente da Verdade da Bíblia ainda não recebeu dos profítenes – católicos e espíritas – a repulsa na altura, o protesto solene, público, bem calmo e bem alto, porque em geral o povo, tanto em Portugal quanto no Brasil, desconhece o grande livro fundamental de sua crença.

Este abuso dos falsificadores pode dar um prestígio extenso, mas pouco profundo. Tanto isto é verdade em relação ao Espiritismo, que a FEB deixa esgotadas as poucas obras científicas já traduzidas e engavetadas aquelas cujos direitos porventura tenha

adquirido. Exceto as obras de Francisco Cândido Xavier, pouco se recomenda de sua produção nos últimos vinte anos.

É por isso que muita gente de certa cultura faz Espiritismo isoladamente; por isto a FEB não tem prestígio para atrair as camadas mais cultas; por isto não tolera os congressos.⁷¹ Seus dirigentes têm intuído sua fraqueza e não querem expor o flanco: maior que seu amor à doutrina é seu apego às posições.

* * *

Como prova de que a obra de Roustaing é mesmo uma das mais grossas mistificações de que já foi vítima a sociedade, damos adiante a mensagem obtida num centro espírita no Rio de Janeiro, em 1921, do próprio Espírito de Jean Baptiste Roustaing.⁷² Antes, porém, seja-nos licito prestar uma homenagem a um médium honesto: o saudoso Porfírio Bezerra Filho, fundador do Centro Espírita Cristófilos, no Rio.⁷³

Porfírio cegou num desastre. A dor levou-o para o Espiritismo, onde desenvolveu preciosas faculdades mediúnicas: tinha a clarividência, a clariaudiência, a incorporação total, a psicografia semimecânica, a inspiração ou incorporação sutil; via as auras das criaturas, como via os órgãos internos e a cor do som. Aprendeu a doutrina depois de cego, ouvindo a filha pequena ler os livros fundamentais. Era um primoroso dirigente e doutrinador.

Muito aprendemos com ele.

Em 1924 pediu que comparássemos as obras originais de Kardec com as traduções em português: tinha em suspeita estas últimas. Era, ao que percebemos, um aviso de seus guias, entre os quais noticiamos, por vezes, Bezerra de Menezes, o Max.

Tivemos certeza e esperamos; esperamos vinte e cinco anos. Porfírio já passou para o outro plano da vida, sem que lhe tivéssemos atendido ao pedido. Fazemo-lo agora. E ele sabe com que tristeza o fazemos – mas o fazemos no cumprimento de um dever – preferindo ferir pessoas a ferir o Mestre.

Agora a mensagem. Ei-la:

Confissão da Mistificação

por J. B. Roustaing

Do livro “**Páginas de Além Túmulo**”, 3ª. edição

Rio de Janeiro – 1939.

Médium: Carlos Gomes dos Santos

“Gutta Cavat Lapidem”

(Confiteor)⁷⁴

“Que as harmonias espirituais se façam em nossas almas, são os meus mais ardentes desejos.

“Irmãos, da mesma forma que a gota da locução consegue furar a pedra, eu, gota animada do espírito, também hei de conseguir, por mercê de Deus, arrasar a edificação, em muitos pontos falha, que a minha fragilidade, aliada a outros do Espaço, arquitetou, na melhor das intenções, porém sem reflexão.

“Sou, meus irmãos, uma pobre alma, que seria contada no número das que já desfrutam a felicidade integral, se em mim, na minha consciência, não pairasse um cúmulo de desgostos.

“Quando entre vós, nas mesmas condições vossas, tendo sido despertado de minha cegueira moral pelos lampejos brilhantíssimos da Luz Divina a nós outorgada por intermédio do missionário a que todos veneramos, sob a designação de Allan Kardec, quis também seguir-lhe as pisadas e, para tal o fazer, depois de acurado estudo do que ele já havia conseguido dos Espíritos reveladores, pensei alguma coisa construir que, se não o ultrapassasse, pelo menos muito concorresse para a conquista da glória, que tanto me agitava.

“Pensei – de mim para mim – porque somente a ele fora concedida a gloriosa tarefa de rasgar ao mundo o véu negro que esconde o brilho da luz diamantina que ilumina as almas? Porque não a outro, de boa vontade, também aspirante das recompensas porvindouras?

“E nestas conjeturas caminhava eu... quando, por uma circunstância toda espiritual, fui induzido à execução do plano que em mim agasalhava. Então, comecei por realizar o meu intuito, sim o meu intuito, que não era precisamente meu; não vos admireis desta negativa, porque vos declaro à face da verdade, que eu

nada mais era, naqueles instantes, que instrumento dos inimigos invisíveis da verdade, que das sombras misteriosas do Além se aproveitavam da minha irreflexão para toldar, como se fora isto possível, a brilhantura da água cristalina que emanava daquela fonte maravilhosa de que vos falei. Sim, não vos admireis – repito – que tenha servido de veiculados da confusão, eu que tanto ansiava pelo destaque entre os meus pares.

“É infelizmente esta a triste verdade que confesso neste momento, como hei confessado já noutros pontos, onde me tem permitido Deus que eu faça o meu aparecimento. Mas, irmãos, quereis ver até onde vai a minha tortura? Pois bem: em quase todos os meios onde tenho feito esta sincera confissão, tenho sido repellido por aqueles que, na melhor das intenções, porém despercebidos, vão se envenenando na fonte impura dos ensinamentos que hei deixado.

“Fui, meus irmãos, um brinquedo dos inimigos da Luz-verdade; pois foram eles os autores responsáveis de tudo quanto fiz, contrariando a doutrina lídima que vinha sendo ensinada por Allan Kardec.

“Mas – direis – tenho bebido, através do vosso feito, a água pura da verdade. E responder-vos-ei: Não, irmãos, a água pura que bebeis, através do estudo de minha obra, não é minha, não foi obtida por mim. Esta é dele, porque eu e os que me induziam a semelhante atentado, quando não podíamos de todo contrariar, imitávamos, dando, todavia, ao que imitávamos uma aparência de novidade verdadeira.⁷⁵

“Hoje, porém, que se me depara mais uma ocasião de falar aos homens, venho, olhos d'alma fitos do Pai Universal, dizer-vos que mal andei tentando obumbrar a Luz brilhantíssima que irradiava do farol divino que é Allan Kardec.

“Irmãos, por caridade, ouvi-me:

“A verdade está no que vos legou e não no que vos hei deixado. Lembrai-vos que há, como sempre houve, usurpadores dos alheios direitos, como das alheias glórias; e eu, confesso, fui um deles.

“Assim, amigos, desta outra face da vida, em benefício vosso e também no meu próprio, suplico-vos abandonardes a fonte má que aí deixei e voltardes para aquela, donde emana a pureza que é a verdade, esta mesma Verdade que é a Luz.

“Abri pressurosos os tesouros kardecianos e esquecei – peço-vos, o que aí ficou do pobre e muito pobre Roustaing.

“Que Deus vos esclareça para poderdes caminhar, sem maiores tropeços, em busca da felicidade eterna. Adeus!”

* * *

Que o leitor faça uma pausa e medite. E se, porventura, lhe restarem dúvidas quanto a sua autenticidade, examine o seu conteúdo, abstração feita de sua autoria. Entretanto, para chamar a atenção para certos ângulos da magna questão para os Espíritas brasileiros, vão aqui algumas opiniões de figuras destacadas do Espiritismo nacional e internacional.

“Jesus não precisava de nascer e viver só fluidicamente, porque Ele sabia, já, que a sua matéria nunca sofreria as fraquezas terrenas.” (Cairbar Schutel).

“Se a França, berço da Terceira Revelação, espalhou pelo mundo inteiro as obras imortais de Allan Kardec, sepultando a outra de J. B. Roustaing, não há motivo, no mundo novo, de ressuscitar a segunda. Nós, do Alto, atribuímos essa tentativa à ignorância ou à cegueira de poucos irmãos, muito longe da Luz do Mestre.” (Jean Meyer).⁷⁶

“Pelo fato de que há boas criaturas que acreditam na virgem Maria e no Cristo fluídico, não se deve deduzir que semelhantes comunicações do astral sejam racionadas. Não tendes na Terra quase 400 milhões de católicos que baixam a cabeça ao dogma? Tudo isso, pelo contrário, prova que o vosso planeta expiatório está ainda na infância, a ponto de imaginar que Allan Kardec possa ser superado por J. B. Roustaing.” (Gabriel Delanne).

“Se Kardec é no espaço um astro de infinito esplendor, que eu acompanho como satélite, ainda e sempre, onde resplende o autor da “revelação das revelações”? Deviam, já ter

emudecido os Apologistas do segundo, ofuscado pela luz do primeiro.” (Camille Flammarion).

“O pensamento terreno, circunscrito à célula em que vive, difere, muitas vezes, no espaço. Aqui, onde não há véus que limitam a vista, compreendem, finalmente, a personalidade do Cristo, Sol e Dominador das trevas, sem necessidade de ser discutido em várias maneiras pelos mortais. Duas frases são suficientes para defini-lo: “O Verbo fez-se carne” e “Eu sou o filho do homem”. Nestas duas frases, que abrangem maravilhosamente a trajetória de todas as criaturas, está a grandiosa, de Jesus. Nessa verdadeira trajetória nunca ele se valerá de privilégios que desvalorizam a missão específica do Cristo, porque a grandeza do Missionário Celeste está na sua adaptação ao planeta a redimir, praticamente, como Evangelizador e Civilizador dos povos primitivos. Disse tudo quanto Deus me permitiu afirmar do espaço, nessa hora de inúmeras provas do vosso planeta.” (Bezerra de Menezes).

Por fim, de uma carta do Professor Ernesto Bozzano, datada de 18 de fevereiro de 1939, dirigida a Rango D'Aragona:

“Voltando à figura do Cristo, que aí querem rebaixar às fantasias de um desconhecido como J. B. Roustaing, se você leu a minha mensagem ao Congresso Espiritualista de Barcelona, constatará novamente o meu pensamento.

“O maior profeta de Deus, ou o maior iniciado, como se queira chamá-lo, Ele ficará como luz e guia do nosso planeta.

“Acho que os espiritualistas brasileiros, como os ingleses, se preocupam mais em conciliar as instituições “religiosas com as convicções espirituais” o que é impossível. Entre as instruções “dogmáticas” – seja qual for o seu credo – e a “liberdade de pensamento” de um autêntico espiritualista, não podem existir acordos.

“O dogmatismo nunca abjurará os seus direitos baseados sobre o princípio de autoridade; o que nunca sedará com o Espiritismo, baseado no princípio da revelação contínua.

“O caso de J. B. Roustaing, sob o título absoluto de “A Revelação das Revelações” é, portanto, um fato “dogmático”, universal e felizmente liquidado”.⁷⁷

Parece que estes nomes dispensam carta de recomendação.

Como se vê, a mensagem de Roustaing é a voz da consciência atribulada, é o grito de remorso do Espírito que está medindo, pelo seu, o sofrimento que andam, através de sua obra anticristã, a desviar criaturas; é o brado de um Espírito cuja vaidade o arrasa, o empolgou, a ponto de falsear os ensinamentos evangélicos com o objetivo de tornar-se célebre. Quem acompanhou a nossa argumentação, quem leu as citações feitas dos textos bíblicos, quem leu a doutrina espírita, quem conhece bem a obra kardeciana, não porá em dúvida a legitimidade desta comunicação.

Deste modo cai também a outra tese que diz:

IX – que “negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias”.

O fim do Espiritismo é esclarecer os indivíduos para que cada um atinja a maioria espiritual, marche por si mesmo, adquira energia própria, cresça e suba pelos meios que a Bíblia oferece: obediência à lei de Deus, o meio de estabelecer as condições indispensáveis para tomar a Jesus Cristo como modelo e entrar em contato com os seres já mais evoluídos, dos planos acima do nosso. Esse modelo, pois, não pode ser o falsário, o simulador apresentado pelo Sr. Roustaing. O fim do Espiritismo não é substituir dogma por dogma, padre por padre, chefe por chefe, sem oferecer às massas algo que as melhore; não é manter rebanhos ignorantes de sua própria doutrina, a dizer “amém” aos leguleios de sacerdotes com ou sem batina – mas seguramente sem o Evangelho e sem a Verdade.

6

“Elos Doutrinários”

Nos artigos anteriores, de análise do livro do ilustrado Sr. Ismael Gomes Braga, intitulado *Elos Doutrinários*, havíamos-nos proposto a discutir os dez itens em que se podiam agrupar as mais importantes afirmações nele contidas; e o fizemos na seguinte ordem:

(a) no segundo:

– que a missão de Kardec foi notavelmente auxiliada pelo Sr. Roustaing, “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às Revelações anteriores”;

(b) no terceiro:

– que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;

– que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus, apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito a apóia;

(c) no quarto:

– que Jesus não era homem, mas um simples agênera;

– que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria”;

– que “quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírita”;

(d) no quinto:

– que “as três Revelações – Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo – formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício”; a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

– que "negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias".

Todas estas teses foram refutadas honestamente e sem subterfúgios.

* * *

Hoje chegamos ao fim do exame. Restam duas teses que dizem:

V – que **a obra de Kardec era destinada aos crentes e a de Roustaing às pessoas de cultura; e**

VIII – que **“está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo”**.

Temos que as estudar hoje para concluir no próximo artigo.

A tese nº V do Sr. Braga divide a família espírita em duas: gente crente e gente culta, assim como se dissesse: gente ignorante e gente ilustrada, gente estúpida e gente talentosa, ou ainda, gente que tem fé e gente que não a tem. Notáveis os roustainguistas! Para essa gente culta, ilustrada, talentosa e sem fé, a lógica não existe. S. s. disse de começo que Roustaing era missionário e auxiliar de Kardec; depois insinua que está no mesmo plano de Kardec; agora o “bâtonnier”⁷⁸ está um pouco mais acima: é o mentor, o patrono e o oráculo dos espíritas granfinos. Isto é a entronização anticristã do separatismo espiritual.

Esta contradição vem mostrar que o Roustainguismo é mesmo a doutrina do anticristo e que a casa dos roustainguistas se transformou na “Sinagoga de Satã”,⁷⁹ pois, conforme os Evangelhos, **haverá um só rebanho**, enquanto que para eles haverá dois: o dos que tem fé e o dos que têm prosápia (orgulho, soberba), o dos que fazem obras e pregam a fraternidade e o dos que falseiam as obras e se constituem em dominadores de seus semelhantes.

Não são estas expressões de ataque; são expressões de fatos. São as declarações de um diretor da FEB e os exemplos sistemáticos dessa organização.

Querem a prova?

Aqui a temos; foi por um abuso de confiança, tomando procu-
rações dos kardecistas votantes, que se deveriam reunir em
assembléia, na qual seria eleita a direção da FEB, que, num
golpe baixo, os roustainguistas assaltaram o poder; feito isto,
reformaram os seus estatutos, introduzindo um dispositivo que
exige a confissão do credo roustainguista para poder participar
do conselho e da diretoria; ainda pelos estatutos, a diretoria
completa o conselho, e este elege a diretoria. Vejam-se Art. 2 °,
letra a e Art. 36 °, § 3.0.

Se houvesse essa unidade de vistas que o Sr. Ismael procla-
ma, se não houvesse uma divisão de águas, estabelecida pelos
roustainguistas, os kardecistas não encontrariam ali as portas
trancadas. Se ali forem, não se lhes pede colaboração, mas
subserviência: que vão para os estábulos de Áugias, sem espe-
rança de um novo Hércules.

Por isso dizemos, com sobradas razões, que a FEB explora o
nome de Kardec e o prestígio de suas obras, para fazer, à custa
do Codificador, a propaganda do Roustainguismo. Até hoje os
espíritas de fala portuguesa não dispõem de uma edição fiel e
completa dos escritos de Allan Kardec; ao contrário, enquanto
duas ou mais de suas obras ficam esgotadas durante anos, a FEB
cata trechos de livros do mestre francês para se aproveitar da
expressão de seu nome e enxertar, de forma sub-reptícia,⁸⁰ a
propaganda do Roustainguismo, que Kardec combateu decidi-
damente. Isto pode ser visto numa obra que Kardec não escre-
veu, mas que o Dr. Guillon Ribeiro traduziu – *Introdução ao
Estudo da Doutrina Espírita*.⁸¹

Com o Roustainguismo o caso é diferente. Para o justificar
melhor ainda que no original, a FEB não trepidou em alterar
certas passagens da Bíblia, fazendo uma tradução em desacordo
com o original e, pois, fugindo duplamente à verdade num
tremendo esforço de engodar a massa dos crentes, para explorar
a sua simplicidade, a sua boa fé, a sua capacidade de pagar para
ser ludibriada e depois escarnecida pela injusta, ilógica e odiosa
divisão do Sr. Gomes Braga.

No fundo o Roustainguismo não passa de uma deformidade, explicável pela falta de estudo rigoroso da doutrina, pela permanência do orgulho e da vaidade, que levam o indivíduo a confundir suas próprias idéias com a verdade e seu autoritarismo com a lei de Deus.

Se os roustainguistas fossem lógicos, ante a divisão que o Sr. Gomes Braga estabelece na tese em apreço, só lhes restava uma saída: a porta da rua e a entrega da Federação Espírita Brasileira, isto é, seu patrimônio moral e material aos legítimos donos, esses crentes sem ilustração e sem talento, mas que nunca venderam gato por lebre, nunca falsearam a verdade e, se pouco conheciam a Bíblia, sabiam, entretanto, que toda a lei e os profetas estavam resumidos em **“amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”**; sabiam que não bastava não fazer aos outros aquilo que não queriam que lhes fosse feito, mas, principalmente, que deviam exercer a caridade ativa, fazendo aos outros como quereriam que os outros lhes fizessem.

Por todas essas coisas a FEB se deve sentir sem força moral para ser aquilo que diz o seu nome: **federação espírita**. Podem os seus generais fazer o que fizerem: não passarão, com as suas filiais, de pequenos **quistos do erro e da treva**, uma espécie de câncer a sacrificar a vida da verdadeira coletividade espírita, a travar-lhe os movimentos e as realizações em plano social.

Só o esquecimento, para não dizer a ignorância, da obra de Kardec, no seu tríplice aspecto – científico, filosófico e religioso – poderia levar alguém a querer aplicá-la exclusivamente aos crentes. Isto seria paradoxal.

As ciências experimentais permitiram, nestes últimos tempos, um grande avanço nos conhecimentos gerais da humanidade. Mas o trabalho de Kardec já foi feito com critério científico, sob bases experimentais, levando a generalizações e, pois, a uma filosofia, enquanto que o de Roustaing não passou de uma grossa mistificação, dada por uma falange de espíritos inverazes, conquanto de alguma ilustração. Isto foi feito através de um médium único – o que contraria os métodos científicos aplicados aos trabalhos experimentais ou de observação. Logo de saída teve a repulsa do médium: a Sra. Collignon que não aceitava as mensa-

gens que recebia para o Sr. Roustaing. Isto prova que o espírito daquela senhora não se afinava com os embusteiros; que a sua mediunidade estava desenvolvida a ponto de saber distinguir as entidades comunicantes; que, apesar desse misterioso domínio que sobre ela exerceram **Roustaing e a falange da mentira** (o que nos leva a pensar na variedade de tipos de provas a que um Espírito encarnado pode ser submetido), o seu espírito reagia, no propósito de evitar que o embuste pudesse vir a fanatizar criaturas de boa vontade e empolgá-las ao ponto em que se acham empolgadas, seduzidas, incapazes de raciocínios estritamente lógicos, como acontece com a plêiade dos nossos confrades da FEB.

Esse trabalho de Roustaing, cheio de incongruências, em desacordo com as mais autorizadas escolas de estudos bíblicos, quer do ponto de vista filosófico, quer teológico (ou filológico),⁸² nunca teve a menor repercussão nos grandes meios espíritas, como por exemplo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, a despeito do Sr. Roustaing haver feito uma edição de sua obra, tristemente célebre, em língua inglesa, graças a sua fortuna pessoal e não aos reclamos do público e ao empolgamento de suas pseudoverdades.

* * *

Passemos à última tese.

Diz o Sr. Gomes Braga que

“está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo”.

Vamos devagar.

Se tomarmos isoladamente a primeira parte da tese – “está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus”, e a analisarmos à luz da doutrina dos espíritos, ditada em vários centros de diversos países, em datas diferentes e através de médiuns que se não conheciam; por outras palavras, se a explicarmos conforme mensagens medianímicas das quais se excluem a mistificação, a sugestão mental e o animismo, isto é,

se sintetizarmos a teoria kardeciana sobre o corpo de Jesus, chegaremos ao seguinte: Jesus nasceu como qualquer criatura humana; seu corpo era constituído de matéria semelhante à dos nossos corpos; se mais plástica, mais equilibrada, digamos, mesmo, mais submissa e educada, era porque seu Espírito representava o mais alto padrão e, como tal, exercia um domínio absoluto, ou quase absoluto, sobre a matéria. Assim foi até à sua morte.

Depois da ressurreição já era diferente: demonstraram-no as circunstâncias de não ter sido reconhecido pelas mulheres junto ao sepulcro; pelos apóstolos no caminho de Emaús; nas poucas e fugazes aparições no recinto fechado onde estavam apóstolos e discípulos na maneira de seu desaparecimento final. Aí, sim: seu corpo era fluídico; antes não.

Esta explicação confirma tudo quanto se acha no Velho Testamento em relação à vinda do Messias, isto é, como profecias referentes ao seu nascimento em certo lugar, em determinada época, no seio de uma família do ramo de David.

Os Judeus, seus contemporâneos, o sabiam e o confundiram com João Batista; depois da negativa deste, interrogaram o próprio Mestre, cujas palavras veladas firmaram as profecias. A explicação também confirma tudo quanto se lê no Novo Testamento, desde os Evangelhos até os Atos e algumas Epístolas.

Se, pois, os roustainguistas lessem a Bíblia atentamente e sem espírito preconcebido, converter-se-iam à Verdade. A tese do Sr. Gomes Braga, já discutida no último artigo, de que “as três Revelações – Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo – formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício” é, pois, perfeitamente certa, menos no final, quando afirma que “a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto”.

E por quê?

Porque Roustaing, levado pelos tais espíritos, atacou a parte daquele edifício, substituindo as verdades ali contidas por uma série de mentiras, entremeadas de verdades, para as mascarar. Sua obra está em contradição com o Velho e o Novo Testamen-

to, com a boa lógica e com a concordância universal dos ensinamentos dados pelos Espíritos.

Este duplo aspecto do corpo de Jesus, antes e depois da ressurreição, é aceito pela Igreja Anglicana, a qual, representa a mais respeitável escola de teologia protestante em nossos dias. Não há muito ela declarou aceitar a manifestação dos espíritos. Pois bem: antes disso e relativamente ao corpo de Jesus, seu ponto de vista estava expresso no trecho que damos a seguir.

Na *Read Letter Edition* da *Authorized King James Version*, a que nos referimos no primeiro artigo, existe em apenso, entre outras coisas notáveis, um *Condensed Bible Commentary and Difficult Bible Questions Answered* (Comentário Resumido da Bíblia e Resposta às Perguntas Difíceis); à página 9, segunda coluna, lê-se:

“What became of Elijah's body?”

“The bodies of Elijah and Enoch were doubtless changed or transformed as Paul describes in 1 Cor.-15: 51-52 – the verses immediately following the well-known passage, that flesh cannot inherit the kingdom. They were changed into spiritualized bodies like in some degree that with which Christ rose, froco dead. His resurrection body seemed to be made of flesh, but it was clearly different froco that which he possessed before his death. All the redeemed, the saints who have died before Christ's coming and those who are clive when he comes, are promised these new “celestial” bodies for the heavenly life. These are the views of commentators who have discussed the subject”.

Traduzindo:

“Que foi o que aconteceu ao corpo de Elias?”

“Os corpos de Elias e de Enoque sem dúvida foram mudados ou transformados, como descreve Paulo em 1 Coríntios, 15: 51 e 52 – versículos que se seguem imediatamente à conhecida passagem de que a carne não pode herdar o reino. Foram mudados em corpos espiritualizados, como, de certo modo, aquele com o qual o Cristo se ergueu de entre os mortos. **O corpo de sua ressurreição parecia feito de carne,**

mas era claramente diferente do que possuía antes de sua morte. A todos os redimidos, aos santos que morreram antes da vinda do Cristo e aos que estirem vivos quando ele vier são prometidos novos corpos “celestiais” para a vida celeste. São estes os pontos de vistas dos comentadores que discutiram a matéria” (O negrito é nosso).

Veja-se como os protestantes, que não admitem as aparições de Espíritos, que não compreendem se fale em fantasmas e agêneres; que até agora não saíram de uma grande confusão, motivada pelo emprego indiscriminado, na Bíblia, dos vocábulos **espírito, Senhor e Deus**; que levaram sua repulsa ao ponto de não admitirem certos livros da Bíblia, considerados não canônicos, entre os quais o de Tobias, que é toda uma longa história de um espírito materializado; veja-se como os protestantes, íamos dizendo, tiveram, em relação ao corpo de Jesus, a compreensão clara dos fatos, e lhe deram uma interpretação em harmonia com as Escrituras!

Mas o esnobismo roustanguista quis ser original e, julgando dizer novidade, fez ressurgir velha e desmoralizada teoria que o iluminado de Patmos denunciara com tanta clareza, precisão e sobriedade.

Em artigo anterior transcrevemos as passagens de Kardec relativas aos agêneres, pelas quais se vê que o Codificador foi sistematicamente hostil à teoria do corpo fluídico de Jesus. Reptamos o Sr. Gomes Braga a exhibir os escritos em que, diz s. s., Kardec apoiou a teoria de Roustaing, mas até agora eles não apareceram, pela razão muito simples e bastante clara de que Kardec não escreveu, nem como homem nem como Espírito.

Quanto às “numerosas comunicações” a que se refere o Sr. Braga, são em geral desconhecidas. Sabem-se-lhes apenas as referências: teriam sido dadas a Francisco Cândido Xavier e às duas senhoras, médiuns oficiais da FEB: Zilda Gama e América Delgado.

Através de Xavier é conhecido o trecho de uma obra ditada pelo Espírito de Humberto de Campos. Pode ser legítima opinião desse Espírito, mas também pode ser uma adulteração, de vez

que já ficou provado publicamente que, ao reeditar outra obra recebida através daquele médium, a FEB alterou certa passagem, afeiçoando-a aos princípios roustainguistas. É fato do domínio público, como o é que a FEB não teve defesa.

Desse jeito, quaisquer outras mensagens de Chico Xavier, publicadas pela FEB afirmando os princípios roustainguistas, são sempre suspeitas... E sem que isso diminua o médium.

Aquelas duas senhoras eram médiuns da casa, do mesmo grupo, sujeitas às mesmas influências. O ensino dado pelos Espíritos a Allan Kardec nos diz da desvalia de tais comunicações – desde que não tenham o prestígio da concordância universal e quando se não acomodem à lógica, ao bom-senso, à moral e à documentação histórica; numa palavra: a unicidade de pontos de vista, em âmbito universal.

E porque? Porque o médium que trabalha isoladamente, ou num centro único, pode estar sob a ação de um mistificador, que varia suas vibrações para modificar a maneira de sentir do médium; deste jeito, apresenta-se com linguagem diversa e vários nomes, para que um disfarce confirme e prestigie o outro; pode ainda estar sob a ação de uma falange, que age de plano, em jogo combinado. O mesmo se dá nos centros com mais de um médium: podem estar todos sob o domínio de um só Espírito ou de uma falange, que age como no caso do médium isolado, aplicando ao conjunto aquelas as mesmas formas de ação.

E não é tudo. Kardec não teve tempo de entrar em maiores minúcias, que só mais tarde foram conhecidas.

Tudo quanto ele disse sobre o caso, e que damos acima resumidamente, porque já o dissemos *in extenso* em artigo anterior, pode ser praticado por um Espírito encarnado – o do próprio médium.

Em circunstâncias especiais pode o médium chegar a um certo grau de exteriorização parcial – e mesmo total – de seu Espírito, readquirir o domínio sobre conhecimentos latentes, que não revela em estado normal, ser tomado como uma entidade independente. Em tais casos pode mesmo ser visto com forma diver-

sa da de seu corpo somático atual e, assim, levar os videntes que observem a tomá-lo como outra entidade.

Nesse estado revelam grandes conhecimentos, dominam mesmo uma assembléia e criam uma grande receptividade para o que dizem e fazem. A assistência, geralmente a mesma, cria as condições psicológicas e magnéticas do ambiente para a reiteração do fenômeno. A falta de estudo acurado do assunto pela massa dos Espíritas desacredita, em geral, as tentativas de elucidação científica do caso.

Neste particular conhecemos atualmente dois casos típicos: uma senhora, muito honesta, cristã, caridosa, humilde, dedicada à doutrina; está convencida que recebe o Espírito de ilustrado clínico; faz diagnósticos mais ou menos certos, indica remédios com os quais obtém curas ou melhoras acentuadas; dá passes com magnífico proveito para os beneficiários, seja por sugestão, seja pelo mesmo efeito magnético de seus fluidos. O outro é um senhor, médium de incorporação; recebe espíritos de várias categorias; mas em certas condições exterioriza-se, seu Espírito volta ao passado, recupera e revela grandes conhecimentos e se exprime em magnífica forma de orador. Inconsciente do fato, não se inculca este ou aquele Espírito: o público é que se encarrega de lhe atribuir um nome – que é, sempre, o de uma grande figura passada do Espiritismo.

Nosso ponto de vista é que o Sr. Roustaing foi enganado. Sem a experiência necessária, seu entusiasmo, quiçá mesmo as falhas tão comuns na ordenação de conhecimentos das pessoas de muita ilustração; sua direção, no culto das letras jurídicas, naquele tempo, do que hoje, desinteressadas das ciências experimentais ou, ao menos, nos trabalhos práticos de laboratório que, principalmente eles, dão acuidade e intuição, de par com o indispensável alheamento do fenômeno, a ponto de, no sentido de orientar pesquisas e formular hipóteses provisórias, que são prontamente abandonadas, desde que os primeiros resultados não se acomodem às grandes verdades e aos princípios firmados pelo geral consenso científico; tudo contribuiu para que o ilustrado advogado de Bordéus se empolgasse, se fanatizasse – ele que era um neófito, que apenas havia lido meia dúzia de obras sobre

Espiritismo e desconhecia o seu lado experimental –, a ponto de pôr de lado a repugnância do próprio médium pelo conteúdo das mensagens.

Na verdade aquilo era um ovo de Colombo: não haveria mais mistérios, não haveria mais milagres; os dogmas cairiam, todos, ante esta simples explicação – um corpo fluídico!

A vaidade incontida e o orgulho insopitado foram nele maiores que o seu poder de análise, que o domínio de si mesmo. E perdeu-se.

Imagino-o hoje como Espírito lúcido, altamente consciente de seu erro, assistindo a multiplicação de suas funestas conseqüências, por dezenas e centenas de pessoas, graças à repetição, num pequeno núcleo, das mesmíssimas circunstâncias em que um dia se achou, empolgado por uma falange vaticânica, que tudo tem feito, e tudo fará para destruir, para desmoralizar o Espiritismo.

E como lhe deve doer a antevisão de sua responsabilidade cármica! Como deve sofrer nesse castigo atroz de não poder chegar aos núcleos que o tomam por patrono, e dizer, através dos médiuns: “Vocês estão errados e por minha culpa; essa dedicação de vocês, esse empolgação, esse fanatismo, essas inverdades são o meu inferno. E vocês não me escutam; vocês não me aliviam; vocês...”

Não poderia acabar: o diretor dos trabalhos o enxotaria como a um miserável mistificador.

Kardec deixou uma obra, se não acabada, ao menos com os alicerces feitos, com a infra-estrutura definida. Nestas nove décadas que decorrem desde o seu aparecimento codificado, muito tem evoluído o Espiritismo. Mas ainda não foi necessário alterar nenhum ponto, dobre o qual ele houvesse emitido opinião. Muito se avançou no conhecimento de detalhes: nunca, porém, se constatou a menor necessidade de substituir uma viga, isto é, de mudar um conceito.⁸³

Assim, uma obra tão sólida não necessita ser consolidada por um trabalho a que falta base científica, falta lógica, falta esse apoio universal dos próprios Espíritos que, *urbe et orbe*, espalham o imenso material com o qual a doutrina foi codificada no

seu tríplice aspecto. *A verdade não necessita da mentira para se consolidar.*

Esta segunda parte da tese do Sr. Gomes Braga, pelo visto, é uma cavilação (ironia maliciosa), como o é a parte final, que diz ficarem assim “confirmados o Cristianismo e o Judaísmo”.

Perdoe-nos o Sr. Gomes Braga, perdoe-nos o público. O melhor comentário à afirmação de que era necessária a obra de Roustaing para confirmar a obra de Jesus Cristo é... o silêncio.

O Sentido Oculto do Roustainguismo

Fechemos esta série de artigos de análise do livro do Sr. Ismael Gomes Braga e patenteemos o sentido do Roustainguismo.

Nesta análise por vezes fomos ásperos, dessa aspereza chocante mas necessária nos ambientes espíritas. Mercê de Deus, entretanto, jamais nos afastamos daquela recomendação de Kardec: **discutir sem disputar**. Nunca deixamos de citar fielmente as fontes; nunca faltamos com o respeito à lógica, aos fatos, à verdade. Se, de passagem, fizemos referências a pessoas, vivas ou desencarnadas, jamais ferimos condições personalíssimas. É que essas criaturas estavam ligadas à projeção social de acontecimentos que interessam à gente espírita de modo muito particular.

Tomaram os espíritas como *slogan* número um o título de uma obra ditada pelo Espírito de Humberto de Campos: *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Meditem os leitores sobre o conceito aí contido. É possível que o Espírito tenha lá as suas razões. Mas como? Quando?

Os fatos são estes: somos vanguardeiros na fila dos países analfabetos; esquecemos que a leitura é necessidade fundamental para a evolução do Espírito; as estatísticas mostram elevadíssimo percentual de mortalidade infantil, traduzindo condições de vida muito abaixo dos padrões mínimos exigidos pela dignidade humana; a tuberculose, que os médicos, a despeito do bacilo, chamam doença social ou moléstia de carência, eufemismos sinônimos de fome permanente, faz larga devastação nas classes médias e inferiores. Deixemos de lado quaisquer referências àquilo que não atinja diretamente o elemento humano e citemos, ainda, para edificação dos dirigentes espíritas, o fato de haverem cientistas de Manguinhos, de parceria com os da *Rockefeller Foundation*, constatado no vale amazônico largas faixas onde o teor de glóbulos vermelhos no sangue dos habitantes não vai além dos 35% da taxa normal, o que, por seu caráter generaliza-

do, atraiu a atenção para outros aspectos da vida rudimentaríssima daqueles nossos irmãos.

Aproximemos esses fatos de uma frase corrente no país: “para inglês ver”. É a orientação que costumamos imprimir às nossas coisas e, parece, a isto se não forram os espíritas. Aquele belo dístico *Pro Brasília, fiant eximia* continua sendo dourada mentira: a razão estará ainda, e por muito tempo, com Euclides da Cunha, quando fala de uma civilização importada, sem raízes na terra, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico. Tudo isso nos lembra a piada do incorrigível Emílio de Menezes: “O Brasil começa no Cais Pharoux e acaba em Cascadura”.

* * *

Mas um espírito disse... então é dogma.

Nós daqui de São Paulo, tenhamos nascido em Piratininga, nas coxilhas gaúchas ou nas adustas planícies nordestinas, vemos o Brasil no seu todo, horizontal e verticalmente. E transportando esse modo de ver para o terreno da doutrina espírita, temos a noção exata das tarefas assinadas aos espíritas do Brasil. Por isso dissentimos da opinião de ilustrado engenheiro, diretor de um órgão da imprensa espírita carioca, de que nos Estados não se encontram espíritas com capacidade para constituir um organismo legislativo para a direção nacional do Espiritismo. Discordamos de s. s. porque essa fobia ao provincianismo, desmentida pelas realizações no terreno social, no Rio Grande, no Paraná e em São Paulo, para citar apenas as mais importantes, é um sentimento anticristão e uma demonstração inconcussa da hipertrofia do *Eu*; é um complexo com forma endêmica na direção da Casa da Avenida Passos.

Porque temos essa visão de conjunto, nós de São Paulo promovemos, vai para um ano, um congresso espírita ao qual foram presentes, na Paulicéia, representantes de dezesseis estados brasileiros, a despeito da campanha deselegante, feita na sombra pela Federação Espírita Brasileira, previamente convidada para assumir sua direção. Agora, ante os resultados da U.S.E. (União Social Espíritas), a ex-Casa de Ismael resolveu, noutra gesto

deselegante, criar um organismo para gerar confusão, imitando o nome e a sigla daquele: A.S.E. (Ação Social Espírita).

Por quais motivos assim procede?

Ensina Kardec que a doutrina, por sua moral fundamentalmente cristã, tem a dupla tarefa de esclarecer e reformar os indivíduos e de transformar a estrutura social por um processo evolutivo e paulatino, estabelecendo **uma sociedade verdadeiramente cristã** e não **uma sociedade cristã para inglês ver**. Assim sendo, cabe-lhe o dever de criar as condições psicológicas capazes de unir para fortificar e não as que separam para enfraquecer.

Que a FEB não quer unir está visto na sua ojeriza aos congressos e no fato de excluir do direito de participar de sua direção os espíritas kardecistas, isto é, aqueles que não aceitam as teorias de Roustaing (Estatutos da FEB, Art. 2º, letra a e Art. 36º, § 3º).

Para que seja realizada a tarefa de esclarecimento dos indivíduos é óbvia a necessidade de se lhes darem os meios.

Quais os que a FEB oferece?

Já os temos compendiado:

- 1) num país iletrado, um número de obras em esperanto quase três vezes o das que oferece em português;
- 2) uma revista obsoleta, insuficiente e sem plano educativo ou ordenação de conhecimentos, mas repleta de publicidade de obras não fundamentais para a realização de tarefas, individuais e coletivas, da doutrina e, até, de outras a ela prejudiciais;
- 3) incapacidade de atrair as camadas mais cultas da sociedade, pondo-lhes ao alcance as obras das grandes figuras estrangeiras, ou das que contribuíram para o avanço dos estudos científicos do Espiritismo e da Metapsíquica; ao contrário, mutilando algumas destas obras em raras traduções e adquirindo os direitos de tradução de outras para os engavetar;

- 4) adulteração das obras de Kardec, desde que o público não as pode cotejar com o original;
- 5) forjamento de volumes que Kardec não escreveu, como a “Doutrina Espírita” para aí enxertar a propaganda do Roustainguismo;
- 6) expulsão de seu seio das sociedades que, não sendo roustainguistas, participaram, sem o seu consentimento, de congressos espíritas;
- 7) estropiação dos textos bíblicos nas obras de Kardec, para gerar confusão, e nas de Roustaing, para criar base lógica à argumentação;
- 8) alteração dos textos de obras mediúnicas, como fez com uma doada ao médium Francisco Cândido Xavier, para afeiçoá-la à tese roustainguista.

Ora, estes processos são desmoralizantes. E é o caso de lembrar aos diretores da FEB que os kardecistas, ainda quando a par de todas estas coisas, não esqueceram a parábola do filho pródigo e são capazes de a pôr em prática. Tudo dependeria de querer esse filho pródigo voltar à casa paterna.

Mas fora preciso que compreendesse o sentido do Roustainguismo. E corrigindo-se, corrigisse aquela instituição todas as falhas de que é justamente acusada.

Entretanto não é de esperar que o façam os seus diretores. E não o fazem porque não podem ou não querem compreender que são vítimas da mais solerte, pertinaz e organizada, ao mesmo tempo paciente, complexa e poderosa falange de Espíritos que se possa imaginar: a falange vaticânica.

Fazer a história minuciosa da FEB é rastrear o trabalho dessa falange. E sua ação tornou-se possível porque, encontrando as brechas, que são as falhas humanas, não esbarrou com aquele espírito crítico de que Kardec deu exemplo e advertência nas reiteradas recomendações que nos legou. Ali faltou, também, conhecimento seguro dos Evangelhos e escritos complementares.

É praxe nas sociedades espíritas aceitar tudo quanto lhes é dito por Espíritos e por conferencistas e doutrinadores. Esquecem que, sendo o homem um Espírito encarnado e o Espírito um

homem desencarnado, são dois aspectos da mesma coisa. Conseqüentemente, se há Espíritos que sabem mais do que nós, há homens que sabem mais que muitos Espíritos. Como não há análise das comunicações, esses Espíritos de falange se vão insinuando: dizem verdades para conquistar o respeito, fazem diagnósticos e indicam medicação certa para conquistar a estima. Mas quando dominaram o terreno agem de maneira multiforme no sentido de desmoralizar a doutrina, pelo rebaixamento de seu nível e pela derrocada de suas sociedades.

Para esses Espíritos todas as armas são boas, desde que produzam os resultados que objetivam. Têm conhecimentos variados, contam com muitos especialistas nos múltiplos setores do saber. Por isso não recuam ante nenhum obstáculo, inclusive o da utilização da magia negra, isto é, o do emprego do trabalho mediúnico para fins maléficos. Exercitam uma ação violenta sobre os médiuns, já transformando a sua psique, já produzindo uma concentração de fluidos em determinados pontos do organismo perispiritual dos pacientes, a qual evolui e acaba por atingir certas glândulas, determinando um comprometimento endócrino e, por vezes, até o aparecimento de lesões orgânicas mais ou menos devastadoras, quando não o de neoplasias, algumas das quais irremediáveis, já por sua localização, já por sua própria malignidade.

De todos esses trabalhos o pior é aquele que se projeta sobre as mentes, porque compromete a mesma verdade do *Eu* superior. Afeiçoando-as a seus pontos de vista, aqueles obsessores tornam as criaturas sistemáticas, intolerantes, ilógicas e autoritárias e as arrastam a tomar as próprias idéias por verdades primeiras, os seus raciocínios como lógica infrangível.

São Espíritos desse quilate que procuram sustentar aquelas idéias cuja primeira vítima, nos tempos modernos, foi o próprio Roustaing.

O advogado francês não podia ignorar a posição de Kardec, como médico e como cientista; não podia desconhecer a projeção de sua obra. E conhecendo essa obra, deveria avaliar da segurança com que o Codificador tratava um assunto velho como a

humanidade, revestindo-o de feições novas e lhe dando uma explicação consentânea com os últimos postulados da ciência.

Ora, até hoje nenhum espírito equilibrado quis infirmar a Bíblia ou nela introduzir modificações, riscar passagens e torcer frases e, por cima de tudo, pretender a aceitação de tais deformações. Há trabalhos notáveis de filologia e de crítica histórica que permitem fixar as datas de tais ou quais livros que a compõem; é possível, mesmo, rastrear algumas interpolações.

Modificações assim fizeram-nas alguns padres católicos, de maneira discreta, do mesmo passo que subtraem a Bíblia aos profíctes de sua religião. E o fizeram para que os textos modificados servissem de apoio a este ou aquele dogma.

Roustaing foi mais ousado, porque mais inconsciente; e mais inconsciente, a despeito de sua ilustração, porque vítima de uma obsessão: a de ser o messias da terceira revelação. Já o demonstra o título da obra: **Revelação da Revelação**.

Para que alguém, com o perfeito senso da magnitude da tarefa, se abalançasse a “corrigir a Bíblia valendo-se do ensino dos Espíritos”, fora mister tomar as seguintes precauções:

- 1) controlar as entidades comunicantes por meio de clarividentes bem desenvolvidos e de absoluta fidelidade;
- 2) criticar as mensagens, especialmente nas passagens que ferirem a concordância com os textos bíblicos;
- 3) exigir argumentos dos próprios Espíritos, os quais deveriam apoiar-se, também, nos conhecimentos lingüísticos, sobretudo nos trechos em que suas mensagens divergem dos códices;
- 4) fazer a crítica das afirmações dos Espíritos à luz das conclusões a que já chegaram grupos especializados em assuntos bíblicos;
- 5) exigir elementos de identificação dos Espíritos comunicantes;
- 6) depois de severa análise, discutir a matéria com os autores das mensagens;

- 7) exigir que as mensagens sejam comunicadas igualmente em outros meios desconhecidos, aos quais seriam dados pelos Espíritos elementos para o estabelecimento de intercomunicação, a fim de que se possa verificar a concordância universal.

A Bíblia é monumento tão vetusto, original e prestigioso que qualquer tentativa, por mais honesta que seja, de lhe alterar uma vírgula, exige estas canseiras, estes cuidados, estes critérios científicos que faltam na obra de Roustaing. Os roustainguistas precisam compreender que uma tradição de dezenove séculos, como é o Novo Testamento, não se destrói com uma simples e leviana afirmação não provada de um Espírito.

No seu livro *A Bem da Verdade*, que encerra os artigos de célebre polêmica, o Dr. Henrique Andrade deixou claro que os roustainguistas da FEB traduziram o triste livro alterando certas passagens com o fito de melhor encadear o raciocínio, baseando este em versículos bíblicos que também foram adulterados, coisa que não fez nem o próprio Roustaing.

A falange que age no Rio é mesmo pertinaz. Há muitos anos trabalha para inutilizar a obra de Allan Kardec. Isso vem do tempo de uma sociedade que depois, fundindo-se com outra, originou a FEB: “A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”. Esta fez as nossas primeiras traduções de Kardec para o vernáculo. Pois naqueles tempos, aí por 1880, já os roustainguistas queriam alterar a obra do Codificador, como se vê na primeira edição de **A Gênese**, por influência de **Os Quatro Evangelhos** de Roustaing. A edição é de 1882 e tal confissão vem na introdução; entretanto, diz que foi decidido “como prova de homenagem ao seu colecionador, nosso Mestre, Allan Kardec, conservá-las com o cunho que ele imprimiu-lhes”. E acrescenta: “A Sociedade Acadêmica julga que não lhe assiste, como a ninguém, o direito de alterar o plano e menos ainda as bases fundamentais, as teorias, a doutrina das obras publicadas pelo anoso Mestre; não só por lhe parecer isso uma profanação, por serem um legado precioso, pois que por elas conhecemos a verdade, se nos fez a luz; mas, ainda, porque não há lei alguma conhecida que justifique tal procedimento; e, se tal lei existisse,

seria bárbara, despótica, vandálica, porque seria a anulação da propriedade, seria a negação do direito”.

Aquela velha gente podia equivocar-se, mas tinha gestos elegantes como este de fechar a introdução com uma mensagem do Espírito do próprio Allan Kardec, dada na sociedade, focalizando a questão:

“Sim, porque ainda que qualquer idéia, das aí colecionadas, tivesse de sofrer qualquer retoque ou modificação, seria trabalho reservado para uma obra especial, cuja leitura, sendo boa para aqueles que já conhecem profundamente a Ciência Espírita, não convém àqueles que apenas começam: porque não estando preparados, teriam de fazer passar bruscamente por uma inversão todas as idéias arraigadas em seus cérebros, o que é contrário às leis naturais, e por isso inconveniente”.

“Não defendo a obra que colecionei, mas o melhor sistema de, com método, lenta e suavemente, preparar aqueles que devem conhecer o que de mais elevado poderia se apresentar à concepção humana”.

Estas palavras criteriosas estão longe de significar uma adesão de Allan Kardec ao Roustainguismo. Este não passa de um equívoco que deve ser destruído elegantemente, segundo os postulados da doutrina espírita cristã, sintetizado no pensamento agostiniano: abraçar os homens, mas profligar (destruir) os seus erros.

* * *

Um paralelo entre os trabalhos de Kardec e de Roustaing mostra o seguinte:

- a) Kardec seguiu critérios científicos; Roustaing NÃO;
- b) as afirmações fundamentais de Kardec têm concordância universal; as de Roustaing NÃO;
- c) Kardec respeitou a ética nas pesquisas e citações; Roustaing e, principalmente, os roustainguistas NÃO;

- d) Kardec promoveu sempre a discussão, para chegar ao esclarecimento; o Roustainguismo foge e proíbe a discussão, para evitar a evidenciação do erro;
- e) Kardec é cristão: respeita os textos evangélicos e promove a união; Roustaing é anticristão: deforma os textos e exclui os kardecistas;
- f) a obra de Kardec resiste à lógica, à crítica, ao bom senso e à moral; a de Roustaing é anticientífica, insensata e imoral, porque infama o caráter de Jesus Cristo;
- g) como Espírito, Kardec sustenta a inteireza de sua obra; como Espírito Roustaing confessa o seu erro;
- h) os cientistas contemporâneos e posteriores a Kardec, que na França, Itália, Alemanha, Rússia, Inglaterra e Estados Unidos investigaram o Espiritismo, deixaram trabalhos concordantes com a codificação kardeciana; nenhum deles, entretanto, tomou conhecimento do trabalho de Roustaing e qualquer referência indireta de sua tese central é no sentido de a condenar;
- i) a obra de Kardec conduz à emancipação do dogmatismo e do ritual religioso; a de Roustaing submete o indivíduo aos dogmas e destrói a função social da doutrina espírita, que é essa mesma libertação, de que é exemplo a mario-latria dos roustainguistas.

* * *

Encerremos este trabalho.

Sabiam os judeus, que estudaram a lei e os profetas, bem como os Saduceus, que se haviam apoderado do Templo e punham em leilão o cargo de sumo sacerdote, transformando a religião em mercantilismo e a autoridade religiosa em privilégio oligárquico de uma família, como se verifica ao tempo da pregação e do sacrifício de Jesus Cristo, que era chegado o instante profetizado para a vinda do Messias. Por palavras e atos Jesus mostrou-se hostil a entendimentos que confundiam interesses religiosos com situações políticas, fosse do conchavo com as autoridades, fosse de chefia de uma rebelião, como pretendente ao trono

judaico, para sacudir a dominação romana. Por isso o sacrificaram. Vendo, porém, o desenvolvimento posterior do Cristianismo, apesar de não expurgado da herança do Judaísmo; vendo que apóstolos e discípulos faziam largo proselitismo entre judeus e estranhos, temeram os rabinos por seus interesses materiais de exploradores do Templo.

Precisavam desacreditar os cristãos e justificar o seu crime.

Ora, os judeus e cristãos conheciam os fenômenos espíritos, de que o Velho Testamento estava repleto; estavam na memória de todos os acontecimentos do Pentecostes, que não passara de uma grande manifestação coletiva de mediunidade; ademais, sabiam os judeus que os primeiros cristãos praticavam a mediunidade. E procuraram tirar partido desse fato, soprando que Jesus Cristo fora apenas um espírito materializado, desses que Kardec chama de agêneres.

Daí as duas epístolas de João, o evangelista, apóstolo da predileção de Jesus, sem dúvida por ser o mais arguto, o mais evoluído, o mais receptivo, o mais capaz de grandes sínteses, como bem o demonstrou no seu *Evangelho filosófico* e no *Apocalipse*. João foi a sentinela: deu o grito nas passagens daquelas epístolas, citadas no nosso primeiro artigo (1 João, 4: 1-3 e 6; 2 João, 7), cuja repercussão encontramos nas epístolas de Pedro e de Paulo.

Por que assim procediam os judeus?

Porque se Jesus tivesse sido um espírito materializado não teria sido o Messias, porque não corresponderia às profecias. Não sendo o Messias, era um embusteiro. Continuariam os judeus absolvidos e gratificados por sua eliminação, pela consolidação de seu prestígio, do mesmo passo que essa primeira heresia prestava o serviço de desmoralizar o ensino do Nazareno, transmitido por seus apóstolos e discípulos.

Com o correr dos tempos abastardou-se o Cristianismo, ante a pressão das coisas materiais, contato com os políticos, proximidade do poder, tentação do conforto e do mandonismo. Paralelamente agiam outras forças sutis: o sincretismo religioso, marcante na liturgia, no ritual, nas práticas externas do culto, já

então católico, menos por força da generalização de um conceito filosófico do que por um imperativo político de religião oficial de um império que dominava o mundo. Na verdade, todo o ritual católico, nos seus mínimos detalhes, é tirado daqui e dali, dos rituais das várias religiões que se encontravam, vivas, mortas ou agonizantes, dentro do próprio império.

Os dirigentes católicos herdaram, do lado romano, esse espírito de dominação e do lado rabínico a capacidade de mercantilismo com as coisas religiosas.

Ora, para um como para o outro desses aspectos era prejudicial a prática da mediunidade. Os médiuns viriam a ser para a hierarquia sacerdotal aquilo que para o rabinismo haviam sido os profetas – um aguilhão ou uma chibata. E simplesmente aboliram a mediunidade: por todos os processos, inclusive pelas torturas e pelas fogueiras.

Passando para a vida de além-túmulo essas figuras destacadas do clero observavam os médiuns. E, ou os afeiçoavam ao seu serviço ou os obsediavam e enlouqueciam, para que não viessem prestar serviços esclarecedores e, conseqüentemente, contrários aos interesses materiais da Igreja Romana. Pode-se bem ver esse feito das falanges vaticânicas na ação exercida nos ambientes reformados, onde se acredita, *ao pé da letra*, que as almas imateriais se salvam por meio de um banho no sangue material de Jesus, coisa que, além de paradoxal é imoral, por ser a justificação e um crime. Igualmente se o vê na crença protestante no Espírito Santo, isto é, nos bons Espíritos e na sua evocação, quando, entretanto, recusam a mediunidade, recusam o *batismo no fogo do espírito* e discordam dos Pentecostais, assim como estes dos Espíritas.

Quando chegou o momento de se realizarem as promessas do Cristo, isto é, da vinda do Consolador, representado na doutrina espírita, aquelas falanges vaticânicas, não podendo abrir brecha na contextura moral e na inteireza intelectual de Allan Kardec, procuraram agir em paralelo: escolheram uma figura de destaque, de mediunidade sutil, intuitiva e de inspiração, avassalaram um médium feminino para o serviço do primeiro, posto essa senhora lhes não aceitasse as mensagens, e restauraram a velha e

desmoralizada heresia do corpo fluídico de Jesus, que se prestava admiravelmente para sustentar dois grandes dogmas católicos: o da Santíssima Trindade e o da Imaculada Conceição.

Define-se a situação, na prática, que é a seguinte:

- 1) nos centros roustainguistas a ação das falanges tolhe o desenvolvimento das grandes tarefas sociais, porque isto seria detrimento para o catolicismo;
- 2) nos centros onde a falsa compreensão de tolerância mistura kardecismo e Roustainguismo dá-se um choque de correntes de Espíritos, manifesto nas dissensões internas que atrofiam os médiuns, anquilosam as sociedades, quando não as esfacelam;
- 3) nos centros puramente kardecistas, onde, em geral, não há estudo largo e profundo do assunto, são freqüentes as crises, devidas ao trabalho de falanges; e, mesmo quando se constata que são falanges de padres, a falta de conhecimento panorâmico da matéria tira aos dirigentes o poder de domínio sobre aquelas, por isso que ignoram as causas profundas que as impelem.

Observe-se que nem sempre é seguro o controle através dos videntes. Em geral estes não se acham suficientemente instruídos; assim não sabem estabelecer a diferença entre: a) manifestações de animismo do próprio médium; b) manifestações de Espírito encarnado, cujo corpo somático esteja no ambiente ou fora dele; c) apresentação de uma ideoplastia por um mistificador, que maneja os fluídos ambientes e naquela se mascara; d) manifestação de um Espírito veraz. Entretanto não seria difícil explicar essas diferenças de imagens astrais, noticiadas pelos videntes, com o fito de assegurar o controle das manifestações.

* * *

Se a Federação Espírita Brasileira se sente com vocação para ser uma federação espírita brasileira; se a grande maioria dos espíritas brasileiros são kardecistas e desejam a modificação do *status quo* criado pelos roustainguistas; se estes estão realmente convencidos das excelências de seu cisma, por que não concordam em tirar a limpo aquilo que os kardecistas impugnam?

Para tanto bastaria organizar um grupo selecionado nas seguintes condições:

- 1) número igual de kardecistas e roustainguistas, escolhidos entre pessoas de cultura e imbuídas da responsabilidade do trabalho em que irão participar;
- 2) um grupo de médiuns videntes, previamente submetidos a testes;
- 3) incorporações ou mensagens psicográficas através de Francisco Cândido Xavier, e de um outro médium, previamente examinado;
- 4) evocação dos Espíritos de Ismael, Bezerra de Menezes, Emmanuel, Allan Kardec e Roustaing;
- 5) aceitação de manifestações espontâneas de outros Espíritos.

Nestas sessões far-se-iam as seguintes perguntas fundamentais, além de outras, decorrentes dos mesmos diálogos:

- 1) Quem está com a razão: Kardec negando ou Roustaing afirmando que Jesus Cristo não foi homem?
- 2) É legítima a mensagem atribuída a Roustaing, dada no Rio de Janeiro e publicada na obra “Revelações de Além Túmulo”, psicografada pelo médium Sr. Carlos Gomes dos Santos?
- 3) É exato que o Espírito de Alan Kardec tenha dado apoio à tese do corpo fluídico de Jesus?
- 4) É autêntica a mensagem atribuída a Kardec e publicada pela *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* na introdução à primeira edição brasileira de **A Gênese**, no ano de 1882?
- 5) Como explicar a contradição entre as declarações de apoio de Kardec à tese roustainguista e a mensagem referida na pergunta anterior?
- 6) Porque, desde 1882 até hoje não teria sido possível organizar uma obra de desenvolvimento, ampliação e mesmo de correção da obra de Kardec, como seria admissível nos termos da citada mensagem?

- 7) São verdadeiras ou falsas as afirmações de João Evangelista em duas epístolas contidas na Bíblia, caracterizando como Espírito do Anticristo aquele que nega que Jesus Cristo viveu e sofreu na carne?

Se a FEB está com a verdade, é magnífica oportunidade de esclarecer seus opositores, que também são filhos de Deus. Se não o aceitar é que teme a verdade. Restará então aos kardecistas continuar proclamando a verdade com a FEB, sem a FEB, ou apesar da FEB.

Indicações de leitura que fazem análise das obras de Roustaing

Kardec, A. *Revista Espírita*, 1866, editora Edicel.

_____, 1861, editora Edicel.

_____, 1867, editora Edicel.

Costa, Luciano. *Kardec e Não Roustaing*. Editora LAKE.

Ferreira, Carlos Alberto. *Será a Obra de Roustaing Espírita?*
Editora Opinião E. Capivari.

Garcia, Wilson. *O Corpo Fluídico*. Edições Correio Fraternal
do ABC – São Paulo.

Prestes, Erasto de C. *Kardec X Roustaing*. Editora ECO, Rio de
Janeiro – Niterói – 1984.

Pires, J. H. *Agonia das Religiões*. Editora Paidéia, 1989.

_____ *Revisão do Cristianismo*. Editora Paidéia, 1980.

_____ *O Espírito e o Tempo*. Editora Paidéia, 1983.

Silva, Gélio L. *Conscientização Espírita*. Editora Opinião E.
Capivari – SP, 1995.

FIM

Notas:

¹ Os roustaingistas são apenas 1%.

² “Desconfiai, pois, dos falsos profetas, sobretudo numa época de renovação, qual a presente, porque muitos impostores se dirão enviados de Deus. Eles procuram satisfazer na Terra à sua vaidade; mas uma terrível justiça os espera, podeis estar certos. Espíritos da categoria em que eles dizem achar-se têm de ser não só muito bons, como também eminentemente racionais. Pois bem: passai-lhes os sistemas pelo crivo da razão e do

bom senso e vede o que restará. Convinde, pois, comigo, em que, todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males da Humanidade ou como meio de conseguir-se a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da Ciência contradizem, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso. É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil se torna rejeitar a absurdidade e o erro. Pode um médium ser fascinado, e iludido um grupo; mas a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns recebam, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, justificarão rapidamente esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus. – Erasto, discípulo de São Paulo. (Paris, 1862).” (Allan Kardec, **O Evangelho Segundo o Espiritismo**; 21: 9 e 10).

³ “Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho autoridade para a dar, e tenho autoridade para retomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai”. (João; 10:18).

⁴ “A quem não se limite a ficar na superfície, são necessários, não algumas horas somente, mas meses e anos, para lhe sondar todos os arcanos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, as mais das vezes por distração ou divertimento. Dirão eles, com certeza, que não lhes sobram lazeres para consagrarem a tais estudos todo o tempo que reclamam”. (Kardec, **O Livro dos Médiuns**, item 14).

⁵ [Do gr. syllogismós, “argumento”, pelo lat. syllogismus.] – Dedução formal tal que, postas duas proposições, chamadas premissas, delas, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão. Dessa tese, não é possível que as premissas sejam verdadeiras e a conclusão seja falsa. Ex.: *Todos os homens são*

mortais, todos os brasileiros são homens, logo, todos os brasileiros são mortais.

- ⁶ “E a cada homem lhe penduramos ao pescoço o seu destino e, no Dia da Ressurreição, apresentar-lhes-emos um livro, que encontrará aberto” (Alcorão; 17:13).
- ⁷ Correto é: “...e eis que ficarás mudo, e não poderás falar até o dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo hão de cumprir-se” (Lucas; 1:20).
- ⁸ Freud, S. *Totem e Tabu*. Obras Completas, Vol. XIII.
- ⁹ Durkheim, E. *Formas Elementares da Vida Religiosa*. Livro Segundo.
- ¹⁰ Ibid. Livro Primeiro, cap. II.
- ¹¹ Tricca, M. H. de O. *Apócrifos I – Os Proscritos da Bíblia*, p. 185.
- ¹² Kardec, A. *Revista Espírita*, 1863, págs. 354, 382 e ss.
- ¹³ *Magia, Ciência e Religião*. Edições 70 – Ciências Sociais – Antropologia.
- ¹⁴ Um dos sete sacramentos da Igreja Católica, no qual, segundo a crença, Jesus Cristo se acha presente, sob as aparências do pão e do vinho, com seu corpo, sangue, alma e divindade.
- ¹⁵ “O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor ao próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**; 1:9).
- ¹⁶ Págs. 188 a 190 – Os Evangelhos Explicados.

-
- ¹⁷ “Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares. Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas idéias e com exclusão da verdade, pode-se ter a certeza de que tal sistema conservar-se-á *circunscrito* e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos”. (**O Evangelho Segundo o Espiritismo** – Introdução).
- ¹⁸ Docetas – do grego *dokein: aparecer*. Seita derivada do gnosticismo, tendo como representantes principais Dociteu e Saturnino, negavam a realidade carnal de Jesus e por isso, não aceitavam seu nascimento, paixão e ressurreição. Consideravam seu corpo como “Fantasma” (fluídico) e os seus feitos, apenas aparentes.
- ¹⁹ Mateus; 24:27, Lucas; 18:31 e Hebreus; 2:6.
- ²⁰ “Porque não seguimos fábulas engenhosas quando vos fizemos conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, pois nós fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2 Pedro; 1:16).
- ²¹ “Os homens *em conjunto* produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas. Nenhuma dessas formações pode ser entendida como produto da constituição biológica do homem, a qual, conforme indicamos, fornece somente os limites externos da atividade produtiva humana. Assim como é impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento, igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano. O ser humano solitário é um ser no nível animal (que, está claro, o homem partilha com outros animais). Logo que observamos fenômenos especificamente humanos entramos no reino do social. A humanidade específica do homem e sua socialidade estão inextrincavelmente entrelaçadas. O *Homo sapiens* é sem-

-
- pre, e na mesma medida, *homo socius*.” (Berger, P. e Luckman, T. *A Construção Social da Realidade*, p. 75).
- ²² Religião antiga dos iranianos (persas e medos), caracterizada pela divinização das forças naturais e pela admissão de dois princípios em luta, *aúra-masda* (Deus do bem) e *arimã* (Deus do mal ou Demônio).
- ²³ Denis, L. *O problema do Ser do Destino e da Dor*, cap. IX.
- ²⁴ “... e adoraram o dragão, porque deu à besta a sua autoridade; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem poderá batalhar contra ela?” (Apocalipse; 13:4).
- ²⁵ Armstrong, K. *Uma História de Deus*, cap. 7.
- ²⁶ Pires, J. H. *Revisão do Cristianismo*, cap. VIII.
- ²⁷ Josué; 6:21.
- ²⁸ “Guarda-te de acusares falsamente, e não matarás o inocente e justo; porque não justificarei o ímpio” (Êxodo; 23:7).
- ²⁹ Hinnells, J. R. *Dicionário das Religiões*, p. 54.
- ³⁰ Ling, T. *História das Religiões*, 1.32.
- ³¹ Zimmer, H. *Filosofias da Índia*, p. 271.
- ³² Kardec, A. **O Livro dos Espíritos**, perg. 258 e ss.
- ³³ Vieira, W. *Bem Aventurados os Simples*, item 50 – Justiça.
- ³⁴ Kardec, A. **O Livro dos Espíritos**, perg. 532.
- ³⁵ Durant, W. *Nossa Herança Oriental*, p. 346 e 347.
- ³⁶ Kardec, *O Livro dos Médiuns*, item 283.
- ³⁷ As anotações feitas no texto em pé de página, quando de autoria de Júlio Abreu Filho, constaram de (J.A.F) – As anotações dadas em pé de página de José Herculano Pires constaram de (H.P.).
- ³⁸ O exemplo do Padre Soares Matos e dos falsificadores católicos da Bíblia e dos Evangelhos é hoje seguido pelos editores protestantes, até agora respeitados. As adulterações dos textos no meio protestante visam ao movimento Espírita. Chegou-se ao cúmulo de substituir a palavra pitonisa pela palavra médium e a palavra feiticeiro pela palavra espírita. Veja-se a edição “A

-
- Bíblia Sagrada”, tradução adaptada de João Ferreira de Almeida, da Sociedade Bíblica do Brasil – série RA53 – 40.000 – 11/65 – impressa pela IMPRES, São Paulo. (H.P.).
- ³⁹ Kardec, A. – QE, c.1 p.90; c.2, n.1 p.151; c.3, n.134 p.203. – ESE; 5:6 e 8:14 a 17, 21. – Gên. 2:1 a 7 e 15:25. – RE 1861, set. p.286; out. p.327; – 1862, jan. p.5; abr. p.112; nov. p.323.
- ⁴⁰ Kardec, A. **O Livro dos Espíritos**, perg. 850.
- ⁴¹ O isolamento orgulhoso de Roustaing foi realmente o motivo principal da sua mistificação. Mas esse isolamento decorria do seu desejo de fazer obra pessoal, de ser o missionário da “revelação da revelação” (H.P.).
- ⁴² Kardec, A. ESE; 16:8 e 17:2 – RE 1864, fev. p. 39.
- ⁴³ Camille Flammarion, Leon Denis, Gabriel Delanne e outros.
- ⁴⁴ **Os Quatro Evangelhos** são uma deformação da doutrina e da própria vida de Jesus. Só a obsessão coletiva a que o autor se refere pode justificar a insistência na divulgação dessa obra das trevas. (H.P.)
- ⁴⁵ A Caixa de Socorros e a Casa de Retiro eram instituições de assistência social idealizadas por Kardec, que ao falecer havia já iniciado a construção de casas para assistência na Vila Segur, em terreno por ele adquirido na Avenida Segur, atrás dos Inválidos. (H.P.).
- ⁴⁶ Kardec, A. *Revista Espírita* 1864, p. 203 – 1868, págs. 351 a 360.
- ⁴⁷ Eliade, M. *Origens*, p. 9.
- ⁴⁸ “O sofrimento religioso é, ao mesmo tempo, expressão de um sofrimento real e protesto contra um sofrimento real. Suspiro da criatura oprimida, coração de um mundo sem coração, espírito de uma situação sem espírito: *a religião é o ópio do povo.*” (Karl Marx).
- ⁴⁹ A palavra **dogma** quer dizer princípio de doutrina, postulado. No Espiritismo há dogmas de razão, dogmas racionais, que não podem ser confundidos com dogmas de fé. Necessário estabelecer a distinção. – No tocante à religião, o conceito clássi-

co, acima exposto, refere-se apenas à religião *estática* ou *soci-*
al da definição de Henri Bergson. O Espiritismo se enquadra
na classificação bergsoniana de religião *dinâmica*. (H.P.).

Dogma – do grego e latim *dogma*: opinião, crença, ponto de
vista. Antes da Era Cristã, o dogma era considerado como o
conhecimento das tradições ocultas, secretas, da Igreja, as
quais só podiam ser compreendidas misticamente por meio de
símbolos ou aqueles que derivassem de seitas secretas, como
os discípulos de Sócrates, Platão e Aristóteles, também conde-
nado à morte, mas graças a Deus conseguiu fugir antes de dar
à cidade de Atenas a chance de pecar novamente contra a filo-
sofia, como acontecera a Sócrates. Após os primeiros Concí-
lios o dogma ficou sendo considerado os pontos ou princípios
expostos e definidos pela Igreja, ou qualquer sistema ou dou-
trina que seja, ou queira ser e ter a verdade absoluta do que
prega ou ensina. O dogma passou a ser utilizado pela Igreja
para congelar as teorias existentes que divergiam de seus ensi-
namentos. “O mundo muda, os acontecimentos se sucedem e o
homem dogmático permanece petrificado nos conhecimentos
dados de uma vez por todas” (Aranha, M. L. A. e Martins, M.
H. P. *Filosofando Introdução à Filosofia*, cap. 5 item 8).

Dogma Versão Eclesiástica – Na linguagem eclesiástica, o
termo se aplica às doutrinas ou princípios ensinados em nome
de Deus. As fontes dos dogmas das Igrejas são as Escrituras –
Bíblia – e a Tradição. A Tradição compreende: a) os decretos
infallíveis e irrevogáveis dos Concílios gerais e dos Papas, que
falam *ex-cathedra*; b) os símbolos da fé – sinal da cruz, batis-
mos, exorcismo, etc.; c) escritos dos pais e doutores da Igreja –
Cipriano, Eusébio, Agostinho, Jerônimo, Tertuliano, Tomás de
Aquino, Cirilo de Alexandria, etc.; d) a liturgia que consiste na
ordem das cerimônias e preces de que se compõe o serviço di-
vino. Para a maioria das Religiões, os dogmas são revelações
diretas de Deus, são imutáveis e inquestionáveis. Segundo a
“lógica” da teologia das Igrejas cristãs, as revelações cessaram
após a morte do último apóstolo, ficando as Igrejas impedidas
de fazerem novas revelações e criar novos dogmas.

Dogma Versão Grega – Dogmatikós, *que se funda em princípios* ou *é relativo a uma doutrina*. Derivado de igual voz grega, dogma significa opinião dada como certa e intangível, ou seja, um Axioma. Por exemplo: a Terra gira em torno do Sol, independente das pessoas aceitarem ou não, ela não deixará de girar. É nessa acepção que Kardec deixou que alguns Espíritos empregassem o termo dogma da reencarnação. “Como quer que seja, não existem dogmas – na linguagem eclesiástica – na Doutrina dos Espíritos, onde tudo é demonstrado ou demonstrável e onde não se admite manifestações diretamente de Deus” .(Kardec, A. *Revista Espírita* – 1862, março, p. 86 (notas de rodapé do tradutor).

⁵⁰ Neste ponto o autor se esqueceu da natureza progressiva da Revelação. O próprio Kardec esclareceu, no seu último discurso na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que não chamara o Espiritismo de Religião para não confundi-lo com as instituições religiosas dogmáticas e ritualistas. O Espiritismo é também religião – e religião cristã – mas em espírito e verdade, como se vê em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. O que o autor pretendeu nesses tópicos foi refutar o absurdo de que Roustaing teria sido o “coadjutor” de Kardec. Como já vimos, não houve relações entre Roustaing e Kardec em nenhum momento. (H.P.)

⁵¹ O Pentateuco em hebraico *Chumash*: “os cinco quintos do Torá” (*chamishá chumshei Torá*) ou *humash*, *hamishá*, *humshé Torah* ou simplesmente Torá (ensinamento) é o máximo da consagração dentro do pensamento judaico. Este compêndio de leis que compreende os cinco primeiros livros bíblicos contém 613 mandamentos que estruturam a constituição judaica. O Pentateuco foi alvo de vários estudos, críticas e questionamentos por parte de muitos filósofos, cabalistas, talmudistas, etc.. No entanto, nenhum deles se empenhou em explicar a lei como Maimônides o fez em seus escritos e estudos durante sua vida. Este filósofo “reuniu” O Torá em seu livro *Os 613 mitsvot* (“mandamentos”) e os “dividiu” em preceitos, sendo 248 positivos e 365 negativos. A primeira divisão rela-

ciona os preceitos ou leis que agradam a Deus, ou “farás”, e a segunda os que desagradam a Deus, ou “não farás”. *O Pentateuco, portanto, não é uma obra homogênea. Mas tampouco é, como alguns eruditos na tradição crítica alemã, uma falsificação deliberada de sacerdotes do pós-Exílio, procurando impingir suas crenças religiosas egoístas às pessoas, atribuindo-as a Moisés e sua época. Não devemos permitir que os preconceitos acadêmicos criados pela ideologia hegeliana, anticlericalismo, anti-semitismo e modelos intelectuais do século XIX distorçam nossa opinião sobre esses textos. Toda a evidência interna mostra que aqueles que anotaram e fundiram esses escritos, e os escribas que os compilaram quando o cânon foi reunido depois do Exílio, acreditavam plenamente na inspiração divina dos antigos textos e os transcreveram com veneração e seguindo padrões de exatidão mais elevados possíveis, incluindo muitas passagens que manifestamente não compreendiam* (Johnson, P. *História dos Judeus*, p. 94 e ss.).

Todas as leis que aparecem no Torá, desde a circuncisão ao lavar as mãos, só possuíam um objetivo, o de diferenciar o povo hebreu – os eleitos – dos povos circunvizinhos. Gostaríamos apenas de salientar ao leitor que todas as vezes que utilizamos as frases dividiu, reuniu, elaborou, escreveu, explicou, etc., todo o Torá ou as Leis, estamos apenas fazendo uma alusão ou tentando deixar as explicações mais acessíveis aos não afeiçoados à leituras do pensamento judaico. Não existe divisão, resumo nem muito menos pensamento que possa qualificar ou demonstrar a dimensão desse livro que possui o sagrado em todos os pontos e em cada linha e como meta à explicação desse sagrado através de suas hierofanias. O Torá é uno, indivisível e absoluto, não existe Torá pela metade; ou se considera o Torá como um todo ou não teremos Torá, mas fragmentos de leis que não nos servem para nada. O Torá está e sempre esteve presente no próprio alicerce do universo, são suas leis que estabelecem e harmonizam todo o cosmo; se não existisse o Torá não existiria a vida, a terra e o universo. Antes da existência escrita do Torá na terra, o Eterno o tinha em suas próprias mãos, organizando, estruturando e sacralizando o mundo.

O Torá é na verdade o plano da Criação. Confiou ao povo esta responsabilidade de restabelecer a harmonia que antes fora quebrado por Adão através de seu “pecado” (Unterman, A. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, p. 179).

⁵² Os escritos e os profetas podem ser “divididos” da seguinte forma: Livros narrativos e históricos: Josué; Juizes; Reis e Samuel. Entre os profetas temos os “quatro” maiores ou principais e os doze menores, – o termo se refere a tempo de “pregação” e a extensão do livro e não à maior ou menor importância deste ou daquele profeta. Todos tiveram a sua participação e foram importantes de uma forma ou de outra. Os menores são: Ageu, Amós, Habacuque, Joel, Jonas, Malaquias, Miquéias, Naum, Obadias, Oséias, Sofonias e Zacarias. Os maiores, ou principais, são: Daniel, Ezequiel, Isaias e Jeremias. Temos ainda uma outra divisão que podemos chamar de hagiógrafos ou *ketuvim* (11 livros), contendo dentro da sua estrutura o *Meguilá* (rolo) que compreende cinco livros: Cânticos dos Cânticos, Eclesiastes, Ester, Lamentações e Rute e os últimos: Crônicas, Esdras, Jó, Neemias, Provérbio e Salmos. Em alguns escritores o livro de Daniel é posto entre os profetas maiores, outras vezes encontramos este mesmo livro posto nos hagiógrafos. Apesar de não ser a práxis, na dúvida optamos em deixá-lo como o “quarto” profeta maior, pela influência que este teve em todo o exílio e na literatura judaica. Se errarmos perante o Eterno – *que seu nome seja louvado* – nos perdoe a falha humana.

⁵³ Pastorino, C. T. *Sabedoria do Evangelho* – 1º Volume – Introdução. Veja também o Livro histórico de Werner Keller: *E a Bíblia Tinha Razão*.

⁵⁴ Oportuna observação, pois é evidente a relação entre as forças católicas contrárias ao Espiritismo e as forças espirituais que defendem a obra de Roustaing. Todos os que escrevem e lutam contra a mistificação roustanguista sabem quanto são atacados pelas falanges católicas do espaço, que defendem essa obra como um instrumento eficiente de ridicularização e desmoralização.

zação do Espiritismo. Os grupos roustainguistas estão sempre sob a fascinação dessas forças (H.P.).

- ⁵⁵ Chico Xavier sempre se esquivou a polêmicas. Sua função mediúnica não pode ser perturbada. Sua humildade natural o coloca à margem de divergências doutrinárias. Mas sua firmeza kardecista se traduz no seu comportamento e nas suas obras, onde Kardec e só Kardec está presente. O autor tem razão. Chico é mencionado indevidamente nesse caso. (H.P.).
- ⁵⁶ 1949. Estes artigos foram publicados em 1949 e editados em livro no ano seguinte. (H.P.).
- ⁵⁷ Trecho de Kardec acentuando o valor do princípio de **universalidade dos ensinamentos dos Espíritos**, ou seja, da regra filosófica do **consenso universal** que ele adotou como elemento básico do seu método de pesquisa. Esse **consenso** faltou à obra de Roustaing e isso não lhe dá condições para integrar-se na Doutrina Espírita. Como vemos, a citação dos médiuns acima foi um recurso tardio e inverídico para suprir a deficiência (H.P.).
- ⁵⁸ “Os dois médiuns em causa são as Sra. Zilda Gama e América Delgado, que trabalhavam na FEB, estando sujeitas ao ambiente roustainguista da casa. Além disso, essas comunicações, muito posteriores à obra de Roustaing, não caberiam nas exigências do consenso universal” (H.P.).
- ⁵⁹ A posição bíblica do autor parece-nos extremada. Mas a sua posição kardeciana é bem clara e lógica, apoiada nos textos acima transcritos. A Bíblia – o Velho Testamento – mesmo acrescida pelo Novo Testamento, não seria suficiente para negar validade à absurda teoria roustainguista, pois o seu texto tem servido para as interpretações mais contraditórias. A explicação de Kardec e o absoluto silêncio dos Espíritos Superiores – nestes dois mil anos – sobre a velha hipótese do corpo fluídico, parecem-nos mais importantes. Por outro lado, a lógica da explicação kardeciana é decisiva. Um Jesus de mentira só pode ser admitido pela antilógica do anticristo. (H.P.).
- ⁶⁰ Toda a coleção da Revista Espírita do tempo de Kardec, indispensável ao estudo da doutrina, só foi publicada no Brasil

à revelia e contra a vontade da FEB, na década de 60, em tradução de Júlio Abreu Filho. O importante livrinho de Kardec **O Espiritismo na sua mais simples expressão** só apareceu em 1970. Bastam esses dois fatos para provarem a razão do autor (H.P.).

⁶¹ Mateus; 5: 29 e 30 e 1 Pedro; 2:8.

⁶² Kardec afirmou que a chave das Escrituras Sagradas é o Espiritismo. Sem essa chave o conhecimento da Bíblia é sempre formal, não substancial. Neste ponto o autor se deixou levar pela sua evidente simpatia pelos protestantes, o que vale por bonita demonstração do anti-sectarismo espírita. Ele mesmo, grande e tenaz estudioso da Bíblia, era uma prova de que os espíritas não são infensos a esse estudo (H.P.).

⁶³ O Rev. Othoniel Motta publicou, em princípios da década de 40, o livro *Temas Espirituais*, no qual relata suas experiências espíritas, reconhecendo a realidade das comunicações mediúnicas e até mesmo estampando um clichê de comunicação psicográfica de amigo falecido, cuja caligrafia e assinatura reconheceu. Apesar disso, concluiu o livro apelando para a explicação demoníaca. Faltava-lhe a “chave” (H.P.).

⁶⁴ Traduzido pelo Dr. Guillon Ribeiro e publicado pela FEB em 1947 (J.A.F.).

⁶⁵ Traduzida por Antônio Lima e publicada pela FEB em 1935 (J.A.F.).

⁶⁶ Note-se a importância deste pormenor. A própria médium (e exclusiva) que recebeu **os Quatro Evangelhos** percebeu que se tratava de espíritos mistificadores. Não sobra ao Roustainguismo nem mesmo o suporte mediúnico. – O destaque em negrito dessa passagem do texto é nosso. (H.P.).

⁶⁷ Estava escrito este artigo quando o Correio nos trouxe um belíssimo exemplar da Bíblia em Esperanto, com uma gentil oferta do Sr. Ismael Gomes Braga. Aqui reitero meu sincero agradecimento, ao mesmo tempo em que faço um registro doloroso para o Sr. Ismael: em todas as passagens citadas, a Bí-

bliã em Esperanto concorda com as nossas citações em português, francês, inglês, italiano, latim e grego. Já é peso!

- ⁶⁸ Este, em geral, tem sido o motivo de todas as pretensas reformas e superações da Doutrina Espírita, no passado e no presente. Em Roustaing esse motivo se torna evidente desde o prefácio de **Os Quatro Evangelhos**, como demonstramos. Falta a esses reformadores a compreensão do sentido da Doutrina e falta ainda mais a virtude da humildade (H.P.).
- ⁶⁹ Kardec foi pedagogo, professor, continuador da obra de Pestalozzi, membro de várias instituições científicas, diretor de seção da Universidade de Paris. Henri Sausse, seu contemporâneo e seu primeiro biógrafo, afirma que ele foi médico e defendeu com brilhantismo a sua tese. André Moreil, seu biógrafo mais recente, entende que Kardec estudou medicina, mas não se diplomou. Albert Caillet diz que Kardec tinha “conhecimentos médicos inegáveis” (H.P.).
- ⁷⁰ Rábula – Indivíduo que fala muito, mas não conclui nem prova nada.
- ⁷¹ Os Congressos Espíritas no Brasil foram sempre realizados à revelia da FEB, condenados e combatidos por ela. O movimento de unificação foi seriamente atacado pela FEB e o pacto áureo só foi possível graças à humildade, tolerância e insistência dos espíritas paulistas, tendo à frente Pedro de Camargo (Vinícius), cujo prestígio venceu a FEB. Mas, para aceitar a unificação, ela exigiu a criação de um conselho nacional sob seu controle. Esse órgão, o Conselho Federativo Nacional, deformou o espírito do movimento de unificação e erigiu-se numa espécie de colégio cardinalício, emitindo bulas sobre questões doutrinárias (H.P.).
- ⁷² A mensagem foi dada espontaneamente, no Centro “Família Espírita” Rua do Carmo, 15, Rio de Janeiro, e publicada num opúsculo de distribuição gratuita, pelo diretor-fundador daquele Centro, cujo nome citamos com muito agrado e com muita saudade – Mariano Rango D'Aragona, destacada figura de lutador espírita (J.A.F.).

-
- ⁷³ Este Centro fica no Catete, à Rua Pedro Américo, 22 (J.A.F.).
- ⁷⁴ Confiteor – Oração que principia por essa palavra, e recitada pelos católicos antes de confessarem os seus pecados ao padre. (Novo Dicionário Aurélio – Século XXI)
- ⁷⁵ Esta declaração bastaria para autenticar a mensagem de Roustaing. Tudo quanto se encontra de bom e certo em sua obra é cópia e decalque de Kardec, como demonstramos em nossa análise incluída neste volume. Mas toda essa confissão, desde a linguagem até à substância, corresponde exatamente ao que a crítica pode apurar na obra de Roustaing. (H.P.).
- ⁷⁶ Jean Meyer foi uma notável figura do Espiritismo na França, um dos diretores da Sociedade fundada por Allan Kardec; fundou o Instituto Metapsíquico Internacional, a União Espírita Francesa, a Sociedade de Estudos Metapsíquicos e a Casa dos Espíritas, além de organizações de assistência. Foi Vice-presidente do Congresso Espírita Internacional, reunido em Londres, de 7 a 12 de setembro de 1928 (J.A.F.).
- ⁷⁷ Note-se a força dessa expressão final de Bozzano: “universal e felizmente liquidado”. Lembre-se que Ernesto Bozzano, grande cientista espírita italiano, foi quem convenceu Charles Richet da realidade da sobrevivência, cientificamente demonstrada pelo Espiritismo. No campo cultural, em todo o mundo, Bozzano é conhecido por seu critério lógico e seu amor à verdade. A expressão final de sua carta corresponde ao pensamento dominante no mundo culto sobre Roustaing. (H.P.).
- ⁷⁸ Presidente da ordem dos advogados no tribunal.
- ⁷⁹ Satanás, ou Satã, é uma palavra hebraica, que passou para o grego e significa: adversário, inimigo. (Schutel, Cairbar – *O Diabo e a Igreja*, p. 17).
- ⁸⁰ Sub-repticiamente – Obtido por meio de sub-repção, ilícitamente; fraudulento. Omissão ou alteração fraudulenta de fatos que iriam influir em determinadas medidas de ordem moral, legal, disciplinar, etc.
- ⁸¹ A obra completa de Kardec está agora traduzida e publicada em português pela Edicel, de S. Paulo, incluindo os doze vo-

lumes da *Revista Espírita*, por sinal em tradução de Júlio Abreu Filho. Mas a FEB se opôs a esse lançamento e se recusa a permitir a venda da coleção em sua livraria. Quanto à “Introdução” traduzida por Guillon Ribeiro, pertence a *O Livro dos Espíritos*. Júlio discorda da sua edição em separado. (H.P.).

⁸² Estudo da língua em toda a sua amplitude, e dos documentos escritos que servem para documentá-la.

⁸³ A obra de Kardec não ficou inacabada, pois, como vemos, nesse mesmo trecho o autor reconhece a sua solidez. Cabia a Kardec fazer a codificação da doutrina e ele a fez de maneira completa. O avanço no “conhecimento de detalhes” equivale ao desenvolvimento dos seus princípios. Em cada fase da evolução humana há uma obra a fazer para que o edifício do conhecimento se complete. O próprio Kardec explicou isso. Moisés fez a sua obra, o Cristo fez a dele e Kardec a dele. No futuro a construção prosseguirá de acordo com a evolução humana. (H.P.).